

FRANCISCO BEZERRA CHAVES

A FILOSOFIA NA ZONA RURAL: Uma proposta pedagógica para pensar a filosofia
no ensino fundamental, 6º ano na Escola Santo André, no Assentamento 16 de Abril
Município de Governador Newton Bello - MA.

São Luís -MA
2026

FRANCISCO BEZERRA CHAVES

A FILOSOFIA NA ZONA RURAL: Uma proposta pedagógica para pensar a filosofia no ensino fundamental, 6º ano na Escola Santo André, no Assentamento 16 de Abril Município de Governador Newton Bello - MA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PROF-FILO) Mestrado Profissional em Filosofia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite

São Luís -MA
2026

FRANCISCO BEZERRA CHAVES

A FILOSOFIA NA ZONA RURAL: Uma proposta pedagógica para pensar a filosofia no ensino fundamental, 6º ano na Escola Santo André, no Assentamento 16 de Abril Município de Governador Newton Bello – MA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PROF-FILO) Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite

Nota _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite (Orientador) Departamento de Filosofia – UFMA

Prof.^a Dr.^a Marly Cutrim de Menezes / Departamento de Filosofia - UFMA

Prof.^a Dr.^a Zilmara de Jesus Viana de Carvalho / Membro externo ao PROF-FILO

São Luís -MA
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/ UFMA

Bezerra Chaves, Francisco.

A FILOSOFIA NA ZONA RURAL : uma proposta pedagógica
para pensar a filosofia no ensino fundamental, 6º ano na Escola
Santo André, no Assentamento 16 de Abril Município de
Governador Newton Bello - MA / Francisco Bezerra Chaves. -
2026.

207 p.

Orientador(a): Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Rede - Mestrado Profissional em Filosofia/cch, Universidade
Federal do Maranhão, São Luis, 2026.

1. Filosofia de Deleuze. 2. Pedagogia do Conceito ,

Dedico este trabalho a Deus, pela força e pela vida. À minha mãe, Iracema, por ser a base de tudo. Ao Professor Alexandre Jordão, que em 2009 foi o divisor de águas em minha história. Seu magistério transformou meu caminho, despertando em mim o amor pela filosofia e a decisão de seguir como professor. Sem aquele despertar, eu não estaria aqui hoje. Ao Professor Mestre Adriano José, pelo incentivo fundamental para que eu acreditasse ser possível ingressar neste mestrado. Aos meus queridos alunos da Escola Municipal Santo André, com quem compartilhei o chão da escola e a vivência desta pesquisa. E, por fim, dedico este esforço a mim mesmo, pela persistência em honrar a caminhada iniciada há 16 anos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a persistência e a convicção necessárias para atravessar os desafios e chegar a este momento de vitória. Sem a fé, o caminho teria sido impossível.

À minha mãe, Iracema, que nos momentos mais difíceis foi a minha voz de incentivo, lembrando-me sempre de que eu era capaz de conseguir.

Ao meu orientador, Professor Dr. José Assunção Fernandes Leite, pela dedicação, pelas orientações precisas e pelo tempo investido na construção deste trabalho.

Aos Professores Doutores do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), por compartilharem seus conhecimentos e contribuírem para a minha formação acadêmica e humana ao longo deste curso.

Ao Professor Dr. Alexandre Jordão, que em 2009 foi o grande divisor de águas em minha vida. Sua paixão pela filosofia despertou em mim a vocação docente que me trouxe até aqui.

À Professora Nazira, minha professora de Língua Portuguesa desde o ensino médio em 2007, pelo carinho e pelas correções fundamentais que deram forma a este texto.

Ao Professor Mestre Adriano José, de quem fui colega de turma na graduação, pelo incentivo fundamental para que eu acreditasse ser possível ingressar neste mestrado.

À minha colega Dra. Raquel, pelo incentivo incondicional e por acreditar na minha trajetória em todos os momentos.

À Fondazione Senza Frontiere, de origem italiana, e ao seu administrador, Anselmo Castelli. Expresso minha profunda gratidão pelo apoio fundamental, inclusive financeiro, e por me garantirem a estadia em São Luís para os meus estudos. Sem esse suporte, esta jornada não teria se concretizado.

Aos meus colegas de turma, pelo apoio incondicional e pelas trocas de saberes, em especial aos amigos Fredson Paiva, Tiago, Elzeni, Dayane, Francisco e José Carlos, estendendo este carinho aos demais companheiros de jornada.

À Prefeitura Municipal de Governador Newton Bello, na pessoa do Prefeito Daniel Sena, da primeira-dama Maysa Sena e do Secretário de Educação Maurício, por viabilizarem o contrato que permitiu minha atuação na escola-campo.

Ao diretor da Escola Municipal Santo André, Francisco de Araújo, e aos meus colegas professores do turno vespertino, pelo acolhimento, companheirismo e pelo espaço cedido para a realização desta pesquisa.

E, finalmente, ao meu próprio desejo de buscar conhecimento, que me manteve firme no propósito de evoluir como profissional e como ser humano.

Tudo é uma questão de melosquência.

Resumo

Apresenta esta dissertação uma análise da aplicação da filosofia deleuziana no ensino fundamental. O texto propõe a filosofia Gilles Deleuze (e Félix Guattari) como fundamentação teórica e metodológica para uma abordagem singular e criativa do ensino de filosofia para crianças, desafiando as concepções tradicionais de ensino e conhecimento. A premissa central é que a filosofia é a arte de criar conceitos, e essa visão pode ser adaptada para o ensino fundamental. O trabalho tem como objetivo principal apresentar a filosofia deleuziana como ferramenta para repensar a educação, analisando conceitos como: Rizoma: opõe-se a estruturas hierárquicas e lineares, incentivando o pensamento em rede e a multiplicidade. Afetos: relacionados à dinâmica do pensamento e do aprendizado, focando na experiência e nas sensações. Desterritorialização: associado à ruptura e à criação de novas possibilidades de pensar. A pesquisa busca responder se é possível e como se pode ensinar filosofia para crianças a partir dessa perspectiva, não com a intenção de criar um novo método, mas de oferecer uma estratégia de ensino baseada em uma concepção filosófica sólida. Autores como; Silvio Gallo, Maria Luiza Silva Teles e Rosângela Trajano são referências que já exploram o diálogo entre Deleuze e a educação, defendendo a filosofia como criação de conceitos e a pedagogia do conceito. A proposta metodológica envolve a elaboração de uma cartilha filosófica ("Pensar com o Corpo") para turmas do Ensino Fundamental (6º ano, com foco em contextos rurais), que visa instigar os alunos a filosofar a partir de suas próprias experiências e vivências, utilizando o corpo como ponto de partida para a reflexão. Essa abordagem requer uma ruptura com práticas tradicionais, valorizando o corpo, os gestos, os afetos e o pensamento como criação e experimentação, enraizado nas sensações e nas relações com o mundo.

Palavras-Chave: Filosofia de Deleuze, Rizoma, Pedagogia do Conceito, Pensamento Crítico, Cartilha Filosófica, Corpo e Pensamento.

RESUMEN

Esta disertación presenta un análisis de la aplicación de la filosofía deleuziana en la educación primaria. El texto propone la filosofía de Gilles Deleuze (y Félix Guattari) como fundamentación teórica y metodológica para un abordaje singular y creativo de la enseñanza de la filosofía para niños, desafiando las concepciones tradicionales de enseñanza y conocimiento. La premisa central es que la filosofía es el arte de crear conceptos, y esta visión puede ser adaptada para la educación básica. El trabajo tiene como objetivo principal presentar la filosofía deleuziana como herramienta para repensar la educación, analizando conceptos como: **Rizoma**, que se opone a las estructuras jerárquicas y lineales, incentivando el pensamiento en red y la multiplicidad; **Afectos**, relacionados con la dinámica del pensamiento y del aprendizaje, enfocándose en la experiencia y las sensaciones; y **Desterritorialización**, asociada a la ruptura y a la creación de nuevas posibilidades de pensar. La investigación busca responder si es posible y cómo se puede enseñar filosofía a los niños desde esta perspectiva, no con la intención de crear un nuevo método, sino de ofrecer una estrategia de enseñanza basada en una concepción filosófica sólida. Autores como Silvio Gallo, Maria Luiza Silva Teles y Rosângela Trajano son referencias que ya exploran el diálogo entre Deleuze y la educación, defendiendo la filosofía como creación de conceptos y la pedagogía del concepto. La propuesta metodológica implica la elaboración de una cartilla filosófica ("Pensar con el Cuerpo") para grupos de Educación Primaria (6º año, con enfoque en contextos rurales), que busca instigar a los alumnos a filosofar a partir de sus propias experiencias y vivencias, utilizando el cuerpo como punto de partida para la reflexión. Este abordaje requiere una ruptura con las prácticas tradicionales, valorando el cuerpo, los gestos, los afectos y el pensamiento como creación y experimentación, enraizado en las sensaciones y en las relaciones con el mundo.

Palabras clave: Filosofía de Deleuze, Rizoma, Pedagogía del Concepto, Pensamiento Crítico, Cartilla Filosófica, Cuerpo y Pensamiento.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	09
2. DO ACAMPAMENTO À COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO: A REALIDADE DA ESCOLA SANTO ANDRÉ COMO PONTO DE PARTIDA PARA A FILOSOFIA	12
2.1 A REALIDADE DA ESCOLA SANTO ANDRÉ: HISTÓRIA E FUNDAÇÃO	12
2.1.1 O pioneirismo pedagógico: os primeiros educadores e a construção da escola ...	15
2.1.2 A trajetória histórica da Escola Santo André: luta, transformação e consolidação	15
2.1.3 O contexto socioespacial da Escola Santo André e seus desafios de acesso	17
2.2 A QUALIDADE DO ENSINO NO ASSENTAMENTO 16 DE ABRIL	18
2.2.1 Qualificação docente e escassez de recursos didáticos	19
2.2.2 Barreiras tecnológicas e de comunicação	20
2.2.3 A importância da gestão democrática e participativa	20
2.2.4 Dados estruturais e recursos humanos da Escola Santo André	21
2.2.5 Impacto da realidade escolar na vida das crianças da comunidade 16 de abril.....	22
2.3 A FILOSOFIA COMO CRIAÇÃO DE CONCEITOS NA COMUNIDADE RURAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE DELEUZE E TRAJANO	28
2.3.1 Escola Inclusiva: diversidade, ética e transformação educacional	30
3. CARTOGRAFIAS DO PENSAR: A DEFINIÇÃO DE FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DELEUZIANA	34
3.1 OS PRINCÍPIOS DO RIZOMA	38
3.1.1 Princípio de conexão	38
3.1.2 Princípio da heterogeneidade	39
3.1.3 Princípio da multiplicidade	40
3.1.4 Princípio da ruptura assignificante	41
3.1.5 Princípio da cartografia	42
3.1.6 Princípio de decalcomania	44
3.2 AFETOS: A TENSÃO ENTRE IMPESSOALIDADE E SINGULARIDADE	44
3.3 DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO	47
3.3.1 Desterritorialização	48
3.3.2 Reterritorialização	49
3.3.3 A relação entre Desterritorialização e Reterritorialização	50
3.3.4 Aplicações dos conceitos: desterritorialização e reterritorialização	50
3.4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS	51

3.4.1 Infância: concepção deleuziana	54
3.4.2 Ensino de Filosofia para crianças: uma perspectiva deleuziana	55
3.4.3 Adaptação da filosofia deleuziana ao contexto escolar	57
4. CARTILHA FILOSÓFICA: PENSAR COM O CORPO BASEADA NOS PENSAMENTOS DE GILLES DELEUZE E ROSÂNGELA TRAJANO – 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (ZONA RURAL).....	59
4.1 PALAVRAS DO AUTOR	60
4.2 INTRODUÇÃO	63
4.3 SUMÁRIO DA CARTILHA	64
4.4 CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO: FILOSOFIA É UM JEITO DE SENTIR.....	65
4.4.1 Conhecendo Deleuze: Pensar com a Diferença	65
4.4.2 Quem é Rosângela Trajano?	65
4.4.3 O que é Filosofia?	65
4.4.4 O Desafio de Aprender a Pensar	66
4.5 CAPÍTULO II – O CORPO TAMBÉM PENSA?	67
4.5.1 Pensar é Brincar com as Ideias	69
4.5.2 Escutar é uma Filosofia: a cartografia do afeto	71
4.5.3 O que é Pensar Diferente?	76
4.6 CAPÍTULO III – ONDE ESTÁ A FILOSOFIA NO MEU DIA A DIA?	81
4.6.1 A Filosofia Mora na Roça: o Pensar Rural	83
4.7 CAPÍTULO IV – RIZOMA: A GEOMETRIA VARIÁVEL DO PENSAMENTO E A VIDA EM REDE	85
4.8 DICAS PARA O PROFESSOR	88
5. SEMENTES DO PENSAR	95
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
7 REFERÊNCIAS.....	99

1. INTRODUÇÃO

Gilles Deleuze, filósofo francês do século XX, propôs uma filosofia radicalmente inovadora e aberta, que desafia as noções tradicionais de identidade, sujeito e conhecimento. Sua obra, marcada por conceitos como rizoma, afetos e desterritorialização, oferece um terreno fértil para repensar a educação e, em particular, o ensino de filosofia para crianças.

Pensar filosoficamente com crianças requer uma ruptura com as práticas escolares tradicionais e uma abertura para novas formas de se fazer filosofia no espaço educativo. Essa proposta nasce da necessidade de uma abordagem mais sensível, plural e conectada com o cotidiano dos estudantes, em especial aqueles que vivem e aprendem em contextos rurais.

Ao reconhecer o corpo como lugar de pensamento e experiência, busca-se valorizar as expressões corporais, os gestos, os afetos e os modos singulares de estar no mundo. Inspirados nos pensamentos de Rosângela Trajano e Gilles Deleuze, a filosofia é compreendida como uma prática que não se reduz à abstração conceitual, mas que se enraíza nas sensações, nas vivências e nas relações com o outro. Para Trajano, o corpo é linguagem e pensamento, e sua presença na sala de aula é fundamental para que o filosofar ganhe vida e sentido. Já em Deleuze, encontra-se a ideia de pensamento como criação e experimentação, como algo que se move e se dobra a partir do contato com o mundo, em um processo constante de invenção de si e do real.

A partir desses pressupostos, levantamos as seguintes questões que compõem o problema central desta pesquisa: É possível ensinar filosofia para crianças a partir da filosofia deleuziana? Como se pode observar, tal problema se coloca no âmbito da metodologia de ensino de filosofia para crianças.

Neste trabalho, exploraremos a filosofia de Deleuze como um ponto de partida para uma abordagem singular e criativa da filosofia para crianças. A pesquisa tem como objetivos principais:

- ‘Apresentar a filosofia de Deleuze como uma ferramenta para repensar a educação no 6º ano do Ensino Fundamental;
- Analisar os conceitos de rizoma, afetos e desterritorialização e suas implicações para o ensino de filosofia para crianças;

- Discutir os fundamentos teóricos do ensino de filosofia para crianças a partir de uma perspectiva deleuziana;
- Explorar as possibilidades de adaptação da filosofia deleuziana ao contexto escolar, culminando na elaboração de uma proposta pedagógica.

Nossa intenção não é criar um novo método de ensino, mesmo porque há vários estudos que abordam a questão, como os de Paula Ramos (2004), Gallo (2003) e Maria Teles (2011). Nós nos propomos apenas a apresentar uma estratégia de ensino de filosofia para crianças. O ensino de filosofia, como nos diz Cerletti (2009), antes de ser um problema pedagógico é um problema filosófico. Por detrás da prática pedagógica de cada educador que trabalha filosofia, existe uma concepção de filosofia que norteia e fundamenta tal prática.

Por isso, aqui se faz necessário deixar claro que a concepção filosófica que serve de fundamentação teórica para a nossa proposta metodológica de ensino de filosofia para crianças é a concepção dos franceses Deleuze e Guattari, contida nas obras: *O que é filosofia?* (1992), *Mil platôs* (1995) e *O anti-Édipo* (2010), na qual os autores afirmam que: “a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos [...]”. Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13).

Para dialogar com Deleuze no que se refere ao ensino de filosofia, trazemos outros filósofos como Silvio Gallo (2003), com sua obra *Deleuze & a Educação*, e Maria Luiza Silva Teles (2011), com *Filosofia para Crianças e Adolescentes*. A autora apresenta uma metodologia de ensino de filosofia que tem como premissa o conceito de filosofia enquanto a arte de formar, de inventar e criar conceitos, cunhado em Deleuze e Guattari. Gallo, por sua vez, em seu livro, estabelece um diálogo provocativo e enriquecedor entre a filosofia de Gilles Deleuze e as práticas pedagógicas, defendendo a filosofia como atividade de criação de conceitos e propondo a aula de filosofia como uma pedagogia do conceito.

A presente Dissertação está organizada em três capítulos, conforme detalhado a seguir:

O primeiro capítulo trata das ferramentas metodológicas para o ensino da filosofia enquanto oficina de conceitos na sala de aula, precisamente no 6º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente, será abordado o local da pesquisa e suas implicações. Em seguida, discute-se o conceito da filosofia de Deleuze e Guattari, dando destaque para a sua função pedagógica e a importância desses conceitos para o ensino de filosofia com

crianças, destacando seu papel mediador entre os dois campos do conhecimento, o sensível e o abstrato.

Neste segundo capítulo, “Os conceitos deleuzianos e o ensino de filosofia” apresenta-se uma breve introdução à filosofia de Deleuze, com destaque para o conceito de rizoma e sua relação com a ideia de filosofia para crianças. Em seguida, aprofundaremos a análise dos afetos e da desterritorialização, conceitos fundamentais para compreender a dinâmica do pensamento e do aprendizado. Prosseguindo, discutiremos os fundamentos teóricos do ensino de filosofia para crianças, com base em uma concepção deleuziana da infância.

O terceiro capítulo, traz uma proposta pedagógica, aborda a questão central da pesquisa, que é a criação de uma cartilha com conteúdo a ser usado nas aulas de filosofia com crianças, e expõe também alguns métodos de como ensinar filosofia na educação infantil. A referida cartilha será precedida do contexto e do local onde será desenvolvida a pesquisa, além dos procedimentos metodológicos que serão utilizados. A cartilha, intitulada “Pensar com o Corpo”, pretende ser uma ferramenta criativa, acessível e provocadora, com o intuito de instigar os alunos a filosofar a partir de suas próprias experiências, utilizando o corpo como ponto de partida para a reflexão, o diálogo e a construção de sentidos. Na cartilha, encontram-se estratégias de ensino para os professores, sendo que cada aula é estruturada com uma frase norteadora para a discussão do assunto.

2- DO ACAMPAMENTO À COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO: A REALIDADE DA ESCOLA SANTO ANDRÉ COMO PONTO DE PARTIDA PARA A FILOSOFIA

A trajetória da Escola Santo André é indissociável da história de resistência e conquista do Assentamento 16 de Abril. Compreender este espaço exige olhar para além das paredes da sala de aula, reconhecendo que a educação ali semeada nasceu do movimento e da necessidade de uma formação que fizesse sentido para quem vive e trabalha no campo. Nesse contexto, a escola deixa de ser apenas um prédio geográfico para se tornar um território de investigação, onde a realidade local é a matéria-prima para o exercício filosófico. Como ensina Paulo Freire:

A educação não vira o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo. Mas a educação faz sentido quando, nela, os homens e as mulheres se descobrem como seres que transformam o mundo através da sua ação e reflexão. (FREIRE, 1996, p. 32).

Essa transição do "acampamento" para a "comunidade de investigação" propõe que o ato de aprender não seja um processo passivo de recepção de informações, mas um encontro dinâmico entre o saber acadêmico e a vivência rural. Ao adotar a realidade da Escola Santo André como ponto de partida, a filosofia se despoja de seu caráter meramente abstrato e assume sua face prática: a criação de conceitos que ajudem o estudante a ler o seu próprio mundo, transformando a experiência do assentado em potência de pensamento e autonomia.

2.1 A REALIDADE DA ESCOLA SANTO ANDRÉ: HISTÓRIA E FUNDAÇÃO

O espaço geográfico e social onde se inscreve a prática pedagógica nunca é neutro; ele é, antes, um palco de histórias, lutas e construções coletivas que moldam o olhar do estudante e do educador. É nesse cenário carregado de significado que se inicia a jornada de reflexão deste estudo, voltado para o ensino da Filosofia no 6º ano do Ensino Fundamental II. Para compreendermos os desafios e as oportunidades da iniciação filosófica nesse contexto, é imperativo mergulhar na realidade singular da Escola Municipal Santo André, localizada no Assentamento 16 de Abril, em Governador Newton Bello – MA.

O Assentamento, com sua história de resistência e fundação marcada na luta pela terra, exige uma abordagem pedagógica que respeite e utilize a experiência comunitária como matéria-prima para o conhecimento. No entanto, ensinar Filosofia em contextos rurais de luta e com históricos de escassez de recursos, como o da Escola Santo André,

impõe desafios iniciais que merecem ser reconhecidos e superados. A disciplina frequentemente é vista como abstrata ou desvinculada das necessidades práticas de sobrevivência e desenvolvimento da comunidade.

É contra essa visão restritiva que a Filosofia para Crianças (FpC) se posiciona, oferecendo um caminho para transformar a realidade da comunidade em um motor de reflexão autônoma. Maria Luiza Silveira Teles (2011) propõe que a introdução ao pensamento filosófico no Ensino Fundamental deve ser realizada de forma orgânica e envolvente:

Eles deverão ser iniciados e provocados a discutir ideias filosóficas embutidas em história, música, jogos, contos populares, etc. Vão gostar muito da disciplina exatamente porque são convidados a fazer o que mais adoram: perguntar, discutir, pensar e afastar o fantasma da memorização. Além disso serão levantadas questões diretamente ligadas ao seu mundo, como verdade, justiça, bondade, lealdade, sinceridade, liberdade, etc. (TELES, 2011, p. 13).

Nessa perspectiva, as dificuldades e as histórias de luta do Assentamento 16 de Abril, que envolvem diretamente os conceitos de *justiça, liberdade e verdade*, tornam-se o próprio currículo filosófico. A Filosofia abandona os temas distantes e passa a ser uma ferramenta de análise da própria vida.

Ademais, ao confrontar os adolescentes do 6º ano com as questões da comunidade, a Filosofia contribui decisivamente para a formação de sujeitos ativos e conscientes. A disciplina potencializa a capacidade de investigar e de lidar com a complexidade da vida, aspecto crucial em um contexto de constante transformação social:

O aluno, com o decorrer do tempo, vai perceber que é capaz de descobrir coisas novas, ângulos diferentes sobre uma mesma questão e novas ideias. Descobrirá, também, que a filosofia é um pensar sobre o pensar, uma longa atividade de busca e 'escavação'. Aprenderá a enfrentar realidade, que a existência humana é sempre uma atividade de busca, um dilema e não é algo feito, mas pôr se fazer no risco e na incerteza. (TELES, 2011, p. 13).

Ao incitar essa "atividade de busca", a Filosofia garante a autonomia de pensamento necessária para que a comunidade não apenas sobreviva, mas crie e recrie sua própria realidade. Essa construção, que nasce do diálogo e da interrogação, cumpre a exigência filosófica de Deleuze (1992) sobre a finalidade da criação conceitual:

O construtivismo exige que toda criação seja uma construção sobre um plano que lhe dá uma existência autônoma. Criar conceitos, ao menos, é fazer algo. À questão do uso ou da utilidade da filosofia, ou mesmo de sua nocividade (a quem ela prejudica?), é assim modificada. (DELEUZE, 1992, p. 16).

No assentamento, a utilidade da Filosofia é clara: ela permite aos alunos do 6º ano, herdeiros de uma história de luta e construção, **criar conceitos** que os emancipam. Este capítulo, portanto, visa contextualizar a Escola Santo André como um espaço onde

a luta por dignidade e a busca por conhecimento se encontrem, provando que a realidade rural, longe de ser um impedimento, é o terreno mais fértil para a emergência de uma Comunidade de Investigação filosófica.

É neste ponto que a Filosofia para Crianças (FpC), em sua vertente construtivista e experiencial, oferece a chave metodológica para a superação. A proposta não é apresentar a Filosofia como conteúdo enciclopédico, mas como uma ferramenta inerente ao ato de viver, questionar e agir.

A perspectiva de Maria Luiza Silveira Teles (2011) legitima essa abordagem ao demonstrar que os conteúdos clássicos da Filosofia já estão, de forma implícita, presentes na capacidade reflexiva dos jovens:

Na verdade, vamos dar aos alunos gnosiologia, epistemologia, estética, ética, metafísica, lógica, filosofia social, sem que eles percebam que o que está discutindo é este conteúdo da filosofia. Só mais tarde na universidade, eles terão conhecimento de que já começaram a discutir esses tópicos há muito tempo... (TELES, 2011, p. 13).

Essa citação é o eixo teórico que orienta este capítulo: a História do Assentamento 16 de Abril é, em essência, uma história de Filosofia Social, e a trajetória da escola é uma demonstração de Epistemologia prática. Quando os alunos do 6º ano discutem, mesmo que de forma rudimentar, a validade da ocupação da terra ou o conceito de justiça distributiva, eles estão engajados em discussões avançadas de Ética e Filosofia Social. Do mesmo modo, a criatividade e a resiliência dos primeiros educadores, que lecionam em condições precárias, levantam questões profundas sobre a natureza do conhecimento (Gnosiologia) e como ele é construído para além da infraestrutura material.

Assim, a realidade local da Escola Santo André não é um obstáculo para a Filosofia; é, ao contrário, o terreno mais fértil para a emergência de uma Comunidade de Investigação (Lipman). A tarefa da FpC, neste contexto, é dar nome e método a essa reflexão que já existe.

Para compreender como a Filosofia pode ser catalisada pela vivência do assentamento, é necessário antes traçar o panorama histórico da comunidade que deu origem à Escola Municipal Santo André. A história da escola é indissociável da trajetória de luta e coragem das 500 famílias que, em um ato de reivindicação por dignidade, tomaram posse da terra em 16 de Abril de 2007.

A data da invasão não é apenas um marco cronológico, mas um marco fundacional que imprimiu na identidade do povoado o nome Assentamento 16 de Abril.

Três anos depois, em 2010, essa vontade coletiva se materializou na construção da primeira escola, que já nasceu sob o nome Escola Municipal Santo André.

No princípio a escola não possuía uma estrutura física adequada, pois era feita de taipa e com apenas um cômodo, não tinha infraestrutura e nem recursos disponíveis, para os alunos e professores, pois na época o acesso era muito difícil.

2.1.1 O pioneirismo pedagógico: os primeiros educadores e a construção da escola

A história da referida instituição confunde-se com a trajetória de luta e dedicação de seus primeiros educadores. Em um período marcado por grandes dificuldades e condições estruturalmente precárias, um grupo de profissionais compromissados deu os primeiros passos para garantir o direito à educação para as crianças do 1º ao 5º ano.

Entre esses pioneiros, destacam-se os nomes de Averaldo Moraes de Sousa, Cleilson Araújo do Nascimento, Aldenair Moraes de Sousa e Raimunda. Eles foram os primeiros professores a assumir as turmas iniciais da escola, enfrentando desafios diários, como a precariedade da estrutura física, a escassez de materiais didáticos e a ausência de recursos básicos. Mesmo diante de tantas limitações, esses educadores não pouparam esforços para levar o conhecimento às salas de aula e transformar a realidade dos alunos.

A atuação desses profissionais foi marcada por um forte senso de missão, paciência e perseverança. Ensinar, naquele contexto, exigia muito mais que o domínio do conteúdo: era preciso criatividade, resiliência e, sobretudo, afeto pela educação. Esses pioneiros deixaram um inestimável legado de compromisso e esperança, que continua a inspirar os membros atuais da comunidade escolar.

Reconhecer o esforço de Averaldo, Cleilson, Aldenair e Raimunda é, portanto, um ato de valorização da história da escola e de reafirmação da importância de cada educador na construção de um futuro mais justo e promissor.

2.1.2 A Trajetória Histórica da Escola Santo André: Luta, Transformação e Consolidação

A trajetória da instituição é marcada por desafios, superações e conquistas que refletem o compromisso de toda a comunidade com a educação. Em seu início, no contexto de múltiplas limitações estruturais, foi possível dar os primeiros passos graças à coragem e dedicação de quatro educadores, que desempenharam um papel fundamental: Averaldo Moraes de Sousa, Cleilson Araújo do Nascimento, Aldenair Moraes de Sousa e

Raimunda. Tais docentes foram os primeiros responsáveis pelas turmas do 1º ao 5º ano, enfrentando uma realidade extremamente adversa.

Naquele período, a escola funcionava em uma estrutura de taipa, com espaços improvisados e ausência de condições mínimas de conforto. Os recursos pedagógicos eram escassos, e o corpo discente e docente enfrentava diariamente condições físicas desfavoráveis ao processo de ensino-aprendizagem. Apesar disso, o esforço desses educadores era notável: eles buscavam, com criatividade e compromisso, garantir a transmissão do conhecimento, muitas vezes utilizando materiais simples ou confeccionados artesanalmente.

O ambiente escolar, embora precário, era mantido com notável zelo. Os docentes pioneiros enfrentavam não apenas a escassez de infraestrutura, mas também os desafios socioeconômicos dos alunos, cujas famílias, em muitos casos, possuíam pouca ou nenhuma tradição educacional formal. Nesse cenário, a escola se estabelecia como um espaço de esperança e transformação social, e os educadores, como agentes catalisadores dessa mudança.

Em 2014, houve um avanço significativo na estrutura física: a antiga construção de taipa foi substituída por uma edificação em alvenaria, o que representou uma conquista importante para toda a comunidade. Embora muitos obstáculos permanecessem — como a falta de mobiliário adequado, a carência de materiais didáticos e as dificuldades de acesso —, essa mudança física foi um passo crucial na consolidação de um ambiente mais digno para o processo de aprendizado.

No entanto, a transformação mais profunda ocorreu posteriormente. A partir de 2021, a escola passou por uma ampla reforma estrutural, que impactou não apenas o espaço físico, mas também a autoestima do corpo discente, docente e da comunidade. As salas de aula foram renovadas, os espaços externos aprimorados e novas áreas foram criadas para favorecer o desenvolvimento educacional em sua integralidade. Como resultado, a escola consolidou-se como um referencial de qualidade e valorização do ensino na região.

Desde a reforma, nota-se uma mudança expressiva no clima escolar e na relação dos alunos com o espaço educativo. A escola deixou de ser meramente um local de passagem e firmou-se como um ambiente acolhedor, motivador e inspirador. O processo de aprendizagem, antes marcado por dificuldades, passou a ser vivenciado de forma mais prazerosa, colaborativa e eficaz.

Atualmente, a reflexão sobre essa trajetória nos obriga a reconhecer o papel essencial dos primeiros docentes que, mesmo diante de tantos desafios, demonstraram inabalável perseverança. Graças à sua dedicação e ao esforço coletivo da comunidade, foi possível edificar uma escola que honra seu passado e se projeta com esperança para o futuro. A história da Escola Santo André é, portanto, um testemunho vivo de que a educação transforma — não apenas estruturas físicas, mas vidas e possibilidades.

No que tange à infraestrutura, embora a edificação seja adequada internamente (salas, banheiros e cantina), os espaços externos para lazer, sendo áreas abertas da comunidade rural, ficam comprometidos no período de chuva, prejudicando o ambiente escolar em determinados momentos.

2.1.3 O contexto socioespacial da Escola Santo André e seus desafios de acesso

A história da Escola Santo André e do Assentamento 16 de Abril, marcada pela luta por infraestrutura, acesso e reconhecimento, não é apenas um relato sociológico; é o registro de uma série de acontecimentos que exigiram da comunidade e dos educadores a criação de respostas e soluções. A precariedade das estradas, a ausência de transporte escolar e o desafio de lecionar em estruturas de taipa são crises que clamam por reflexão sobre justiça, bem comum, e o valor do conhecimento. Essa realidade viva e pulsante, longe de ser um obstáculo à abstração filosófica, é o seu campo de prova.

Conforme estabelecido no início deste capítulo, o ensino da Filosofia no 6º ano, mediado pela metodologia de Maria Luiza Silveira Teles, visa apresentar a gnosiologia, ética e filosofia social de forma imanente. Aqui, o pensamento de Deleuze (1992) se torna crucial para a proposta: a grandeza de uma filosofia não se mede pelo domínio de autores, mas pela capacidade de **criar conceitos** que nos permitem decifrar a natureza dos acontecimentos vividos. O assentamento, com sua história de fundação e resiliência, fornece a matéria-prima mais rica para essa criação.

O acesso à zona rural de Governador Newton Bello, no interior do Maranhão, é realizado por estradas vicinais, popularmente conhecidas como "carrosais", o que evidencia as dificuldades de deslocamento enfrentadas pelas comunidades mais afastadas. Um exemplo dessa realidade é o Assentamento 16 de Abril, localizado a aproximadamente 12 km da sede municipal. A Escola Santo André, situada nessa localidade, enfrenta desafios significativos que demandam atenção especial do poder público e da sociedade.

A localização geográfica remota impacta diretamente o acesso à educação, dificultando o deslocamento do corpo discente e docente. Consequentemente, limita a oferta de infraestrutura adequada e o acesso a recursos pedagógicos, tecnológicos e materiais, comprometendo a qualidade do ensino e o pleno desenvolvimento das atividades escolares.

A Comunidade do Assentamento 16 de Abril, inserida nesse contexto, demanda um olhar atento para suas necessidades educacionais. Além dos desafios de acesso e infraestrutura (que se agravam em períodos chuvosos, quando as estradas se tornam intransitáveis), é importante notar que a infraestrutura da Escola Santo André já conta com poço artesiano (com água potável), energia elétrica e conexão à internet.

Um dos maiores fatores de impacto no desenvolvimento educacional da comunidade é a ausência de transporte escolar adequado. Visto que muitos dos alunos atendidos residem em fazendas e povoados do entorno, o deslocamento diário se torna um desafio constante, especialmente em períodos de chuva, quando as estradas são precárias ou praticamente intransitáveis. Essa dificuldade de acesso afeta diretamente a frequência dos estudantes, comprometendo o ritmo das aulas e, consequentemente, o processo de ensino-aprendizagem.

Da mesma forma, os docentes também enfrentam obstáculos significativos. Todos os profissionais da educação que atuam na unidade residem fora da comunidade, em municípios ou povoados vizinhos, o que os obriga a depender de transporte próprio ou alternativo, frequentemente com horários limitados e condições de estrada desfavoráveis. Essa situação não apenas ocasiona atrasos e dificuldades logísticas, mas também gera um desgaste físico e emocional que impacta o desempenho do trabalho docente. A infraestrutura deficitária de transporte, portanto, configura-se como uma barreira central a ser superada para garantir a qualidade e a equidade educacional.

2.2 A QUALIDADE DO ENSINO NO ASSENTAMENTO 16 DE ABRIL

A discussão sobre a qualidade do ensino no Assentamento 16 de Abril não deve ser vista apenas como uma meta administrativa, mas como um direito fundamental garantido pela legislação brasileira. No contexto da educação do campo, a qualidade envolve desde a infraestrutura adequada até a valorização de uma proposta pedagógica que respeite a identidade e a luta da comunidade. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96), “o ensino deve ser ministrado com base no seguinte princípio: IX - garantia de padrão de qualidade”. (BRASIL, 1996).

No entanto, para que esse "padrão de qualidade" seja efetivo na Escola Santo André, é necessário superar as barreiras geográficas e estruturais que marcam o cotidiano dos assentados. A busca por um ensino de excelência no assentamento exige que a escola não seja apenas um espaço de reprodução de conteúdos, mas uma "comunidade de investigação" onde a realidade rural seja o ponto de partida para a criação de novos conceitos, integrando o saber científico à vida no chão da terra.

2.2.1 Qualificação docente e escassez de recursos didáticos

Outro fator que compromete significativamente a qualidade da educação ofertada na escola é a escassez de profissionais qualificados e a consequente alta rotatividade de docentes. A constante substituição de professores dificulta a continuidade do trabalho pedagógico e prejudica a construção de vínculos com os alunos, afetando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. A ausência de um corpo docente estável impede o desenvolvimento de práticas educativas consistentes e o acompanhamento adequado da evolução individual de cada estudante.

Além disso, muitos dos professores que assumem turmas nem sempre possuem formação específica na área de atuação, o que limita a profundidade e a qualidade do conteúdo trabalhado em sala de aula. A precariedade de recursos didáticos e materiais escolares também se apresenta como um obstáculo expressivo no cotidiano escolar. A falta de livros atualizados, jogos pedagógicos e equipamentos audiovisuais reduz significativamente as oportunidades de aprendizagem. Nesse cenário, os professores acabam sobrecarregados, sendo forçados a adaptar metodologias e improvisar estratégias para manter os alunos motivados, mesmo com as limitações impostas pela ausência de ferramentas básicas.

A localização remota da escola agrava ainda mais essa realidade. Por estar situada em uma área de difícil acesso, longe dos centros urbanos, a unidade escolar enfrenta sérias dificuldades para atrair e reter profissionais qualificados. Muitos desistem devido aos desafios logísticos, à falta de incentivo e à distância de suas residências. Além disso, a condição geográfica contribui para o isolamento pedagógico, limitando o acesso às formações continuadas, trocas de experiências com outros educadores e atualizações profissionais.

Quanto ao corpo docente, persistem desafios como a falta de professores com qualificação específica e a alta rotatividade de profissionais, que prejudica a qualidade e a continuidade do projeto pedagógico. Apesar das formações promovidas pela Secretaria

de Educação, observa-se certa acomodação por parte de alguns docentes no que tange à busca por aprimoramento contínuo.

2.2.2 Barreiras tecnológicas e de comunicação

Apesar de a escola possuir acesso à internet, a ausência de equipamentos adequados impede que esse recurso seja plenamente utilizado como ferramenta pedagógica. Não há computadores disponíveis para os alunos, tampouco dispositivos com projetores, *tablets* ou lousas digitais que poderiam enriquecer as aulas e dinamizar o processo de ensino.

Assim, a conexão à internet, que poderia ser um importante instrumento de apoio ao aprendizado, acaba sendo subutilizada por falta da infraestrutura necessária. A integração das tecnologias digitais ao cotidiano escolar ainda é um desafio, que depende tanto de investimentos em equipamentos quanto de capacitação dos profissionais para sua utilização eficaz. Além disso, por estar localizada na zona rural, o *acesso telefônico é limitado*, visto que o celular só funciona quando está conectado a uma rede Wi-Fi. Essa restrição na comunicação e no acesso à informação dificulta o desenvolvimento social e econômico, interferindo diretamente na educação dos alunos.

Em relação aos recursos, a escassez de materiais didáticos e escolares, somada à limitação no acesso a equipamentos que permitem o pleno uso da internet, restringe as oportunidades de aprendizado e a diversificação metodológica.

2.2.3 A importância da gestão democrática e participativa

A participação ativa da comunidade na gestão escolar e no acompanhamento do desempenho dos alunos é um dos pilares fundamentais para o fortalecimento da educação pública de qualidade. Quando famílias, lideranças comunitárias e demais membros da sociedade local se envolvem nas decisões e no cotidiano da escola, cria-se um ambiente mais colaborativo, transparente e sensível às reais necessidades dos estudantes. Essa proximidade permite que a escola compreenda melhor o contexto social, econômico e cultural em que os alunos estão inseridos, possibilitando a adoção de estratégias pedagógicas mais eficazes e inclusivas.

Nesse sentido, o fortalecimento do diálogo permanente entre a escola e a comunidade é essencial. Esse relacionamento deve ir além das reuniões pontuais, promovendo canais constantes de escuta, troca de informações e construção conjunta de

soluções. Quando a comunidade se sente pertencente ao espaço escolar, há um aumento significativo no engajamento dos pais e responsáveis, na valorização da educação e no apoio ao trabalho dos profissionais. A co-responsabilidade entre família e escola contribui diretamente para a melhoria do desempenho dos alunos e para o desenvolvimento de uma educação mais significativa e contextualizada.

Essa diretriz é respaldada pela própria legislação brasileira, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu Artigo 12. O referido artigo estabelece que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, têm como incumbência: "articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola" (Inciso VI).

Esse dispositivo legal reforça a importância da construção de uma gestão democrática e participativa, em que a escola deixa de ser um espaço isolado e passa a se constituir como um centro ativo de transformação social. Dessa forma, promover a participação da comunidade não é apenas uma boa prática pedagógica, mas um dever institucional e legal.

A participação da comunidade na educação das crianças é fundamental para o sucesso escolar. Os pais e responsáveis demonstram engajamento no acompanhamento escolar dos filhos, participando de reuniões e auxiliando nas tarefas de casa, fazendo-se presentes sempre que solicitados pela escola.

2.2.4 Dados estruturais e recursos humanos da Escola Santo André

Para finalizar a caracterização da instituição, é crucial apresentar os dados quantitativos de sua estrutura física e de seu corpo funcional. A Escola Municipal Santo André oferta o ensino desde o Maternal até o 9º ano do Ensino Fundamental.

- **Estrutura Física:** A instituição possui cinco (5) salas de aula (climatizadas), funcionando nos turnos matutino e vespertino, três (3) banheiros (sendo um adaptado para cadeirantes), uma (1) cozinha (cantina), um (1) pátio e uma (1) secretaria (sala da direção). O corredor também é utilizado como auditório.

- **Corpo Docente:** A escola atende 107 alunos, sendo 33 da Educação Infantil e 74 do Ensino Fundamental.

- **Organização de Turmas** (Multisseriadas): Matutino: Maternal (1 sala), Pré-Escola (1 sala), 1º, 2º e 3º ano (1 sala multisseriada), 4º e 5º ano (1 sala multisseriada). Vespertino: 6º e 7º ano (1 sala multisseriada), 8º e 9º ano (1 sala multisseriada).

●**Recursos Humanos:** A escola conta com 23 funcionários no total, com a seguinte distribuição e formação:

- Professores (8): Dois possuem curso superior e especialização; um está cursando Pedagogia; e cinco têm ensino médio completo.
- Auxiliares de Sala (3): Uma com ensino médio completo e duas com fundamental completo.
- Diretor (1): Ensino fundamental completo.
- Coordenadora Pedagógica (1): Ensino médio completo.
- Outros: Cinco ASGs (três efetivas), duas merendeiras e quatro vigias (sendo um concursado).

Essas condições demonstram a urgência de ações concretas voltadas à valorização dos profissionais, à melhoria da infraestrutura e à ampliação dos recursos didáticos e tecnológicos, para que se possa garantir um ensino mais justo, inclusivo e de qualidade para todos os alunos.

Os recursos disponíveis para a educação na zona rural de Governador Newton Bello incluem verbas provenientes de programas governamentais federais, como o Programa Nacional de Transporte Escolar (PNATE) e o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), que fornecem recursos financeiros diretos para as escolas.

Os recursos são prioritariamente municipais, destinados à construção e reforma de escolas, à compra de materiais escolares e à contratação de professores. No entanto, a comunidade não conta com o apoio de organizações não governamentais (ONGs) que ofereça projetos e programas educacionais suplementares para as comunidades rurais.

2.2.5 Impacto da realidade escolar na vida das crianças da comunidade 16 de abril

A realidade escolar na comunidade 16 de Abril pode impactar a vida das crianças de diversas formas:

- **Oportunidades de aprendizado:** A escola, especialmente em contextos rurais e de vulnerabilidade social — como o do Assentamento 16 de Abril, localizado a 12 km da sede do município de Governador Newton Bello, no Maranhão —, cumpre um papel que ultrapassa a simples transmissão de conteúdo. Ela atua, conforme afirma José Carlos Libâneo, como mediadora entre as condições concretas de vida dos alunos e a possibilidade de ascensão social:

A escola é mediadora entre a condição concreta de vida da clientela que nela ingressa e a distinção social desta clientela. Se a realização contraditória entre reprodução e mudanças se afetam na e pela escola, essa mediação se dará tanto no sentido de que a distinção social desta clientela reafirma as suas condições de origem, quanto no sentido de que estas condições de origem sejam negadas. (LIBÂNEO, 1985, p. 16).

Nesse sentido, a escola pode reproduzir as desigualdades sociais quanto romper com elas, a depender das oportunidades de aprendizado oferecidas, da qualidade do ensino e do compromisso com a formação integral dos estudantes.

Quando a instituição limita-se a repetir práticas excludentes, sem garantir acesso equitativo a recursos, metodologias significativas e formação docente adequada, ela reafirma a exclusão vivida fora de seus muros. No entanto, quando assume um papel ativo de transformação, auxilia os alunos a superarem as limitações impostas por suas condições de origem, abrindo caminhos para projetos de ascensão individual e coletiva.

Essa "negação das condições de origem" mencionada por Libâneo manifesta-se tanto no desejo de melhoria de vida pessoal quanto no anseio por transformações sociais mais amplas. Contudo, esse processo só é viável por meio da apropriação do conhecimento. A qualidade do ensino, portanto, é um fator determinante: ela influencia diretamente o desenvolvimento cognitivo e amplia o repertório cultural, as habilidades críticas e a capacidade de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Em contextos como o da escola do Assentamento 16 de Abril, o potencial transformador da educação encontra obstáculos concretos: ausência de professores qualificados, alta rotatividade profissional, escassez de recursos didáticos, dificuldade de acesso geográfico e a carência de tecnologias integradas ao ensino. Tais limitações comprometem o direito básico à educação de qualidade e restringem severamente o desenvolvimento dos estudantes, dificultando a implementação de uma pedagogia inclusiva em territórios onde a exclusão histórica é intensificada pela precariedade material.

Sob essa ótica, Rosângela Trajano (2013, p. 37) destaca a urgência de considerar as especificidades de cada contexto:

Não se pode falar em inclusão sem garantir as condições reais para que ela ocorra. É preciso assegurar infraestrutura, recursos, formação docente e gestão democrática; caso contrário, a escola continuará sendo seletiva e excludente, especialmente com os que mais precisam dela.

A ausência dessas garantias transforma a escola em um espaço que, em vez de promover equidade, acaba por reproduzir desigualdades históricas. Portanto, refletir sobre

as carências estruturais de escolas rurais é essencial para o fortalecimento de políticas públicas que reconheçam e acolham a diversidade dos sujeitos da educação.

Diante desse cenário, a função social da escola deve ser pautada na superação de desigualdades. A mediação proposta por Libâneo exige políticas públicas eficazes, investimentos em infraestrutura e valorização profissional. Oferecer educação de qualidade em contextos desfavorecidos não é apenas um dever administrativo — é, primordialmente, um ato de justiça social.

● **Desenvolvimento social:** a escola não é apenas um espaço destinado à aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas também um território de construção subjetiva, formação social e experimentação coletiva. É nesse espaço que os sujeitos se constituem por meio das interações, aprendendo a conviver, dialogar, cooperar e lidar com conflitos de maneira construtiva. Ao propiciar ambientes de socialização, a escola favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais, como o trabalho em equipe, a empatia, o respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos.

Nesse contexto, a reflexão de Deleuze e Guattari oferece uma perspectiva filosófica potente. Segundo os autores:

Quando o plano seleciona o que cabe de direito ao pensamento para fazer dele seus traços, instituições, direções ou movimentos diagramáticos. Ele remete outras determinações ao estado de simples fatos, caracteres de estados de coisas, conteúdos vividos. E certamente a filosofia poderá tirar conceitos destes estados de coisas, desde que ela deles extraia o acontecimento. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 64).

Essa citação convida a escola pensar não apenas como um conjunto de estruturas estáticas — prédios, horários e disciplinas —, mas como um campo de forças, acontecimentos e transformações.

Assim, o ambiente escolar pode ser visto como um "plano" de experimentação em que os sujeitos se reorganizem, rompam com modelos estabelecidos e produzam novos sentidos a partir da vivência concreta. Cada situação vivida torna-se um "acontecimento" que ultrapassa o fato isolado e gera novos modos de ser e pensar.

No entanto, essa potência transformadora depende de condições materiais e humanas. A ausência de espaços apropriados, como pátios, bibliotecas ou quadras, bem como a falta de atividades extracurriculares, limita as oportunidades de socialização e empobrece o cotidiano escolar. Em comunidades como o Assentamento 16 de Abril, onde

os recursos são escassos, a negação desses espaços representa a negação de experiências essenciais à formação cidadã.

Portanto, refletir sobre a escola como espaço de acontecimento, conforme sugerem Deleuze e Guattari, é reconhecer que o processo educativo ultrapassa os currículos formais e se concretiza nos vínculos, nas interações e nas possibilidades que emergem no cotidiano. Cabe ao poder público, à gestão escolar e à sociedade garantir que esse espaço se mantenha vivo, criativo e acolhedor — um território onde o conhecimento se encontre com a vida e onde cada sujeito possa criar e recriar sua própria história dentro de um coletivo em constante transformação.

- Futuro profissional: a educação, enquanto prática social e política, possui o potencial de romper com o ciclo da pobreza ao oferecer às crianças condições para construir um futuro com mais autonomia. Entretanto, a ausência de uma educação pública eficiente e estruturada, especialmente em regiões mais vulneráveis e distantes dos centros urbanos, pode perpetuar desigualdades históricas. A falta de investimento, a carência de professores qualificados e a escassez de recursos pedagógicos são barreiras reais que impedem a concretização desse papel emancipador da escola.

Quando não se garante a todas as crianças o direito de aprender com equidade, o que se impõe é a reprodução de um sistema que naturaliza a exclusão e limita o horizonte de futuro das camadas mais pobres da população. É nesse ponto que Deleuze e Guattari lançam uma reflexão filosófica profunda e necessária. Ao afirmarem que:

Ocorre uma grande mudança, não somente nos conceitos, mas na imagem do pensamento, quando a ignorância e a superstição vão substituir o erro e o preconceito para imprimir, de direito, o negativo do pensamento [...] o que mudam são, ao mesmo tempo, os movimentos infinitos nos quais o pensamento se perde e se conquista. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 203).

Os autores nos alertam para o risco de um pensamento que deixa de evoluir quando a ignorância se institucionaliza, bloqueando o verdadeiro movimento criador do pensar. Na ausência de uma educação crítica e transformadora, o pensamento perde sua capacidade de se reinventar, de criar novos mundos e de conquistar novas realidades.

Assim, o papel da escola não é apenas o de formar para o mercado de trabalho, mas o de restituir ao sujeito a potência de pensar e de agir sobre sua realidade. A formação profissional precisa estar articulada com a formação ética, política e existencial do indivíduo. Quando a educação é reduzida a um treinamento técnico, sem o estímulo ao pensamento crítico, ela deixa de cumprir sua função libertadora. Por outro lado, quando

promove a reflexão, a invenção e a criação de sentido, a escola devolve ao sujeito o direito de imaginar outros futuros possíveis.

Portanto, assegurar uma educação pública de qualidade é mais do que garantir um direito básico — é permitir que cada criança possa conquistar não apenas um emprego, mas o domínio sobre sua própria história. É impedir que a ignorância seja institucionalizada e garantir que o pensamento, em seu movimento infinito, continue se reinventando, mesmo em meio às adversidades.

Em uma sociedade marcada por desigualdades, a escola deve ser, antes de tudo, um lugar de resistência, de abertura ao novo e de afirmação da dignidade humana.

● **Transformação social:** A educação configura-se como um dos pilares centrais da transformação social, ao possibilitar a formação de sujeitos críticos, autônomos e engajados na promoção de uma sociedade mais justa, equitativa e democrática. Ao proporcionar o desenvolvimento de capacidades cognitivas, éticas e políticas, a educação exerce um papel estruturante na constituição da cidadania ativa e na superação de desigualdades historicamente enraizadas (FREIRE, 1996, p. 23-33). Nesse contexto, torna-se pertinente articular a discussão educacional com o conceito de rizoma, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), a fim de repensar os modelos pedagógicos tradicionais, ainda fortemente marcados por lógicas centralizadoras, verticalizadas e excludentes.

O rizoma, conforme os autores, representa uma estrutura que se opõe à organização arbórea e hierárquica do saber. Deleuze e Guattari afirmam:

Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. [...] Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são, com todas suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

A metáfora rizomática, ao enfatizar a multiplicidade, a conexão e a heterogeneidade, oferece uma chave teórica potente para se pensar uma educação que vá além da linearidade dos currículos e da rigidez institucional. Em vez de transmitir conteúdos de forma hierarquizada e uniforme, a proposta rizomática inspira práticas educativas que valorizem trajetórias singulares, saberes diversos e formas plurais de construção do conhecimento (CERTEAU, 1994, p. 34).

Nesse sentido, uma abordagem rizomática da educação não apenas reconhece, mas valoriza a complexidade dos contextos culturais, sociais e subjetivos dos estudantes,

contribuindo para a desconstrução de uma visão homogênea e universalizante da aprendizagem. Trata-se de um paradigma que rompe com a lógica da domesticação e da reprodução, abrindo espaço para uma pedagogia do encontro, da escuta e da criação (FREIRE, 1996; SKLIAR, 2003).

A escola, portanto, deve ser concebida como um espaço de multiplicidade e de resistência, no qual diferentes vozes possam emergir e dialogar, produzindo saberes situados e socialmente comprometidos.

Contudo, esse potencial emancipador da educação é sistematicamente limitado pela desigualdade no acesso a uma formação de qualidade. A persistência de disparidades socioeconômicas, regionais e étnico-raciais no sistema educacional brasileiro compromete a universalização dos direitos educacionais e dificulta a efetivação de uma pedagogia verdadeiramente transformadora (SAVIANI, 2008, p. 191–195).

Quando o acesso à educação é restrito ou precário, os sujeitos são impedidos de desenvolver plenamente suas capacidades críticas e participativas, o que perpetua a exclusão social e a marginalização de grupos historicamente oprimidos.

Diante desse cenário, é urgente que as políticas públicas em educação assumam o compromisso com a justiça social, garantindo não apenas a ampliação do acesso, mas também a melhoria das condições de permanência e aprendizagem. Isso implica promover uma educação que reconheça as singularidades dos sujeitos, dialogue com as realidades locais e incentive a produção de conhecimentos comprometidos com a transformação social. Assim como o rizoma se expande por vias imprevisíveis e múltiplas, a educação deve ser capaz de fomentar práticas pedagógicas criativas, críticas e libertadoras, orientadas por uma ética do cuidado, da diversidade e da equidade.

É importante ressaltar que a realidade escolar não se restringe apenas ao ambiente da sala de aula, mas abrange também o contexto familiar e comunitário no qual a escola está inserida. O envolvimento da família e da comunidade na vida escolar das crianças é fundamental para o seu sucesso acadêmico e desenvolvimento integral, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, como o vivenciado pelas populações dos assentamentos rurais. Nesses espaços, a escola torna-se não apenas um local de ensino, mas um ponto de articulação de saberes, valores e práticas sociais que podem promover pertencimento e cidadania.

2.3 A FILOSOFIA COMO CRIAÇÃO DE CONCEITOS NA COMUNIDADE RURAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE DELEUZE E TRAJANO

Quando pensamos na realidade das comunidades rurais, muitas vezes marcadas por limitações de acesso à cultura, ao conhecimento e à diversidade de pensamentos, a filosofia pode e deve atuar como ponte. Criar conceitos filosóficos nesse contexto não significa ensinar os nomes dos filósofos antigos ou decorar ideias difíceis, mas sim construir, junto aos alunos, ferramentas para pensar melhor a vida, o mundo, a natureza, o trabalho e os valores da comunidade.

Sobre o caráter criativo da filosofia, Gilles Deleuze afirma:

O construtivismo exige que toda criação seja uma construção sobre um plano que lhe dá uma existência autônoma. Criar conceitos, ao menos, é fazer algo. À questão do uso ou da utilidade da filosofia, ou mesmo de sua nocividade (a quem ela prejudica?), é assim modificada. (DELEUZE, 1992, p. 16).

Com essa afirmação, Deleuze nos convida a pensar a filosofia não como um saber abstrato e distante da vida cotidiana, mas como algo vivo, capaz de ser construído e útil, especialmente quando auxilia na formação do pensamento crítico dentro da realidade em que vivemos.

Rosângela Trajano, pesquisadora e educadora, reforça essa ideia ao afirmar: "A filosofia na educação básica precisa deixar de ser um saber elitizado e tornar-se uma experiência viva, dialogada com a realidade do aluno" (TRAJANO, 2013). Isso é especialmente verdadeiro no ensino de filosofia para alunos do 6º ano nas escolas do campo. Nessa etapa da vida, os estudantes começam a desenvolver uma percepção mais apurada do mundo ao seu redor. Levar a filosofia para esse contexto, fundamentada na criação de conceitos, é essencial para que eles se sintam capazes de pensar com autonomia.

Criar conceitos, como propõe Deleuze, é mais do que transmitir uma definição pronta; é convidar o aluno a participar da construção do significado. Por exemplo, em uma aula na escola do campo, em vez de apenas discorrer sobre o conceito abstrato de "liberdade", o professor pode instigar a turma: *O que é liberdade para quem planta, para quem depende da chuva ou para quem vive distante dos centros urbanos?* Essa reflexão parte do cotidiano para, a partir dele, construir o conhecimento filosófico.

Dessa forma, o pensamento filosófico torna-se uma prática viva e concreta, que auxilia o estudante a localizar-se no mundo e a compreender as relações sociais, políticas e naturais ao seu redor. Isso contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e atuantes, mesmo — ou principalmente — no campo. A filosofia não deve ser um luxo de

poucos, mas um instrumento acessível a todos, especialmente àqueles que, frequentemente, são negligenciados pelas políticas públicas de educação.

A criação de conceitos no espaço rural pode, por exemplo, ajudar os alunos a compreenderem melhor a própria identidade, o valor do seu modo de vida, o significado do trabalho coletivo, o respeito ao meio ambiente e a importância da solidariedade. O ensino da filosofia, quando construído dessa maneira, torna-se um meio de empoderamento intelectual e cultural.

Portanto, ao retomar Deleuze, podemos afirmar que o ensino de filosofia deve deixar de ser visto como um conteúdo estático e hermético, útil apenas àqueles inseridos na tradição acadêmica. Criar conceitos é um fazer: é agir sobre a realidade. Agir filosoficamente nas escolas do campo é uma forma profunda de transformar a educação, tornando-a mais justa, inclusiva e significativa.

Assim como Deleuze, Trajano recorda-nos que a filosofia não oferece respostas prontas, mas é uma forma de elaborar perguntas e criar novos modos de entender a existência. Na zona rural, onde muitas vezes os jovens se sentem distantes dos centros urbanos e das tendências globais, a filosofia pode ser o caminho para valorizar os saberes locais — a sabedoria da terra, os relatos dos antepassados e os conhecimentos tradicionais — ao mesmo tempo em que abre o pensamento para novas possibilidades.

No 6º ano, os alunos encontram-se em uma fase de descoberta do mundo e de si mesmos, formulando questionamentos inerentes à filosofia: por que as coisas são assim? O que é certo ou errado? Para que serve o que estou aprendendo? A filosofia, nesse momento, atua como validadora dessas inquietações, demonstrando que o ato de pensar é, em si, uma forma de agir. Criar conceitos, na perspectiva deleuziana, consiste em construir pontes entre a vida presente e o horizonte do que se deseja viver.

Por exemplo, ao refletir sobre a relação entre o ser humano e o meio ambiente, um estudante da zona rural pode elaborar o conceito de "respeito ambiental". Essa construção, ainda que aparentemente simples, é capaz de guiar ações, inspirar pares e transformar o ambiente escolar. Percebe-se, assim, que a filosofia revela sua utilidade prática ao colaborar na formação de cidadãos mais críticos, criativos e responsáveis.

Quando os alunos percebem que possuem autonomia para nomear suas vivências e atribuir sentido ao cotidiano, passam a sentir-se integrados ao mundo. Como propõe Trajano, essa experiência viva é uma forma de dar voz àqueles que, historicamente, foram silenciados. Fazer filosofia, portanto, exige pensar com liberdade e coragem, mantendo sempre o vínculo indissociável com a realidade concreta.

Dessa forma, ensinar filosofia no campo para o 6º ano equivale a semear o pensamento. Assim como na agricultura, esse cultivo exige tempo, cuidado e diálogo. Criar conceitos assemelha-se ao plantio de uma "roça de ideias" e, como dita a sabedoria popular camponesa: "quem planta, colhe". Ao plantarmos o exercício filosófico, colheremos jovens mais conscientes e capazes de transformar a realidade ao seu redor.

2.3.1 Escola Inclusiva: diversidade, ética e transformação educacional

De acordo com Trajano (2013), é fundamental compreender a escola como um espaço aberto às diferenças, às realidades locais e às múltiplas vozes que a compõem. A autora afirma:

Escola inclusiva é aquela que acolhe os diferentes, não apenas fisicamente, mas que reconhece e valoriza a pluralidade de experiências, saberes, culturas e modos de ser que cada sujeito traz consigo. É uma escola comprometida com a construção de relações democráticas, dialógicas e respeitosas, que articule o ensino formal com os contextos familiares e comunitários dos alunos. O acolhimento da diversidade, nesse sentido, não é um favor, mas um direito fundamental e um princípio ético e político da educação. (TRAJANO, 2013, p. 45).

Essa compreensão da escola como espaço de valorização das diferenças exige uma mudança de perspectiva em relação ao processo educativo. Não se trata meramente de integrar estudantes com características distintas ao ambiente escolar, mas de promover uma cultura institucional que legitime a diversidade como valor formativo. A educação inclusiva, portanto, ultrapassa os limites da acessibilidade física ou da adaptação curricular; ela constitui-se, sobretudo, como uma prática cotidiana de reconhecimento, escuta ativa e construção coletiva de saberes.

Nesse sentido, a efetivação de uma educação de qualidade requer investimentos que transcendam a infraestrutura física e os recursos pedagógicos, alcançando a construção de vínculos sólidos entre escola, família e comunidade. Somente por meio dessa articulação, comprometida com a equidade e a participação social, é possível promover uma transformação educacional verdadeiramente significativa e emancipadora. É nesse diálogo permanente entre os diversos atores da comunidade escolar que se consolidam os princípios de uma educação democrática, plural e inclusiva.

Essa construção coletiva exige que o ambiente escolar abandone modelos engessados e uniformizadores, abrindo-se ao que Gilles Deleuze chamou de "pensamento do múltiplo". Para o filósofo, a multiplicidade é a marca da existência e não há um único modo de ser, aprender ou compreender o mundo. Assim, a escola deve tornar-se um

território de produção de diferença. Deleuze convida-nos a pensar em uma educação que não normalize os sujeitos, mas que potencialize suas singularidades: “A educação deve ser a arte de formar e inventar, e não simplesmente de reproduzir” (DELEUZE, 1992).

Nessa perspectiva, o processo educativo deixa de ser apenas a transmissão de conteúdos fixos e converte-se em uma experiência de experimentação e criação. Quando a instituição valoriza a diversidade e promove o encontro entre saberes distintos — sejam eles científicos, culturais, locais ou afetivos —, ela torna-se um espaço vivo, no qual todos possuem voz, presença e relevância.

Trajano (2013) reforça esse compromisso ao afirmar que uma escola verdadeiramente inclusiva articula o ensino formal aos contextos familiares e comunitários dos educandos. Esse vínculo não é periférico, mas essencial: é no entrelaçamento das vivências cotidianas, das memórias culturais e das histórias pessoais que se tece uma educação significativa, situada e emancipadora. O respeito às diferenças, nesse sentido, não deve limitar-se à tolerância, mas expandir-se ao reconhecimento do outro como legítimo em sua singularidade.

A efetivação dessa proposta pedagógica exige investimentos que transcendem a infraestrutura e os recursos didáticos. Embora tais elementos sejam importantes, são insuficientes para garantir uma educação de qualidade socialmente referenciada. É necessário fomentar uma mudança cultural no interior das instituições, repensando valores, práticas e as formas de relação entre os sujeitos. Isso implica criar espaços reais de escuta e diálogo, nos quais a voz de cada integrante da comunidade escolar — especialmente a dos estudantes e de suas famílias — seja acolhida como parte estruturante do projeto pedagógico.

Garantir a participação ativa das famílias não se limita à presença em reuniões formais, mas envolve reconhecer seus saberes e experiências como contribuições legítimas para a formação integral. Valorizar os saberes populares é um passo fundamental para romper com lógicas excludentes e coloniais que, historicamente, invisibilizaram determinados grupos no ambiente escolar. A construção de práticas centradas na equidade demanda intencionalidade e compromisso com a justiça social, reconhecendo as desigualdades estruturais para enfrentá-las no cotidiano.

Essa transformação não ocorre de forma imediata nem linear; ela se concretiza nas ações diárias, nas escolhas pedagógicas e nas relações construídas em sala de aula. É um processo contínuo que exige formação crítica dos educadores, revisão constante das

metodologias e abertura para o diálogo com a diversidade. Trata-se de uma construção que molda tanto o currículo quanto a gestão escolar.

Como afirma Vygotsky (2007, p. 101), “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual”. Tal premissa reforça a importância do contexto social e das interações no processo educativo. A aprendizagem, portanto, não é um ato isolado, mas um fenômeno mediado pelas relações, pela linguagem e pela cultura. Nesse sentido, a escola deve configurar-se como um espaço de construção coletiva, onde todos os sujeitos tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente, respeitando-se suas trajetórias, identidades e contextos de vida.

Pensar a inclusão a partir dessas bases ético-filosóficas também nos leva a repensar o papel do professor. Mais do que transmissores de conteúdo, os educadores atuam como mediadores de experiências, incentivadores do pensamento crítico e criadores de ambientes acolhedores e instigantes. A educação inclusiva, inspirada tanto nos princípios de Trajano quanto na filosofia de Deleuze, convida o docente a ser, ele próprio, um aprendiz do diverso — alguém disposto a escutar, dialogar e reconstruir constantemente sua prática.

Nesse cenário, torna-se indispensável o fortalecimento de propostas pedagógicas que dialoguem com essa perspectiva de inclusão ativa e emancipadora. Uma dessas propostas é o ensino de Filosofia na educação básica, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental. A Filosofia, por sua própria natureza, instiga o pensamento, a problematização e a valorização do outro; ela ensina a escuta de ideias distintas, a reflexão sobre a existência, o desenvolvimento da empatia e o exercício da argumentação respeitosa.

É imbuídos desse espírito que apresentamos, no capítulo seguinte, as bases teóricas deleuzianas que fundamentam a elaboração da **“Cartilha Filosófica: Pensar com o Corpo — Baseada nos pensamentos de Gilles Deleuze e Rosângela Trajano”**, voltada ao 6º ano do Ensino Fundamental na zona rural, que será o tema central do terceiro capítulo. Elaborada sob princípios inclusivos e dialógicos, essa ferramenta tem como objetivo introduzir os estudantes no universo filosófico de forma acessível, criativa e crítica. A proposta busca promover o pensamento livre, o questionamento ético e a valorização da diversidade de experiências que os alunos trazem de seus contextos de vida.

A Filosofia, como prática escolar, não deve ser privilégio de poucos, mas um direito de todos. Ao oferecer aos estudantes a possibilidade de pensar sobre o mundo, sobre si mesmos e sobre o outro, ela torna-se uma potente ferramenta de inclusão. Abre, assim, caminhos para a construção de uma escola que, como almeja Trajano, valorize as múltiplas vozes e, como propõe Deleuze, abrace a multiplicidade como potência de criação e liberdade.

3. CARTOGRAFIAS DO PENSAR: A DEFINIÇÃO DE FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DELEUZIANA

A caracterização da filosofia como a "arte de formar, inventar e fabricar conceitos" convida-nos a enxergar a disciplina não meramente como um corpo de conhecimentos preexistentes, mas como um processo dinâmico e criativo de construção de significados. Sob essa ótica, o conceito não é uma definição estática, mas uma resposta a uma questão ou a um problema que se apresenta ao pensamento.

Dessa maneira, a filosofia constitui-se como uma atividade essencialmente criativa, distanciando-se de uma contemplação passiva da realidade. Trata-se de um exercício constante de questionamento e análise no qual o filósofo não se limita a reproduzir discursos outrora estabelecidos; ao contrário, busca engendrar novas perspectivas e interpretações que deem conta da complexidade do real.

Nesse processo, os conceitos filosóficos atuam como dispositivos através dos quais observamos e interpretamos o mundo. Eles funcionam como ferramentas que nos permitem conferir sentido às nossas experiências, analisar problemas complexos e formular novas perguntas. Para o estudante, especialmente no contexto rural, apropriar-se desses conceitos significa adquirir os meios para ler a própria realidade de forma autônoma e inventiva.

Ao remeter-se à compreensão do mundo e do próprio sujeito, a filosofia não se restringe a questões abstratas ou metafísicas; busca, igualmente, compreender a natureza humana, as relações sociais, a ética e a política. Através da criação de conceitos, o pensamento auxilia o ser humano a compreender a si mesmo e o seu lugar no mundo. Pode-se entender a filosofia como um processo contínuo de criação *ad infinitum*, no qual novas questões surgem com o passar do tempo, exigindo que a disciplina se adapte e evolua para respondê-las.

Sobre a maturidade desse questionamento, Deleuze e Guattari (1992, p. 10) afirmam:

Nós não podemos aspirar a um tal estatuto. Simplesmente chegou a hora, para nós, de perguntar o que é a filosofia. Nunca havíamos deixado de fazê-lo, e já tínhamos a resposta que não variou: a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. Mas não seria necessário somente que a resposta acolhesse a questão, seria necessário também que determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão.

Percebe-se, assim, que a filosofia não é abstrata, pois está profundamente enraizada na experiência humana, nas relações sociais, nas condições históricas e nas questões concretas que surgem em cada época.

Nesse sentido, ao questionar se a filosofia é moldada pelo seu tempo, observa-se que uma mesma pergunta pode soar distinta em diferentes contextos e culturas, uma vez que o cenário histórico molda as preocupações e as perspectivas dos sujeitos. A resposta filosófica é, portanto, contextual; uma solução satisfatória não pode ser descolada do ambiente em que emerge, pois precisa levar em consideração as circunstâncias específicas que a geraram.

Deleuze e Guattari (1992, p. 10) propõem ainda que a formulação dessa pergunta ocorra entre amigos e inimigos:

Seria preciso formulá-la “entre amigos”, como uma confiança ou uma confiança, ou então face ao inimigo como um desafio, e ao mesmo tempo atingir esta hora, entre o cão e o lobo, em que se desconfia mesmo do amigo

A filosofia, ao ser pensada a partir da formulação de perguntas “entre amigos” ou “face ao inimigo”, revela-se, em última instância, como um processo de interlocução e confronto. Mais do que uma simples troca de ideias, é uma atividade que envolve o tensionamento de argumentos e a busca por uma compreensão que ultrapasse o senso comum. Nesse sentido, a filosofia não é apenas um exercício intelectual, mas um desafio: ao formular uma questão frente ao “inimigo”, o filósofo busca romper com respostas superficiais e aprofundar a investigação rumo à criação de novos conceitos.

No tocante à filosofia e ao tempo, a expressão “entre o cão e o lobo” — que remete ao crepúsculo — evoca um momento de transição, de incerteza e de suspensão do julgamento. É o instante em que as distinções entre o conhecido e o desconhecido se tornam tênues. A filosofia, ao situar-se nesse limiar, busca justamente explorar essas zonas de incerteza e de devir. Desse modo, destacam-se pontos fundamentais na obra dos autores: as relações de desconfiança e confiança e o papel das personagens conceituais.

As dinâmicas de desconfiança e confiança que surgem na relação com o “amigo” revelam a complexidade dos encontros e a necessidade de uma constante vigilância epistemológica. Para Deleuze, o pensamento exige que o filósofo esteja sempre disposto a questionar suas próprias crenças e as verdades estabelecidas, transformando a amizade em uma condição de possibilidade para a abertura ao novo.

As personagens conceituais, por sua vez, são figuras que encarnam determinadas qualidades, movimentos ou ideias dentro de um plano de pensamento. Elas não são meras

representações, mas potências que dão vida aos conceitos. Estas personagens servem como guias ou dispositivos para a compreensão de abstrações, permitindo que o pensamento ganhe corpo e movimento dentro da investigação filosófica.

A utilização de personagens conceituais é o que transforma a filosofia em uma narrativa, em uma história (plano de imanência). Tal narrativa ajuda a tornar os conceitos mais palpáveis e a criar uma conexão emocional com o leitor.

A construção social do conhecimento se dá através da escolha de personagens conceituais que revelam as influências culturais e históricas de um filósofo. Também demonstra como o conhecimento é construído socialmente, a partir de interações e diálogos.

Os conceitos precisam de personagens conceituais? Para tornar o abstrato concreto: os conceitos como "justiça", "felicidade" ou "verdade" são abstratos e difíceis de definir de forma precisa, mas ao criar personagens que encarnam essas qualidades, o filósofo torna esses conceitos mais tangíveis e acessíveis.

Personagens conceituais permitem ao homem se identificar com determinadas experiências e emoções, facilitando a compreensão de conceitos mais complexos. A utilização de personagens enriquece a discussão filosófica.

Deleuze e Guattari apresentam:

Os conceitos, como veremos, têm necessidade de personagens conceituais que contribuam para sua definição. Amigo é um desses personagens, do qual se diz mesmo que ele testemunha a favor de uma origem grega da filosofia: as outras civilizações tinham Sábios, mas os gregos apresentam esses “amigos” que não são simplesmente sábios mais modestos. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 10).

São exemplos de personagens conceituais na filosofia:

- **Sócrates:** personifica a busca pela sabedoria e o método dialético;
- **Platão:** o "homem da caverna" representa a condição humana limitada e a busca pela verdade;
- **Nietzsche:** o "Além-do-homem" (ou Super-homem) simboliza o ideal de um ser humano que ultrapassa os limites da moral tradicional.

Personagens conceituais são ferramentas poderosas que os filósofos utilizam para dar vida aos seus conceitos e tornar a filosofia mais acessível e envolvente. Ao criar personagens, os filósofos nos convidam a participar ativamente da construção do conhecimento e a refletir sobre as nossas experiências e valores.

Deleuze, por sua vez, oferece uma visão mais dinâmica e criativa da filosofia, pois esta seria não apenas uma busca por verdades eternas, mas também um processo de criação de conceitos. A filosofia deleuziana não se limita a descrever o mundo, mas o transforma através da invenção de novos conceitos que permitem pensar de forma diferente, e “as passagens de um conceito a um outro permanecem irreduzíveis, enquanto um novo conceito não tornar necessário, por sua vez, sua co-presença ou a equipotencialidade das determinações” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 270).

A filosofia não é um sistema fechado, mas um campo aberto à invenção, e o filósofo é um criador de conceitos, um artista do pensamento: “[...] o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 227).

Deleuze valoriza a multiplicidade e a diferença, pois, para ele, o mundo não é um conjunto de entidades fixas e determinadas, mas um fluxo constante de devir. A filosofia, então, consiste em acompanhar esse fluxo e criar conceitos que capturem essa multiplicidade. Como o próprio autor relata:

Procedamos sumariamente: consideremos um campo de experiência tomado como mundo real, não mais com relação a um eu, mas com relação a um simples “há...”. Há, nesse momento, um mundo calmo e repousante. Surge, de repente, um rosto assustado que olha alguma coisa fora do campo. Outrem não aparece aqui como um sujeito, nem como um objeto mas, o que é muito diferente, como um mundo possível, como a possibilidade de um mundo assustador. Esse mundo possível não é real, ou não o é ainda, e todavia não deixa de existir. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 28).

Deleuze nos convida a abandonar a visão tradicional de um mundo estático e a pensar em um mundo em constante criação, pois a realidade não é algo fixo, mas um processo em constante transformação. O que consideramos como “real” é apenas uma pequena parte de um universo de possibilidades infinitas. Deleuze entende a filosofia como uma atividade criativa e contínua que busca capturar a multiplicidade e o devir do mundo; assim, a criação de conceitos de Deleuze nos permite pensar de forma inovadora e adaptarmos nossas ideias às mudanças constantes do mundo.

A metáfora do rizoma, pensada por Deleuze e Guattari, convida a pensar além das estruturas hierárquicas e lineares, tão presentes na cultura ocidental. Ao afirmarem que o rizoma “se encontra sempre no meio, entre as coisas”, os autores destacam a sua natureza intrinsecamente relacional e processual.

Comparando rizoma e árvore, a oposição entre os dois é fundamental para compreender essa nova forma de pensar: enquanto a árvore sugere uma estrutura vertical, com raízes, tronco e galhos, o rizoma se espalha horizontalmente, conectando-se a outros

pontos sem um centro definido. À árvore associam-se: hierarquia, origem, fim, identidade fixa, verticalidade e filiação. Ao rizoma: rede, processos, devir, identidade fluida, horizontalidade e aliança.

Quanto à força da conjunção "e... e... e...", esta é mais do que um simples conectivo gramatical, pois representa a força que une os elementos do rizoma, criando uma rede infinita de conexões. Ao contrário do verbo "ser", que implica uma identidade fixa e determinada, a conjunção "e" abre as portas para a multiplicidade, o devir e o indeterminado.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e...". Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, n.p.).

Percebe-se que o rizoma convida a pensar de forma mais conectada, fluida e menos hierárquica. Este abandonar a ideia de um centro ou de uma origem permite-nos explorar as infinitas possibilidades de conexão e de devir. O rizoma é regido por seis princípios básicos: princípio de conexão, princípio de heterogeneidade, princípio de multiplicidade, princípio de ruptura assignificante, princípio de cartografia e princípio de decalcomania.

3.1 OS PRICIPIOS DO RIZOMA

3.1.1 Princípio de conexão

O princípio da conexão é um dos pilares da teoria do rizoma, conceituada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Este se opõe frontalmente ao modelo tradicional de organização do conhecimento, representado pela metáfora da árvore. Como ressalta o autor:

Princípio da conexão: qualquer ponto de um rizoma pode ser e estar conectado a qualquer outro; no paradigma arbóreo, as relações entre pontos precisam ser sempre mediatizadas, obedecendo a uma determinada hierarquia e seguindo uma "ordem intrínseca". (GALLO, 2003, p. 93).

Quadro explicativo: Rizoma vs. Paradigma Arbóreo

Característica	Rizoma	Paradigma Arbóreo
Conexões	Múltiplas, heterogêneas e descentralizadas	Hierárquicas, lineares e centralizadas
Estrutura	Rede complexa e dinâmica	Estrutura rígida e hierárquica
Flexibilidade	Alta	Baixa
Adaptação	Fácil	Difícultosa

O princípio da conexão convida a pensar além das estruturas hierárquicas e lineares, abrindo espaço para a compreensão de sistemas mais complexos, dinâmicos e adaptáveis. Ao adotar a perspectiva rizomática, pode-se identificar novas formas de organização social, cultural e política que valorizam a diversidade, a autonomia e a colaboração.

3.1.2 Princípio da heterogeneidade

Silvio Gallo, ao tratar da heterogeneidade do rizoma em contraste com a homogeneidade da árvore, convida a um aprofundamento na compreensão dessa característica fundamental da teoria de Deleuze e Guattari. No rizoma, as conexões se estabelecem entre elementos de naturezas distintas, sem a necessidade de uma homogeneização prévia. Essa diversidade enriquece a complexidade do sistema, permitindo a emergência de novas ideias e significados.

Ao contrário da árvore, que impõe uma hierarquia entre os elementos, o rizoma valoriza a horizontalidade e a multiplicidade de conexões. Isso significa que não há elementos mais importantes ou menos importantes, mas sim interdependentes e coexistentes. A heterogeneidade do rizoma o torna um sistema dinâmico e em constante transformação. Esse microuniverso é dinâmico: as conexões podem ser reconfiguradas, novos vínculos podem surgir e os elementos podem mudar de função ao longo do tempo.

Gallo explica de maneira mais contundente:

Princípio da heterogeneidade: dado que qualquer conexão é possível, o rizoma rege-se pela heterogeneidade; enquanto na árvore a hierarquia das relações leva a uma homogeneização das mesmas, no rizoma isso não acontece. (GALLO, 2003, p. 93).

Um exemplo prático que poderá ser trabalhado em sala de aula: em uma aula sobre a Revolução Francesa, no modelo rizomático, o professor pode conectar o tema com a música, a arte ou a literatura da época, e também com eventos contemporâneos que ressoam tais conceitos, como movimentos sociais e lutas por direitos. No modelo arbóreo, a aula se concentraria em datas, nomes e fatos isolados, sem explorar as conexões com outras áreas do conhecimento ou com a realidade atual.

A heterogeneidade do rizoma carrega em si um princípio fundamental que o diferencia da árvore: ao valorizar a diversidade e a multiplicidade de conexões, o rizoma oferece um modelo mais flexível e adaptável para a organização do conhecimento e para a prática pedagógica.

3.1.3 Princípio da multiplicidade

O conceito de multiplicidade, como apresentado, convida a uma profunda reflexão sobre a natureza da realidade e da linguagem. Ao afirmar que a multiplicidade "não tem mais relação com o uno", essa perspectiva desafia a tradição filosófica que frequentemente busca uma unidade subjacente à diversidade.

Na ruptura com a unidade, a multiplicidade, nesse contexto, não é apenas uma quantidade, mas uma qualidade que rompe com a ideia de um princípio unificador. Ela desafia a busca por uma origem, um fundamento ou uma essência única. É fundamental a comparação com a estrutura rizomática, pois, ao contrário das árvores, que possuem uma raiz central e ramificações hierárquicas, os rizomas se espalham horizontalmente, formando redes complexas e interconectadas. Essa imagem metafórica sugere que a multiplicidade não é hierárquica, mas horizontal e descentralizada.

A distinção entre multiplicidades verdadeiras e falsas é crucial, pois as "pseudomultiplicidades arborescentes" são aquelas que, apesar de aparentarem diversidade, ainda estão submetidas a uma lógica unitária. Elas são como ramificações de uma mesma árvore e não verdadeiras multiplicidades rizomáticas. Essa concepção de multiplicidade pode trazer profundas implicações em diversos campos do conhecimento. O autor remete:

Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, n.p.).

Entende-se que o princípio da multiplicidade nos convida a pensar além das dicotomias tradicionais entre o um e o múltiplo, sujeito e objeto, natureza e cultura. Ao celebrar a diversidade e a complexidade, essa perspectiva oferece uma nova lente para analisar o mundo e as relações que com ele são estabelecidas.

Dentro do princípio de multiplicidade, Silvio Gallo, ao falar sobre a multiplicidade do rizoma, convida a uma reflexão profunda sobre a natureza das conexões e a organização do conhecimento. A multiplicidade indivisível do rizoma, ao contrário da árvore — que pode ser compreendida como um todo unitário composto por partes —, não pode ser reduzida a uma única unidade central.

Cada ponto do rizoma é parte integrante de uma rede complexa e em constante transformação, pois nele não há uma distinção clara entre sujeito e objeto. A

multiplicidade se manifesta como um processo contínuo de criação e recriação, no qual os elementos se relacionam de forma horizontal e não hierárquica. Assim afirma o autor:

Princípio de multiplicidade: o rizoma é sempre multiplicidade que não pode ser reduzida à unidade; uma árvore é uma multiplicidade de elementos que pode ser “reduzida” ao ser completo e único “árvore”. O mesmo não acontece com o rizoma, que não possui uma unidade que serve de pivô para uma objetivação e subjetivação: o rizoma não é um sujeito nem um objeto, mas múltiplo. (GALLO, 2003, p. 93-94).

A multiplicidade do rizoma é dinâmica e mutável, permitindo a criação de novas conexões e a reconfiguração constante das existentes, o que representa uma forma de organização do conhecimento que valoriza a complexidade, a interconexão e a dinâmica. Ao contrário da árvore, que busca a unidade e a ordem, o rizoma celebra a diversidade e a multiplicidade, oferecendo um modelo mais adequado para compreender e interagir com o mundo contemporâneo.

Um exemplo prático seria uma aula de história da música no modelo rizomático, na qual o professor pode conectar a música com a história, a sociologia, a filosofia e outras áreas do conhecimento, permitindo que os alunos estabeleçam suas próprias conexões e construam um entendimento mais profundo e abrangente. No modelo arbóreo, a aula se concentraria em estilos musicais isolados, com uma abordagem linear e cronológica.

3.1.4 Princípio da ruptura assignificante

A noção de ruptura assignificante é um dos conceitos mais intrigantes da teoria do rizoma proposta por Deleuze e Guattari, pois nos convida a pensar sobre a natureza das conexões e as possibilidades de transformação dentro de um sistema complexo e dinâmico.

A ruptura consiste na ausência de um significado central: ao contrário dos sistemas hierárquicos, nos quais cada elemento possui um sentido predeterminado, o rizoma não busca uma significação última ou central. As conexões são fluidas e podem ser reconfiguradas a qualquer momento, sem a necessidade de uma justificativa lógica ou racional preestabelecida.

As linhas de fuga apresentam-se nas rupturas assignificantes, ou seja, são novas direções que o rizoma pode tomar. Essas linhas não são planejadas ou previsíveis, mas emergem das próprias conexões e das interações entre os elementos. Quanto à cartografia

em constante transformação, o rizoma é como um mapa que está sempre sendo redesenhado, e as rupturas assignificantes são como pequenos tremores que alteram a paisagem, criando novas rotas e possibilidades.

Assim como orienta Silvio Gallo:

Princípio da ruptura assignificante: o rizoma não pressupõe qualquer processo de significação, de hierarquização. Embora seja estratificado por linhas, sendo, assim, territorializado, organizado etc., está sempre sujeito às linhas de fuga que apontam para novas e insuspeitas direções. Embora se constitua num mapa, como veremos a seguir, o rizoma é sempre um rascunho, um devir, uma cartografia a ser traçada sempre e novamente, a cada instante. (GALLO, 2003, p. 94).

A importância das rupturas assignificantes está em serem as sementes da inovação, pois permitem que novas ideias e conexões surjam de forma inesperada. O desafio de incorporar as rupturas na prática pedagógica está no fato de serem difíceis de prever e controlar, o que exige do professor uma grande flexibilidade e capacidade de adaptação. Percebe-se, com isso, que a relação entre as rupturas e a complexidade aumenta e desafia a compreensão dos sistemas, o que pode gerar incerteza e instabilidade.

Uma boa visualização desta ideia pode ser obtida em um projeto interdisciplinar que conecta a história, a arte, a filosofia e a literatura. No modelo rizomático, as conexões entre essas disciplinas podem surgir de forma espontânea, a partir das curiosidades e interesses dos alunos. Uma pequena descoberta ou uma nova pergunta podem gerar uma linha de fuga que leve a um novo caminho de investigação. No modelo arbóreo, o projeto seria mais estruturado e linear, com objetivos e resultados predefinidos.

3.1.5 Princípio da cartografia

O princípio da cartografia, como apresentado por Silvio Gallo, é fundamental para compreender a natureza complexa e dinâmica do rizoma, pois nos convida a pensá-lo não como um mapa definitivo e imutável, mas como um processo contínuo de exploração e descoberta.

A cartografia do rizoma apresenta múltiplas entradas. Ao contrário da árvore, que possui uma raiz única e bem definida, o rizoma pode ser acessado por diversos pontos de entrada. Isso significa que não há um único caminho para explorar o rizoma, mas uma infinidade de rotas e possibilidades. Este é um território em constante transformação: as conexões entre os diferentes pontos podem ser reconfiguradas, novas rotas podem surgir e o mapa pode ser redesenhado a qualquer momento.

Ao se referir à lógica do devir, a cartografia do rizoma é guiada pela transformação e pela mudança, pois não busca representar um estado final, mas capturar o movimento e a fluidez do processo. É uma atividade de exploração e descoberta; ao mapear o rizoma, constantemente encontram-se novas conexões, revelando aspectos desconhecidos do território. Silvio Gallo nos coloca que:

Princípio da cartografia: o rizoma pode ser mapeado, cartografado, e tal cartografia nos mostra que ele possui entradas múltiplas, isto é, o rizoma pode ser acessado de infinitos pontos, podendo daí remeter a qualquer outros pontos em seu território. Já o paradigma arborescente remete ao mesmo porque “toda lógica da árvore é uma lógica de cópia de reprodução”. O rizoma, porém, enquanto mapa, possui sempre regiões insuspeitas, uma riqueza geográfica pautada numa lógica do devir, da exploração, da descoberta de novas facetas. (GALLO, 2003, p. 94).

A cartografia da árvore é estática e hierárquica, pois representa uma estrutura fixa e imutável na qual cada elemento tem um lugar definido. A cartografia do rizoma, por sua vez, é dinâmica e não hierárquica; representa um processo contínuo de criação e recriação no qual as conexões são fluidas e mutáveis. No âmbito da educação, essa perspectiva favorece a construção de conhecimentos mais complexos e interconectados, estimulando a autonomia e a criatividade dos alunos.

A cartografia, como ferramenta de estudo do rizoma, pode ser utilizada em pesquisas nas mais diversas áreas, como as ciências humanas, as ciências sociais, as artes e as novas tecnologias — como os mapas digitais e as redes sociais. Estas oferecem novas possibilidades para a criação e o compartilhamento de mapas rizomáticos. A representação gráfica de um rizoma pode ser complexa e desafiadora, exigindo o desenvolvimento de novas linguagens e ferramentas visuais.

Podemos destacar um exemplo: imagine um projeto interdisciplinar sobre uma cidade no modelo rizomático. Os alunos poderiam explorar a cidade através de diferentes perspectivas, como a história, a geografia, a sociologia, a arte e a literatura. A filosofia integraria o projeto como a disciplina que busca compreender a natureza da realidade, do conhecimento e da existência. A cartografia do projeto seria um processo contínuo de descoberta, no qual os alunos criariam seus próprios mapas e rotas de exploração. No modelo arbóreo, o projeto seria mais estruturado e linear, com um roteiro predefinido e objetivos específicos.

3.1.6 Princípio de decalcomania

O princípio da decalcomania, como apresentado por Silvio Gallo, convida a refletir sobre a relação entre o original e a cópia, uma vez que essa relação se manifesta nos modelos de organização do conhecimento representados pela árvore e pelo rizoma.

A decalcomania no rizoma apresenta uma inversão da lógica da cópia: ao contrário da árvore, na qual a cópia é vista como uma reprodução fiel do original, no rizoma ela não é um fim em si mesma. A decalcomania, nesse contexto, significa colocar o mapa sobre as cópias, ou seja, utilizar o original para gerar novas possibilidades e interpretações.

A partir da degeneração e proliferação, a decalcomania no rizoma não se configura como um processo de reprodução fiel, mas de transformação. Ao colocar o mapa sobre as cópias, novas conexões são estabelecidas, gerando novas multiplicidades e abrindo caminho para a criação de novos territórios. Silvio Gallo apresenta:

Princípio de decalcomania: os mapas podem, no entanto, ser cópias, reproduzidos; colocar uma cópia sobre o mapa nem sempre garante, porém, uma sobreposição perfeita. O inverso é a novidade: colocar o mapa sobre as cópias, os rizomas sobre as árvores, possibilitando o surgimento de novos territórios, novas multiplicidades. A árvore paralisa, copia, torna estático; o rizoma degenera, faz florescer, desmancha, prolifera. (GALLO, 2003, p. 94).

A dinâmica e a transformação na decalcomania no rizoma mostram que as cópias não são meras reproduções, mas pontos de partida para novas criações e descobertas. Em contraste com a árvore — que valoriza a fidelidade à reprodução fiel do original como forma de preservar e perpetuar o conhecimento —, o rizoma valoriza a diferença, a mutação e a criação de novas possibilidades. A cópia, portanto, é apenas um ponto de partida para a geração de novas conexões e para a construção de novos saberes.

A perspectiva rizomática favorece a criatividade, a autonomia e a capacidade de adaptação dos alunos, permitindo a construção de conhecimentos mais complexos e interconectados, além de estimular a experimentação e a busca por novas possibilidades pedagógicas.

3.2 AFETOS: A TENSÃO ENTRE IMPESSOALIDADE E SINGULARIDADE

A ideia de que o afeto é "impessoal" e, ao mesmo tempo, "singular" pode parecer contraditória à primeira vista. No entanto, essa aparente contradição revela uma das nuances mais interessantes da concepção de afeto desenvolvida pelos filósofos.

A impessoalidade do afeto não se restringe à experiência individual e subjetiva, pois não é uma propriedade exclusiva de um sujeito particular, mas uma força que circula e conecta diferentes entidades. Tal força manifesta-se de forma impessoal, como uma potência que age independentemente das vontades e intenções individuais.

O afeto é um evento que acontece no homem, o atravessa e o transforma; não é um estado estático, mas um processo contínuo de criação e transformação. É a potência de um devir, de uma mudança constante. Deleuze prega o seguinte:

O afeto é impessoal, e se distingue de todo estado de coisas individuado: nem por isto deixa de ser singular, e pode entrar em combinações ou conjunções singulares com outros afetos. O afeto é indivisível e sem partes; mas as combinações singulares que forma com outros afetos constituem por sua vez uma qualidade indivisível, que só se dividirá mudando de natureza (o "dividual"). (DELEUZE, 1983, n.p.).

Ao tratar da singularidade do afeto, Deleuze retrata sua natureza única: cada afeto é singular, ou seja, possui uma qualidade própria e insubstituível. O afeto não é redutível a uma categoria universal ou a um conceito abstrato, pois os afetos podem se combinar e se entrelaçar de maneiras infinitamente variadas, dando origem a novas qualidades e experiências. A intensidade de um afeto é o que o torna singular; é a força com que ele nos atinge e transforma o homem.

A aparente contradição entre a impessoalidade e a singularidade do afeto resolve-se ao compreendermos que ele não é propriedade de um sujeito individual, mas uma força que se manifesta em cada encontro e relação. O afeto é impessoal porque não pertence a ninguém em particular, circulando como potência; ao mesmo tempo, é singular porque cada encontro produz uma expressão única, situada em um tempo e meio específicos. Deleuze esclarece que:

O afeto é independente de qualquer espaço-tempo determinado; nem por isso deixa de ser criado numa história que o produz como o expressado e a expressão de um espaço ou de um tempo, de uma época ou de um meio (por isto o afeto é o "novo", e novos afetos estão sempre sendo criados, principalmente pela obra de arte). (DELEUZE, 1983, n.p.).

Essa colocação de Deleuze apresenta-nos uma reflexão profunda sobre a natureza do afeto, sugerindo que:

- **O afeto transcende limites:** ele não está confinado a um momento ou lugar específico;

- **O afeto é construído historicamente:** emerge de narrativas e experiências, moldado pelas condições de cada época e meio;
 - **O afeto é dinâmico:** novos afetos são continuamente gerados, especialmente através da arte;
 - **O afeto como construção histórica:** possui raízes nas experiências e não nasce no vácuo; é fruto de nossas interações com o mundo, das vivências e das histórias que construímos;
 - **O afeto como influência cultural:** a cultura, a sociedade e o contexto histórico moldam as formas como experimentamos e expressamos os afetos;
 - **O afeto como novidade:** a arte atua como catalisadora e, em suas diversas formas, tem o poder de criar novas experiências e, conseqüentemente, novos afetos. Estes não são estáticos, mas se transformam ao longo do tempo, adaptando-se a novas realidades;
 - **O afeto como transcendência:** embora seja produto de um contexto específico, pode transcender os limites do tempo e do espaço, conectando pessoas e culturas distantes;
 - **O afeto como universalidade:** apesar de suas particularidades, possui um aspecto universal, pois a capacidade de ser afetado é comum a todos os seres humanos.
- Diante de tais pressupostos, surgem algumas implicações como:
- **Desconstrução do sujeito:** a concepção de afeto em Deleuze e Guattari desafia a noção tradicional de sujeito como entidade autônoma e autoconsciente;
 - **Abertura para o devir:** o afeto lança um convite a pensar em termos de processos e devir, em vez de estados fixos e identidades estáveis;
 - **Nova ética:** uma ética baseada nos afetos valoriza a intensidade da experiência, a criação de novas conexões e a abertura para o imprevisível;
 - **Compreensão da experiência humana:** trata-se de uma perspectiva que ajuda a entender melhor a complexidade da experiência humana e a importância das relações interpessoais;
 - **Análise de obras de arte:** ao analisar as obras de arte, é possível identificar como os artistas exploram e representam diferentes tipos de afeto, refletindo as nuances da condição humana;
 - **Construção de relações mais significativas:** ao reconhecer a natureza dinâmica e histórica do afeto, o homem pode cultivar relações mais profundas e autênticas com as pessoas ao seu redor.

Como vimos, está sendo apresentada uma visão abrangente e complexa do afeto, destacando sua natureza histórica, dinâmica e transcendente. Ao compreender o afeto como um fenômeno em constante construção e transformação, podemos aprofundar nossa compreensão de nós mesmos e do mundo que nos cerca. Deleuze fornece-nos o seguinte:

Em suma, os afetos, as qualidades-potências podem ser apreendidos de duas maneiras: ou como atualizados num estado de coisas ou como expressados por um rosto, um equivalente de rosto ou uma "proposição". Ou seja: a segundidade e a primeiridade de Peirce. Todo conjunto de imagens é feito de primeiridades, segundidades e de muitas outras coisas mais. Porém, no sentido estrito, as imagens-afecções remetem apenas à primeiridade. (DELEUZE, 1983, n.p.).

Compreendendo o conceito de Qualidades-Potências: a ideia central aqui é que os afetos não são apenas estados emocionais, mas forças ou potenciais que podem se manifestar de diversas formas. São como sementes que, sob as condições adequadas, podem florescer em diferentes qualidades.

No que se refere à primeiridade e à segundidade, em relação com as categorias de Peirce, a primeira refere-se à qualidade imediata e não mediada de uma experiência; no contexto dos afetos, a primeiridade seria a sensação pura e direta de um afeto, antes de qualquer interpretação ou categorização. A segunda diz respeito à relação entre duas coisas, ou seja, à experiência de algo como diferente de outra coisa. No caso dos afetos, a segundidade seria a relação entre o afeto e o objeto que o provoca ou a comparação entre diferentes afetos.

O afeto, para Deleuze e Guattari, é uma força impessoal que nos atravessa e nos transforma. Ao mesmo tempo, cada afeto é singular e único, capaz de criar combinações infinitamente variadas. Essa concepção convida-nos a pensar além das categorias tradicionais de sujeito e objeto e a explorar as infinitas possibilidades de criação e devir. “Os afectos são precisamente estes devires não humanos do homem, como os perceptos (eles e a cidade) são as paisagens não humanas da natureza.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 220).

3.3 DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO

A partir dos conceitos de desterritorialização e reterritorialização, Gilles Deleuze e Félix Guattari convidam-nos a pensar sobre os processos de mudança, criação e transformação que permeiam a vida, a sociedade e a cultura. Conforme apontam os

autores, a “desterritorialização e a reterritorialização se cruzam no duplo devir”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 118).

3.3.1 Desterritorialização

A desterritorialização é a ruptura com o conhecido. É um processo de abandono de territórios, sejam eles físicos, sociais ou mentais; uma espécie de fuga, um rompimento com as estruturas, normas e identidades que nos são familiares. É frequentemente associada à ideia de "linha de fuga", um caminho que leva para além dos limites do conhecido, abrindo espaço para novas possibilidades e criações. Não é um estado, mas um movimento contínuo, um fluxo que nos leva a explorar novos territórios e a experimentar novas formas de ser e estar no mundo, pois “os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures”. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113).

Gallo convida a uma profunda reflexão sobre a natureza da educação e seu papel na sociedade ao comparar a literatura — que se caracteriza pela desterritorialização da linguagem — com a educação, que, segundo o autor, se vê presa a processos de territorialização. O autor levanta questões cruciais sobre a autonomia e a criatividade no campo pedagógico. A educação, segundo Gallo, é marcada por uma forte territorialização, ou seja, por uma delimitação rígida de conteúdos, métodos e objetivos.

Essa territorialização é resultado das políticas, parâmetros e diretrizes que emanam dos níveis superiores do sistema educacional, impondo uma padronização dos processos de ensino e aprendizagem. A educação, assim, torna-se uma espécie de "máquina de controle", moldando os indivíduos para atender a determinados padrões e expectativas. O autor remete à seguinte ideia:

A principal característica é a da territorialização; se na literatura é a linguagem que se desterritorializa, na educação a desterritorialização é o avesso dos processos educativos. As políticas, os parâmetros, as diretrizes da educação maior estão sempre a nos dizer o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, por que ensinar. A educação maior procura construir-se como uma imensa máquina de controle, uma máquina de observação, de produção de indivíduos em série. (GALLO, 2003, p. 79).

A literatura, por sua vez, é vista como um espaço de desterritorialização, no qual a linguagem se liberta das normas e convenções, permitindo a criação de novas formas de expressão e pensamento. Essa capacidade de transgredir os limites e explorar novas possibilidades é vista como um contraponto à rigidez da educação institucionalizada.

As consequências dessas territorializações na educação podem limitar a autonomia dos professores e alunos, restringindo a criatividade e a capacidade de pensar de forma crítica. A padronização dos processos educativos pode dificultar a adaptação às diferentes realidades e necessidades dos estudantes. A educação, ao se transformar em uma "máquina de produção de indivíduos em série", pode desconsiderar a singularidade de cada sujeito e suas potencialidades.

A crítica de Silvio Gallo convida a questionar o papel da educação na sociedade. É preciso refletir sobre tal consideração e, para que essa reflexão aconteça, surgem alguns questionamentos:

- **A respeito da importância da autonomia:** como garantir que os professores tenham autonomia para adaptar as práticas pedagógicas às necessidades de seus alunos e às especificidades do contexto escolar?
- **A necessidade de flexibilidade:** como promover uma educação mais flexível e capaz de responder aos desafios de um mundo em constante transformação?
- **O valor da criatividade:** como estimular a criatividade e o pensamento crítico nos alunos, desafiando-os a ir além dos conteúdos preestabelecidos?
- **A construção de uma educação mais humana:** como construir uma educação que valorize a individualidade de cada aluno e promova o desenvolvimento integral de suas capacidades?

Silvio Gallo alerta para os perigos da excessiva territorialização na educação ao compará-la com a literatura. Ele convida a buscar um equilíbrio entre a necessidade de estruturar o processo de ensino-aprendizagem e a importância de promover a autonomia, a criatividade e o desenvolvimento integral dos alunos.

3.3.2 Reterritorialização

A reterritorialização é o processo de criação de novos territórios, de novas formas de organização e novas identidades. É o movimento que dá sentido e forma às experiências humanas após um processo de desterritorialização. A reterritorialização não é o fim do processo, mas o início de um novo ciclo, pois os novos territórios criados podem, por sua vez, ser desterritorializados.

A reterritorialização é um momento de criação e inovação, no qual novas ideias, práticas e formas de vida podem surgir. Tem-se aí um exemplo de reterritorialização, conforme os autores esclarecem: “O grande fluxo mutante do capital é pura

desterritorialização, mas opera igualmente uma reterritorialização quando se converte em refluxo de meios de pagamento” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 496).

3.3.3 A relação entre Desterritorialização e Reterritorialização

A dinâmica que aparece entre a desterritorialização e a reterritorialização demonstra que ambos são movimentos interligados e complementares; um não existe sem o outro. Há um equilíbrio dinâmico, demonstrando que a vida é um constante movimento entre esses dois polos. Conforme os autores: “Em resumo, a filosofia se reterritorializa três vezes: uma vez no passado sobre os gregos, uma vez no presente sobre o Estado Democrático, uma vez no porvir sobre o novo povo e a nova terra” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 142-143).

A desterritorialização permite ao homem escapar das estruturas rígidas, enquanto a reterritorialização proporciona um novo ponto de partida para a criação. A partir de tal premissa, entende-se que a desterritorialização permite resistir às forças de padronização e controle, enquanto a reterritorialização possibilita construir novas formas de vida e organização social, pois ocorre “a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, n.p.).

3.3.4 Aplicações dos Conceitos: desterritorialização e reterritorialização

Os conceitos de desterritorialização e reterritorialização podem ser aplicados a diversas áreas do conhecimento, como:

- **Psicologia:** na compreensão dos processos de mudança e desenvolvimento pessoal;
- **Sociologia:** na análise das transformações sociais e culturais;
- **Política:** na análise dos movimentos sociais e das lutas por novas formas de organização;
- **Arte:** na compreensão da criação artística como um processo de desterritorialização e reterritorialização.

A desterritorialização e a reterritorialização são conceitos fundamentais para entender os processos de mudança e transformação que moldam a vida em sociedade. Ao permitir o rompimento com o conhecido e a criação de novas formas de ser e estar no mundo, esses conceitos convidam-nos a pensar de forma mais criativa e a construir um futuro mais aberto e diverso.

3.4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

A filosofia pode ser definida como a busca por respostas e reflexões sobre questões fundamentais da existência, do conhecimento, dos valores e da moral. No contexto do ensino fundamental (anos iniciais), a filosofia é uma disciplina que incentiva os alunos a pensar de forma crítica, a questionar o mundo ao seu redor, a levantar hipóteses, a criar novos conceitos, a argumentar e a buscar soluções para os dilemas da vida cotidiana. É por meio da filosofia que as crianças são estimuladas a desenvolver habilidades de raciocínio lógico, ampliando sua capacidade de análise e interpretação.

Assim relata Teles:

A filosofia se propõe a determinar o sentido dos acontecimentos e a atitude a assumir diante deles. Ela pode ajudar-nos a compreender o mundo como ele é e a procurar os caminhos que possam afastar deste mesmo mundo os abismos e o perigo de destruição, garantindo a paz e o progresso. (TELES, 2011, p. 11).

Essa atitude assumida diante do mundo só acontece quando os filósofos deixam de contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados apenas para limpá-los; "é necessário que eles comecem por fabricá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los" (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13). Alinhado a Deleuze e Teles, Silvio Gallo acrescenta que: "Ao relatar os acontecimentos e as sensações do dia a dia, temos oportunidade de refletir sobre eles e, assim, de nos conhecermos melhor" (GALLO, 2013, p. 13). Entende-se que a filosofia no ensino fundamental desempenha um papel crucial no desenvolvimento das habilidades de pensamento crítico, reflexão e argumentação dos alunos.

Ao relacionar os acontecimentos do dia a dia com os conceitos filosóficos desde cedo, é possível estimular o pensamento autônomo e criativo, proporcionando uma base sólida para a construção do conhecimento e para a criação de novos conceitos. Como relata Deleuze: "o filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência" e a "filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos"

(DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13). Além disso, essa prática contribui para a formação de cidadãos conscientes, capazes de analisar e compreender o mundo, tornando-se agentes de transformação social.

Ao longo dos anos, a filosofia tem se mostrado uma disciplina extremamente relevante, que contribui para a formação integral dos alunos. Na perspectiva de Silvio Gallo, o ensino de filosofia na Educação Básica afasta-se da simples elaboração de teorias ou da aquisição passiva de um saber. Para o autor, não se deve trilhar o caminho da reprodução e transmissão de conhecimento, mas a via do ensinar e aprender pelos modos da "criação de conceitos". Como expõe Gallo:

Os conceitos não estão prontos e acabados, mas estão sempre sendo criados e recriados de acordo com as circunstâncias de cada momento. Cada filósofo cria seu próprio conceito ou recria conceitos de outros filósofos. Ao criar ou recriar conceitos, o filósofo está também agindo sobre si mesmo, criando a si mesmo, construindo sua vida. (GALLO, 2013, p. 13).

Assim, o ensino da filosofia consiste em reconhecer e seguir de maneira próxima aquilo que os estudantes estão pensando, ajudando-os a oralizar e conceituar esses pensamentos. Se necessário, o professor deve auxiliar no desenvolvimento das ferramentas requeridas para refletir sobre tais ideias, levando em consideração as particularidades de sua comunidade. A hipótese é que a filosofia faz as crianças vagarem no imaginário infantil, aproximando-se do filosofar pela admiração e pela curiosidade. Tal perspectiva dialoga com o pensamento de Teles:

A filosofia para crianças e adolescentes, pois, é um programa que cultiva o desenvolvimento das habilidades de raciocínio através da discussão de temas filosóficos, que os ajudará não somente na aprendizagem do saber, como também no exercício de inferir, comparar, relacionar, classificar, definir, deduzir, criticar e fazer analogias, além de desenvolver valores positivos e o posicionamento diante da vida. (TELES, 2011, p. 11).

A filosofia na educação infantil — e nos anos iniciais do ensino fundamental — configura-se como uma abordagem pedagógica que busca promover o pensamento crítico, a reflexão e a construção de saberes nesta fase da vida, na qual o questionamento é, ao mesmo tempo, natural e estranho. A partir de fundamentos baseados na curiosidade intrínseca da infância, essa prática educativa envolve questionamentos, diálogos e argumentações que estimulam o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos.

Para Deleuze (1992, p. 10), “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. É sob essa perspectiva que, ao longo de suas reflexões sobre os valores e suas

relevâncias, crianças e adolescentes têm a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico e independente. O objetivo da filosofia, ao estar inserida no currículo, é propiciar uma formação integral à criança, valorizando sua experiência cotidiana e estimulando-a a participar da investigação dos fatos, atribuindo-lhes significados e contextualizando-os com seu dia a dia por meio de seus próprios conceitos.

Para Kohan (1998, p. 123), “a filosofia é a disciplina que cultiva o pensar olhando para a experiência, definindo suas dificuldades e propondo caminhos para enfrentá-las”. Desta forma, torna-se essencial que a disciplina seja integrada ao currículo do Ensino Fundamental (anos iniciais), etapa crucial da Educação Básica. Compreender as particularidades e os desafios dessa fase é fundamental para a formulação de uma proposta pedagógica que atenda às necessidades dos estudantes da zona rural do município de Governador Newton Bello, com foco no Assentamento 16 de Abril.

Como Lipman expressa:

A Filosofia oferece um fórum no qual as crianças podem descobrir, por si mesmas, a relevância para suas vidas dos ideais que norteiam a existência das pessoas. Talvez em nenhum outro lugar a Filosofia seja mais bem-vinda do que no início da vida escolar, até agora um deserto de oportunidades perdidas. (LIPMAN, 1990, p. 20).

A filosofia nos anos iniciais do Ensino Fundamental tem como objetivos principais proporcionar uma formação integral, desenvolvendo habilidades cognitivas (foco, atenção, compreensão e linguagem), emocionais e éticas. Nesse sentido, a disciplina desempenha um papel fundamental ao promover o estímulo ao pensamento crítico, o desenvolvimento da capacidade de argumentação e a ampliação do repertório cultural dos alunos. Afinal, a “compreensão do texto a ser alcançada por uma leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p. 9). Além disso, o ensino da filosofia busca refletir sobre valores, princípios e diversidade, promovendo a construção de uma consciência cidadã que prepare as crianças para uma participação ativa e responsável na sociedade.

O professor deve proporcionar atividades inovadoras que tenham como ponto de partida o contexto em que a escola está inserida. Além disso, deve selecionar obras ou narrativas que venham ao encontro das necessidades da criança, adaptando o vocabulário, despertando o interesse e garantindo a liberdade de expressão. É a partir desse despertar e da segurança em se expressar que surgirão novos conceitos, pois “criar conceitos, ao menos, é fazer algo. A questão do uso ou da utilidade da filosofia, ou mesmo de sua

nocividade, é assim modificada” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 16). Desta forma, a proposta de atividades variadas é de grande valor para o processo de construção da autonomia e desenvolvimento da criança. Sobre essa relação entre o saber e a realidade, Paulo Freire expõe que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003, p. 11).

Freire expressa que a "leitura de mundo" significa ler a realidade de forma crítica para enfrentar as mudanças de um mundo desigual. Ler é transformar a realidade na qual se está inserido e instigar o ser humano a sair do papel de mero receptor de ideias para o de sujeito desafiante, interpretando e reinventando o mundo na busca de sua autonomia. Para Freire, não basta apenas entender o que está escrito nos livros ou decifrar os signos linguísticos; é essencial compreender como as dimensões ideológicas se estabelecem e moldam a realidade.

Essa visão de uma educação que atravessa a vida encontra ecos na filosofia clássica. Segundo Platão, a educação deve englobar todas as esferas da vida da criança, incluindo brincadeiras e atividades sérias que contribuam para o desenvolvimento de suas habilidades. Essa construção deve ser intencional, com o objetivo de cultivar na criança o amor por aquilo que a tornará um cidadão virtuoso. A educação deve prepará-la não apenas para as competências práticas, mas também para o desenvolvimento de suas qualidades morais e éticas.

Platão esclarece que:

Quem desejar adquirir capacidade seja no que for, deve começar desde criança, tanto nos brinquedos como em ocupações sérias [...]. Em resumo: diremos que a educação consiste na criação bem compreendida, que leva o espírito da criança, nas horas de recreio, a amar o que a tornará perfeita na virtude de sua profissão, quando atingir a maturidade. (PLATÃO, *Leis*, 643b-d).

A afirmação platônica apresenta uma visão fundamental sobre a educação, enfatizando a importância da formação precoce. No entanto, ao cruzá-la com as perspectivas contemporâneas, percebe-se a necessidade de uma abordagem mais contextualizada e individualizada. Tal procedimento é vital para a criação de novos conceitos (Deleuze) e para a leitura crítica da realidade (Freire), sempre direcionando o ensino para os interesses da criança e o desenvolvimento de suas capacidades.

3.4.1 Infância: concepção deleuziana

De acordo com Deleuze (1992, p. 218): “não se escreve com lembranças de infância, mas por blocos de infância, que são devires-criança do presente”. Ao falar em "blocos de infância", o autor esclarece que a infância não é um estado fixo ou um conjunto de memórias, mas um processo contínuo de devir. O filósofo apresenta que a infância não é apenas o que já foi vivido, mas também aquilo que ainda está por vir: “O atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos, o que estamos nos tornando, isto é, o outro, nosso devir-outro” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 145).

O autor utiliza o conceito de "devir-criança" para indicar que a infância não é algo restrito à primeira fase da vida; é possível experimentá-la em qualquer momento da existência, através da criatividade, da imaginação e da capacidade de se reinventar. Desta forma, a escrita não é apenas uma forma de registrar o passado, mas um ato criativo no qual o autor torna-se novamente criança, explorando novas possibilidades e criando mundos imaginários. Deleuze e Guattari oferecem uma perspectiva fluida e dinâmica, na qual a criança não é um ser em desenvolvimento para se tornar um adulto, mas um ser múltiplo e em constante transformação, constituído por "devires-criança".

Deleuze e Guattari (1992, p. 224) rejeitam a ideia de uma única identidade fixa para a criança, defendendo que a infância é composta por uma multiplicidade de linhas de fuga, possibilidades e desejos. A infância é vista como um processo contínuo de devir, no qual a criança está sempre se transformando e criando novas maneiras de ser. Nesse sentido, ela é comparada a um rizoma: uma estrutura sem centro ou hierarquia, na qual cada parte pode se conectar com as demais de diferentes maneiras.

A criança é compreendida como um ser criativo, capaz de inventar, explorar e experimentar. A educação deve estimulá-la em sua criatividade e permitir que expresse suas potencialidades, valorizando a diferença como um aspecto positivo. A criança não deve ser moldada em um padrão ideal, mas incentivada a explorar suas individualidades. Este período da vida é visto como um momento de fuga das normas e do controle social; melhor seria compreendê-lo como uma oportunidade para cultivar a liberdade de explorar o mundo e experimentar diferentes formas de vida.

3.4.2 Ensino de Filosofia para crianças: uma perspectiva deleuziana

A filosofia, tradicionalmente associada a um pensamento complexo e abstrato, pode parecer distante do universo infantil; no entanto, Deleuze oferece perspectivas interessantes sobre como introduzir a reflexão filosófica desde cedo. O autor propõe uma filosofia que valorize a criação, a diferença e o devir, compreendendo que filosofar não é apenas uma busca pela verdade absoluta, mas uma forma de experimentar o mundo e criar novos conceitos.

O ensino da filosofia, para Deleuze, é uma aventura e uma exploração de territórios desconhecidos, pois “a criação de um conceito de outrem, com tais componentes, vai levar à criação de um novo conceito de espaço perceptivo, com outros componentes a determinar” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 31). Sob esse prisma, as crianças podem ser convidadas a explorar o mundo com olhos de curiosidade, criando suas próprias histórias e conceitos a partir de seus encontros com a realidade.

Assim como Platão utilizava os diálogos e os mitos para transmitir os ensinamentos de sua época, a criança pode ser introduzida aos conceitos filosóficos por meio de histórias e perguntas que estimulem a reflexão sobre a natureza da realidade, a justiça, a beleza e o bem. O filósofo ateniense exemplifica essa necessidade de harmonia no aprendizado da seguinte forma:

Quando, por exemplo, uma pessoa considera bela e boa determinada coisa, porém a odeia em vez de amá-la, e o contrário disso: ama e acolhe o que tem na conta de mau e injusto: tal desacordo entre a dor e o prazer [...] constitui a forma extrema de ignorância. (PLATÃO, *Leis*, 689a).

A Alegoria da Caverna, por exemplo, pode ser adaptada para crianças, ajudando-as a compreender a diferença entre o mundo sensível e o mundo das ideias. A educação platônica enfatizava a importância de virtudes como a justiça, a coragem, a temperança e a sabedoria. Esses preceitos podem ser explorados por meio de histórias e exemplos do cotidiano, posto que é necessário esforçar-se, “[...] com maior ou menor empenho, para que o orador e seus ouvintes alcancem, tanto quanto possível, a educação perfeita” (PLATÃO, *Leis*, 724b).

Deleuze valoriza a multiplicidade e a diversidade, afirmando que “[...] a multiplicidade é precisamente o que se passa entre os dois. Assim, os dois tipos não estão certamente um acima do outro, mas um ao lado do outro, um contra o outro, face a face ou costas contra costas” (DELEUZE, 1997, p. 197-198). Nesse sentido, as crianças podem ser incentivadas a pensar sobre diferentes perspectivas e a construir suas próprias visões de mundo, elaborando seu próprio conceito de devir — a ideia de que tudo está em

constante transformação. Tais visões são exploradas por meio de atividades que estimulam a imaginação e a criatividade.

Ao introduzir as noções de multiplicidade e devir, Deleuze permite que a criança explore novos conceitos através de atividades criativas que estimulem o pensamento autônomo. As crianças podem criar suas próprias histórias e universos, vivenciando a ideia de que a realidade não é estática. Como afirma o próprio autor: “O enunciado total do conceito, enquanto multiplicidade, é: eu penso ‘logo’ eu sou; ou, mais completamente: eu que duvido, eu penso, eu sou, eu sou uma coisa que pensa” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 37).

3.4.3 Adaptação da filosofia deleuziana ao contexto escolar

Ao introduzir conceitos filosóficos complexos, como os de Deleuze, para crianças do 6º ano, ensina-se não apenas filosofia, mas estimula-se o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de estabelecer conexões. O processo de adaptação desses conceitos ocorre por meio da visualização, da experimentação e da contação de histórias; em vez de apresentar definições abstratas, estas tornam-se tangíveis e lúdicas.

Uma das formas possíveis de trabalhar esse pensamento é por meio do **rizoma**, compreendido como uma rede infinita de conexões. Para torná-lo compreensível, utiliza-se a analogia de uma floresta: as árvores são as ideias, e as raízes que se entrelaçam sob a terra representam as conexões entre elas. Uma atividade prática para este conceito consiste em criar um grande desenho no chão com giz, representando essa floresta. Cada aluno escolhe uma "árvore-ideia" e desenha suas raízes, conectando-as às dos colegas. A discussão é disparada por questionamentos como: o que acontece se uma raiz for cortada? E se uma nova árvore for adicionada? Como as ideias se transformam ao se conectarem?

Essa atividade auxiliaria no desenvolvimento das capacidades individuais, como a oralidade, e nas interações com os colegas. Assim defende a autora:

Contribuições para o desenvolvimento: desenvolve a autoexpressão, a oralidade e a capacidade verbal. Auxilia no desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Enriquece e amplia o vocabulário. Desenvolve a capacidade descritiva. (LIMA, 2011, p. 96).

A multiplicidade pode ser desenvolvida de acordo com o princípio de que há diversidade em tudo. Fazemos a analogia de um jardim com diversas flores: cada flor é única, mas todas fazem parte do mesmo jardim. A partir desse conceito, seria

desenvolvida uma atividade na qual será criado um mural com desenhos de diferentes animais, plantas e objetos, discutindo as características de cada um e como são diferentes e, ao mesmo tempo, fazem parte do mesmo mundo. A discussão iniciaria com os seguintes questionamentos: por que é importante ter diversidade? Como podemos celebrar nossas diferenças?

Os afetos são trabalhados como as forças e emoções que movem o ser humano. O processo imaginativo convida o aluno a visualizar uma roda-gigante, cujos movimentos de subida e descida despertam diferentes sensações. Essa metáfora permite o uso de gêneros textuais como a história em quadrinhos, em que os personagens expressam emoções variadas. O diálogo pedagógico busca entender: quais emoções seriam despertadas em diferentes situações? Como esses afetos influenciam as ações dos personagens?

Quanto à **desterritorialização e reterritorialização**, o trabalho em sala de aula ocorre sob a ótica da mudança e da transformação. Uma proposta eficaz é a observação da metamorfose da lagarta em borboleta. Na prática, utiliza-se massa de modelar para criar formas e texturas que, em seguida, são transformadas em algo completamente novo. A discussão parte de perguntas como: o que significa mudar? Como as coisas se transformam? Como essas mudanças ocorrem nas pessoas?

Como culminância dessas vivências, propõe-se a construção de um "mundo imaginário", onde as regras e habitantes são criados coletivamente. Essa narrativa em grupo, na qual cada aluno contribui com um fragmento, materializa o conceito de rizoma e prepara o terreno para a **Cartilha Filosófica: Pensar com o Corpo**, que sistematiza esse encontro entre o pensamento de Deleuze e a poética de Rosângela Trajano.

4. CARTILHA FILOSÓFICA: PENSAR COM O CORPO BASEADA NOS PENSAMENTOS DE GILLES DELEUZE E ROSÂNGELA TRAJANO. NÍVEL: 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ZONA RURAL

Introdução à Práxis: O Pensamento que Cria Raízes

A filosofia, quando situada na territorialidade rural, deixa de ser um conjunto de abstrações para tornar-se uma ferramenta de vida. Esta cartilha não é apenas um guia didático, mas um convite à cartografia da sensível. Como nos ensina Gilles Deleuze, o pensamento não é um espelho do mundo, mas uma força que o transforma:

“Pensar é sempre experimentar, não é interpretar, mas sim experimentar, e a experimentação é sempre o que está em curso, o novo, o que está se formando.” (DELEUZE, 1996, p. 132).

Nesse sentido, a experiência pedagógica aqui proposta busca o "novo" no cotidiano dos alunos do 6º ano, unindo o rigor dos conceitos deleuzianos à sensibilidade de Rosângela Trajano. Para a autora, a filosofia nessa etapa deve ser, antes de tudo, um encontro afetivo:

“A filosofia é uma brincadeira de pensar o mundo com o coração nas mãos e os olhos cheios de porquês. ” (TRAJANO, 2012, s/p).

Essa perspectiva lúdica se desdobra em uma escolha metodológica consciente, que prioriza a construção do pensamento próprio em vez da memorização de cronologias como a própria autora enfatiza:

Não abordo nas minhas aulas a história da filosofia nem seus filósofos, porque creio que estes assuntos devem ser discutidos no ensino médio, quando o aluno já tiver disposição e apoio pedagógico suficientes para se deparar com uma complexidade maior, que esteja adaptada a sua faixa etária e preparada para incentivá-lo sempre a um novo pensar, ao seu pensar. (TRAJANO, s/p).

Sob essa égide, as proposições contidas nesta cartilha refletem a práxis educativa do Professor Francisco, cuja mediação pedagógica se ancora na valorização das vivências ancestrais e geográficas de seus alunos. Ao transpor os muros da academia, o docente busca a emersão do filosofar a partir do cotidiano das crianças e adolescentes do campo, compreendendo que as inquietações existenciais e políticas brotam na relação direta com a terra, com o trabalho e com a vida comunitária. Trata-se de uma proposta que não apenas ensina filosofia, mas que se permite ser afetada pela realidade singular do assentamento.

Esta postura não significa um esvaziamento do saber, mas uma escolha política e pedagógica de priorizar a **autonomia**. No Assentamento 16 de Abril, o objetivo não é que o aluno decore sistemas filosóficos, mas que ele descubra a potência do seu próprio pensamento através da experiência com o corpo e com a terra. Ao focar no “seu pensar”, transformamos a sala de aula em um território vivo de invenção, onde a teoria ganha vida na prática do dia a dia.

A vibrant illustration of a child with brown hair, seen from behind, wearing a blue long-sleeved shirt. The child stands in a lush green field. To the left is a large, ancient tree with thick, gnarled roots. One of the roots ends in a large, open human hand that glows with a bright blue light. To the right, a small river flows through the landscape, and another large human hand reaches out from the water, creating concentric ripples. In the background, rolling green hills are dotted with several black cows. A soft, warm light from a low sun or moon is visible in the sky, which is filled with wispy clouds. In the center of the image, a thought bubble contains a detailed drawing of a human brain, with green leaves and vines growing from its surface, symbolizing the connection between nature and thought.

Cartilha Filosófica: Pensar com o Corpo

**Baseada nos pensamentos de Gilles Deleuze e
Rosângela Trajano. Nível: 6º ano do Ensino
Fundamental Zona Rural**

4.1 PALAVRA DO AUTOR

Escrever esta cartilha foi como preparar a terra para o plantio. Ela nasceu do desejo de mostrar que a Filosofia não é um bicho de sete cabeças, nem algo que só existe longe de nós. Ela está aqui, no Assentamento 16 de Abril, pulsando em cada movimento, em cada conversa e em cada descoberta que fazemos sobre quem somos.

Para você, professor (a): Este material não é um roteiro rígido, mas um **rizoma** — uma rede de possibilidades. Meu convite é que você se permita experimentar com seus alunos. Deleuze nos ensinou que pensar é criar, e Rosângela Trajano nos lembrou que o corpo sente ideias. Por isso, não tenha medo do barulho, do movimento e da dúvida. Use esta cartilha como um mapa para novas cartografias em sala de aula, onde o objetivo não é dar respostas prontas, mas ajudar a criança a fabricar seus próprios conceitos a partir da sua realidade rural.

Para você, aluno (a): Você já parou para pensar que o seu corpo é uma máquina de criar ideias? Quando você corre, quando sente o cheiro da chuva na roça ou quando discorda de algo, você está filosofando! Esta cartilha foi feita especialmente para você descobrir que a sua voz e os seus sentidos são ferramentas poderosas. Não existem perguntas bobas aqui; cada pensamento seu é uma semente que pode crescer e virar uma grande árvore de sabedoria.

Espero que estas páginas provoquem encontros potentes e que, ao final, todos possamos sentir que pensar é, acima de tudo, um ato de liberdade e de alegria.

Francisco Bezerra Chaves, Autor e Pesquisador – Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) Escola Municipal Santo André – Assentamento 16 de Abril.

4.2 INTRODUÇÃO

O chão da vida como sala de aula. Esta cartilha é o resultado de um encontro. De um lado, temos o pensamento de Gilles Deleuze, que nos convida a criar conceitos como quem inventa novos mundos; de outro, a sensibilidade de Rosângela Trajano, que nos ensina que o corpo não é apenas uma máquina, mas um lugar que sente, vibra e pensa.

Destinada aos estudantes do 6º ano da Escola Municipal Santo André, no Assentamento 16 de Abril, este material nasceu da convicção de que a filosofia não mora apenas nos livros grossos das bibliotecas distantes. Ela mora no pé que pisa o barro, nas mãos que semeiam a terra e nos encontros que acontecem debaixo da sombra das árvores. Como navegar por estas ideias?

Para que você, estudante, e você, professor, aproveitem ao máximo este caminho, dividimos nossa jornada em quatro momentos: Capítulo I: Vamos descobrir que a filosofia é, antes de tudo, um jeito de sentir o mundo e conhecer os amigos que nos guiarão: Deleuze e Trajano. Capítulo II: Vamos investigar se o nosso corpo tem pensamentos próprios e aprender a arte de escutar o que o silêncio nos diz. Capítulo III: Vamos olhar ao redor. A filosofia mora na zona rural, no nosso dia a dia e nas coisas simples que nos cercam. Capítulo IV: Vamos aprender sobre o Rizoma — uma ideia "espalhada" como raiz de grama — e colocar tudo em prática com atividades que usam cores, movimentos e muita imaginação.

"Pensar com o corpo é entender que cada movimento nosso é uma pergunta que fazemos ao mundo." (Adaptação de Trajano).

4.3 SUMÁRIO DA CARTILHA

INTRODUÇÃO.....	59
CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO: FILOSOFIA É UM JEITO DE SENTIR	60
1- Conhecendo Deleuze: Pensar com Diferença.....	60
1.1- Quem é Rosângela Trajano?.....	60
1.1.2- O que é Filosofia?.....	60
1.1.3- O Desafio de Aprender a Pensar.....	61
CAPÍTULO II– O CORPO TAMBÉM PENSA?	62
2.1– Pensar é Brincar com as Ideias.....	64
2.2- Escutar é uma Filosofia: a cartografia do afeto.....	66
2.3 O Que é Pensar Diferente?.....	71
CAPÍTULO III – ONDE ESTÁ A FILOSOFIA NO MEU DIA.....	76
3.1 A Filosofia Mora na Roça Rural	78
CAPÍTULO IV – RIZOMA: A GEOMETRIA VARIÁVEL DO PENSAMENTO E A VIDA EM REDE.....	80
4.1 Dicas para o Professor.....	83
5. Sementes do Pensar.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91

4.4 CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO: FILOSOFIA É UM JEITO DE SENTIR

Bem-vindo (a) a uma jornada diferente! Esta cartilha não é um livro de respostas prontas, mas um convite para você descobrir que pensar não acontece apenas na "cachola", mas em todo o nosso corpo. Aqui, vamos aprender que a Filosofia é, antes de tudo, um jeito de sentir o mundo, de se espantar com o que parece comum e de criar novas formas de viver.

4.4.1. Conhecendo Deleuze: Pensar com Diferença

Você já reparou que o mundo adora colocar as coisas em caixinhas? "Isso é assim", "aquilo é assado", "todo aluno deve ser igual". Pois bem, o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) pensava de um jeito bem diferente. Para ele, a vida é uma explosão de diferenças.

Deleuze nos ensina que pensar não é repetir o que o professor diz, mas sim criar. Para ele, o pensamento é como um rizoma: imagine uma raiz de grama ou de gengibre que cresce para todos os lados, conectando-se com tudo o que encontra. Pensar com diferença é entender que você é único e que suas ideias podem se conectar com as ideias dos seus colegas para criar algo totalmente novo. Não tenha medo de ser diferente; para Deleuze, a diferença é o que faz o mundo girar!

4.4.2. Quem é Rosângela Trajano?

Para nos ajudar nessa caminhada, vamos usar as lentes de Rosângela Trajano. Ela é uma escritora e filósofa brasileira que dedica sua vida a mostrar que a filosofia e a poesia caminham juntas. Rosângela acredita que a criança é um "ser filosófico" por natureza, porque ela tem o que os adultos às vezes perdem: a capacidade de se encantar.

Através de suas histórias e reflexões, Rosângela nos ensina que a filosofia deve ser acolhedora. Ela nos convida a olhar para as nossas emoções e para o nosso dia a dia como se fossem grandes mistérios a serem desvendados. Com ela, aprendemos que o pensamento precisa de afeto para florescer.

4.4.3. O que é Filosofia?

Se você abrir um dicionário, encontrará muitas definições. Mas aqui, nesta cartilha, vamos entender a Filosofia de um jeito especial: ela é a arte de criar conceitos.

Imagine que um conceito é uma ferramenta que você fabrica para entender um problema ou um sentimento. Filosofar não é apenas repetir o que os filósofos antigos disseram, mas sim usar o pensamento para inventar novas formas de compreender a vida. Como explicam Deleuze e Guattari:

A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. [...] O filósofo é o especialista em conceitos, e em falta de conceitos, ele sabe quais são inviáveis, anacrônicos ou ilusórios, sem valor. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 10-13).

Para nós, isso significa que a filosofia é:

Curiosidade; É não aceitar o "porque sim" como resposta.

Criação; É inventar novos nomes e sentidos para o que sentimos e vivemos no Assentamento 16 de Abril.

Encontro; É conversar com os outros, com as plantas, com os animais e com o nosso próprio corpo para descobrir o que ainda não foi dito.

Nesta cartilha, “Pensar com o Corpo” significa que a filosofia não está apenas nos livros; ela está no seu arrepio, no seu riso, na sua dúvida e no seu jeito único de ser quem você é.

4.4.4 O Desafio de Aprender a Pensar

Muitas vezes, a escola nos ensina a decorar respostas. Mas a proposta de Deleuze e Trajano é que você aprenda a gerar perguntas. Aprender filosofia não é acumular informações, mas sim passar por uma experiência que mude o nosso jeito de ver a vida. Não se trata de uma 89ª “matéria” comum, mas de um exercício de liberdade.

Como explica o professor Silvio Gallo:

Ensinar filosofia não é transmitir um conjunto de conhecimentos, mas é desafiar o outro a pensar por si próprio, a criar seus próprios caminhos. É um convite para que cada um se torne o mestre de sua própria experiência de pensamento. (GALLO, 2013, p. 25).

Isso significa que, nesta cartilha, o seu corpo e os seus sentimentos são o ponto de partida. Se algo te incomoda, te alegra ou te causa estranheza, aí existe um convite para filosofar.

4.5 CAPÍTULO II – O CORPO TAMBÉM PENSA?

Frase para fixar na parede ou escrever no quadro:

“O corpo também pensa. O corpo sente ideias.” — Trajano (2013, p. 28)

O encontro Deleuze-Trajano

Rosângela Trajano argumenta que as **sensações** adquirem um significado profundo ao se conectarem com a **natureza** e as **emoções** humanas. Para Deleuze, a **potência** é um processo **dinâmico** e **criativo**; uma força capaz de produzir **sentido**, **criar** novos conceitos e **libertar** a **vida** de amarras ou representações fixas.

Sentimos essa **potência** quando experimentamos o **calor** do sol na pele ou a pressão de um abraço. A **afeição**, nesse sentido, é a marca que o **corpo** do outro deixa no nosso. Em essência, a **potência** representa o que um **corpo** é capaz de realizar quando se encontra livre para criar, transformar e relacionar-se com o mundo. Deleuze nos convida a buscar essa **potência**, explorando todas as capacidades de nossos **corpos** e mentes.

ATIVIDADE 01

Inspirada em Rosângela Trajano e Gilles Deleuze (*Pesquise os significados das palavras em **negrito** e compartilhe suas descobertas com a turma*)

Vamos começar pensando com o corpo, explorando alguns conceitos fundamentais que vocês pesquisaram.

Você já dançou hoje? Já sentiu aquele “frio na barriga” ao ficar nervoso(a)? Ou quem sabe aquela felicidade que dá vontade de pular bem alto?

Tudo isso é o seu corpo falando. É o seu corpo pensando!

Rosângela Trajano nos ensina que o pensar não acontece apenas na nossa cabeça; o pensamento atravessa o nosso corpo inteiro. Deleuze também acredita nisso: para ele, o pensamento é puro movimento. Pensar é **sentir** e **criar**.

O Corpo Grita Sem Palavras

Imagine que seu **corpo** está triste. O que acontece? Geralmente, os ombros se abaixam e o olhar se volta para o chão. Você não precisa dizer uma única palavra, mas todos ao redor percebem o que você sente.

Isso também é **filosofia**. É o seu **corpo** expressando uma **ideia**:

- “Hoje estou cansado.”
- “Hoje estou triste.”

2. É a capacidade que o nosso **corpo** tem de se transformar e de se tornar algo novo. Não é ficar parado no que já somos, mas sim estar sempre em processo de mudança e invenção de nós mesmos.
3. Para Rosângela Trajano, é o que sentimos quando o nosso corpo se encontra com o mundo. É o que nasce quando ouvimos o vento, tocamos a terra ou sentimos uma emoção que nos faz pensar.
4. É a forma como o pensamento ganha vida. Para Deleuze, o **corpo** não precisa de palavras para falar; ele comunica ideias através de gestos, posturas e da força que coloca na vida.
5. É aquilo que faz de cada encontro ou de cada pessoa algo único. É o que nos torna diferentes dos modelos prontos e permite que cada aluno crie o seu próprio jeito de filosofar.
6. É a marca que o mundo deixa em nós e a marca que deixamos no mundo. É ser tocado por uma ideia, por um abraço ou por uma paisagem, mudando a nossa força de agir.
7. É o que o nosso **corpo** pode fazer quando está livre. Deleuze convida-nos a descobrir a nossa capacidade de criar e de nos relacionar com o mundo de forma alegre e transformadora.

4.5.1 Pensar é brincar com as ideias

Frase para o quadro ou parede:

“Pensar é como plantar: começa pequeno e cresce com cuidado”.

“Pensar é como plantar uma semente, planejar o que foi pensado e como regar, por fim execute o plano e terá sua colheita” (Pepeu.)



Na roça, a criança pensa enquanto planta. Você já ajudou a plantar milho ou feijão? Já parou para observar a chuva, o cheiro da terra e o tempo de espera?

Pensar também é isso: olhar o mundo com atenção. Rosângela Trajano nos ensina que a filosofia nasce no **chão da vida**, nas coisas simples que fazemos todos os dias.

Deleuze acredita que pensar é brincar com ideias novas, como se elas fossem

sementes. No livro “*O que é a filosofia?*”, os autores definem o filosofar como a arte de **inventar, fabricar e criar conceitos**. Para eles, criar um **conceito** é como um ato de semeadura: é lançar algo novo no mundo, algo que ainda não existe, mas que tem a **potência** de crescer e transformar tudo ao redor.

ATIVIDADE: brincando de plantar ideias

1. A Semente do Pensar Imagine que uma **ideia** é como uma semente. Para que ela vire uma planta forte, ela precisa de cuidado, tempo e um bom lugar para crescer.

2. Desenhando o Pensamento Pegue uma folha de papel e use sua criatividade para desenhar:

- **A Semente:** Qual é a sua **ideia** inicial?
- **O Cultivo:** Do que essa ideia precisa para crescer? (Ex: curiosidade, conversa, observação).
- **A Árvore:** Como essa ideia se transforma em um pensamento grande e forte?

CAÇA-PALAVRAS

Encontre as palavras que fazem parte do nosso cotidiano e da nossa filosofia:

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Palavras para encontrar:

- **IDEIAS**
- **CORPO**
- **PENSAR**
- **TERRA**
- **BRINCAR**
- **CHUVA**
- **SEMENTES**

Roda de conversa: refletindo com o chão

Responda com sinceridade (pode ser por escrito ou em um círculo de conversa com a turma):

1. Onde você sente que pensa melhor: no silêncio da sala de aula, no aconchego de casa, na liberdade do quintal ou no trabalho da roça?
2. Qual foi a ideia mais bonita ou interessante que você já teve?
3. Você já sentiu que "plantou" um pensamento na cabeça de alguém ou na sua própria? Como foi essa experiência?

4.5.2. Escutar é uma filosofia: a cartografia dos afetos

Frase do dia para iniciar a reflexão:

“Escutar também é pensar com o coração aberto”



Na nossa comunidade rural, saber escutar é essencial. Nós escutamos os ensinamentos dos mais velhos, o comportamento dos animais e os sinais que anunciam a chegada da chuva.

Rosângela Trajano nos ensina que escutar é, por si só, um jeito profundo de filosofar. Deleuze complementaria dizendo que escutar significa se abrir para o encontro com o que ainda não sabemos, permitindo que o mundo nos afete.

ATIVIDADE: ouvindo a filosofia da natureza

A escuta, para Deleuze, é uma forma de perceber os **fluxos** e as **forças** que estão presentes no mundo. Não se trata apenas de ouvir barulhos, mas de se conectar com a vida que pulsa ao nosso redor e se abrir para as **intensidades** sonoras e táteis da nossa terra.

Instruções para a experiência:

1. *Silêncio no Território:* Saia da sala de aula e encontre um lugar calmo. Feche os olhos e fique em silêncio absoluto por 2 minutos.

2. *Mapeando os Sons:* Anote ou desenhe 3 sons que chamaram sua atenção durante esse tempo. Foi o barulho do vento nas folhas? O canto de um pássaro? O som de uma moto passando na estrada?
3. *Filosofando com o Som:* O que esses sons “disseram” para você? Que sensação ou ideia eles despertaram no seu **corpo**?

Façamos agora a leitura do texto de Rosângela Trajano: Escutar a Filosofia das Tardes de Outono

Em tardes de outono eu e meu amiguinho brincávamos na rua. Ventava bastante. Subimos em uma árvore para ver a tarde de mais perto. Gostávamos de olhar para as tardes de outono, porque elas nos contavam histórias de aventuras com heróis de verdade. Nas tardes de outono conversávamos com o vento que passava apressado e mandávamos recados para as meninas que não queriam saber da gente. Naquela época meninas não gostavam de brincar com meninos. Isso era uma coisa chata e diferente de hoje. Hoje, as tardes de outono são diferentes. O vento continua a passar rápido, porém as meninas brincam com os meninos e sobem junto com eles nas árvores para verem as suas folhas caírem. A tristeza das tardes de outono de hoje é que faltam árvores para gente brincar. Na cidade só tem poste de cimento. Arrancaram todas as árvores da rua. (TRAJANO, 2012. s/p).

Questões para reflexão filosófica

Após a leitura do texto de Rosângela Trajano, vamos pensar sobre:

1. **Sobre o Tempo e a Mudança:** Como as coisas que você vê hoje mudaram em relação ao que os mais velhos contam?
2. **Sobre a Imaginação e o Significado:** Uma árvore é apenas madeira e folhas ou ela pode ser uma casa ou um local de observação?
3. **Sobre as Relações Sociais:** Por que brincar junto (meninos e meninas) torna a tarde de outono mais viva?
4. **Sobre a Natureza e o Espaço Urbano:** O que acontece com o pensamento quando trocamos as árvores por postes de cimento?
5. **Sobre a Tristeza e a Perda:** O que o seu corpo sente quando um lugar querido da natureza é destruído?

O que aprendemos com esta escuta?

A aula "**Escutar é uma Filosofia**" ganha vida no texto de Rosângela Trajano. Ela nos mostra que a escuta — esse ato de abrir o coração e se conectar com o mundo —

não se limita a ouvir palavras. Escutar é uma forma de perceber os **fluxos** e as **forças** da natureza, exatamente como a filosofia de Deleuze nos ensina.

No texto, Rosângela e seu amigo não apenas ouvem o vento; eles **conversam** com ele. Eles se abrem para os sons e as sensações do outono, transformando essa experiência em histórias e recados. O vento não é apenas ar em movimento; ele carrega aventuras e pensamentos, demonstrando que a natureza possui uma "filosofia" própria.

A escuta também serve para percebermos o que muda com o passar do tempo. Rosângela nos mostra que as tardes de outono de hoje são diferentes das de antigamente. Ela "escuta" a saudade das árvores que não existem mais e a alegria das meninas que agora brincam com os meninos. O que se ouve, nesse caso, não é apenas um som, mas uma mudança profunda na **paisagem** e nas **relações**.

Sua atividade de sair da sala para ouvir o que o vento e os pássaros dizem é uma prática da filosofia viva. Ela nos ensina que, para entender o mundo, precisamos estar abertos para escutar as histórias que a natureza nos conta — sejam elas antigas, como a memória das árvores, ou novas, como a união das crianças no brincar.

1. Sobre Tempo e Mudança

O narrador do texto afirma que *"as tardes de outono são diferentes"* hoje. Pare e pense um pouco:

- Em sua opinião, o que causa as maiores mudanças na forma como as pessoas vivem e brincam ao longo do tempo?
- Pense na vida dos seus pais ou avós aqui no assentamento e compare com a sua: o que mudou?
- Você acredita que a mudança é sempre algo bom, ou será que ela pode nos fazer perder algo importante pelo caminho?

2. Sobre a Imaginação e o Significado

O texto diz que as tardes de outono *"nos contavam histórias de aventuras com heróis de verdade"*.

- O que significa dizer que uma tarde ou o vento pode **"contar uma história"**? Será que a natureza fala através de sons e sensações?
- Que tipo de **"heróis de verdade"** você acha que o narrador estava imaginando? Seriam pessoas comuns do dia a dia ou personagens de fantasia?

3. Sobre Relações Sociais

O narrador nota que, antigamente, *"meninas não gostavam de brincar com meninos"*, mas que hoje isso mudou e todos sobem nas árvores juntos.

- Por que você acha que as "regras" sobre quem pode brincar com quem mudam na sociedade ao longo do tempo?
- Em sua opinião, por que é importante brincar e conviver com pessoas que são diferentes de nós? O que ganhamos ao criar essas novas conexões?

4. Sobre a Natureza e o Espaço Urbano

No texto, o narrador compara a vida com as árvores e a vida com os postes de cimento.

- Qual é a diferença entre a experiência de "*subir em uma árvore para ver a tarde de mais perto*" e apenas olhar para um "*poste de cimento*"?
- De que forma a presença ou a ausência das árvores e da natureza afeta a sua maneira de brincar, de sentir e de pensar sobre o lugar onde você vive?

5. Sobre a Tristeza e a Perda

O narrador expressa a "*tristeza das tardes de outono de hoje*" pela falta de árvores que foram arrancadas.

- Para você, o que é **essencial** para que um lugar seja realmente bom para brincar e ser feliz?
- Se você tivesse que escolher algo na sua vida ou no seu dia a dia, do que você sentiria mais falta se fosse retirado ou proibido? Por que esse "algo" é tão importante para o seu **corpo** e para o seu pensamento?

ATIVIDADE REFLEXIVA: o mapa dos sons

1. Caça-palavras: O Som do Território

Encontre as palavras que conectam o nosso pensamento à vida no campo e à filosofia da escuta:

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Palavras para encontrar:

- **ESCUTAR**
- **SOM**
- **VIDA**
- **ROÇA**
- **CHUVA**
- **VENTO**
- **CORPO**
- **PÁSSARO**
- **NATUREZA**

RODA DE CONVERSA: o que o silêncio diz?

Após as experiências de hoje, reserve um momento para refletir (sozinho ou com seus colegas):

- **O que você aprendeu escutando hoje?** Houve algum som que você sempre ouviu, mas nunca tinha prestado atenção de verdade?
- **É difícil ficar em silêncio?** Por que você acha que, às vezes, sentimos necessidade de barulho ou temos dificuldade em parar para ouvir o mundo?

- **Quem você escuta com atenção?** Além da natureza, quem são as pessoas que você para, para ouvir de "coração aberto"?

4.5.3 O que é pensar diferente?

O Pensar Diferente e a Magia da Lua Cheia

Frase para a parede:

“Pensar diferente é criar espaço para o novo.”

Na roça, cada pessoa tem o seu próprio jeito de pensar e de lidar com a terra:



- Tem quem planta de um modo, e quem prefere outro.
- Uns colhem de um jeito, outros colhem de outro.
- Essa variedade é o que chamamos de **diferença**, e ela é fundamental! Rosângela Trajano e Deleuze nos ensinam que pensar diferente não é "errar" ou estar fora do padrão. Pelo contrário: pensar diferente é **criar caminhos novos**.

Vamos agora mergulhar na leitura do texto a seguir para entender como o olhar pode transformar o que vemos:

Leitura: “A Lua Cheia” (Rosângela Trajano)

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto: A Magia da Diferença

Questões para Reflexão:

1. **Sobre a Alegria e o Ambiente:** Como o lugar onde vivemos influencia nossa vontade de celebrar? (**Potência de Agir e Territorialidade**)
2. **Sobre o Encontro de Gerações:** O que as crianças e os idosos podem aprender uns com os outros em uma noite de festa? (**Encontro Intergeracional**)
3. **Sobre a Cultura e as Tradições:** Como o jeito de festejar da nossa comunidade nos ajuda a saber quem somos? (**Cultura e Tradicionalidade**)
4. **Sobre a Quebra da Rotina:** Por que é importante ter momentos que fogem do trabalho e das tarefas do dia a dia? (**A Ruptura do Cotidiano**)
5. **Sobre o Significado de "Festa":** O que faz de uma reunião de pessoas uma verdadeira festa? (**A Ontologia da Festa**)

Conectando Saberes

A aula "**O Que é Pensar Diferente?**" Se conecta perfeitamente ao texto de Rosângela Trajano sobre a lua cheia. Ambas as ideias celebram a diversidade e a beleza da vida em comunidade.

Você aprendeu que pensar diferente não é um erro, mas sim uma forma de criar novos caminhos. É como na roça, onde cada um tem seu jeito próprio de plantar e colher. A filosofia de Deleuze e de Rosângela nos convida a valorizar justamente essa **diferença**.

O texto da lua cheia mostra essa beleza na prática. Naquela noite especial, a comunidade se enche de diferentes formas de ser feliz:

- **A meninada** brinca de ciranda e jogo de bola, transbordando energia e alegria;
- **Dona Iracema**, com toda a sua sabedoria, nos presenteia com histórias;
- **Os namorados** trocam carinhos e beijos;
- **Os moços** encantam a todos com suas serestas.

Cada pessoa, com seu jeito único, contribui para a beleza daquela noite. O pensamento das crianças é diferente do pensamento de Dona Iracema, mas todos se reúnem sob a mesma lua, criando juntos um acontecimento único.

A lua cheia, no texto, representa o espaço onde todas as formas de pensar e viver se encontram e se completam. Não existe um jeito único de aproveitar a vida; existem vários, e todos são valiosos e bem-vindos.

DIÁLOGOS EM SALA: refletindo sobre a lua e a vida

1. Sobre a Alegria e o Ambiente O texto diz: "*A lua cheia nos traz alegria.*"

- A alegria é algo que vem apenas de dentro da gente ou ela pode ser causada por algo que está fora, como a natureza (a lua, o sol, a chuva)?

- Se a lua não estivesse lá, "a sorrir", você acha que a sensação da festa na comunidade seria a mesma?

2. Sobre o Encontro de Gerações No texto, as pessoas se reúnem na rua: *"A meninada brinca... Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração."*

- Qual é a importância de ter crianças, jovens e idosos convivendo no mesmo espaço, como na calçada ou no terreiro?
- O que você acha que os mais velhos e as crianças podem aprender uns com os outros nesses momentos de encontro?

3. Sobre a Cultura e as Tradições A noite de lua cheia é marcada por *"ciranda", "jogo de bola", "histórias de assombração" e "seresta"*.

- Por que esses hábitos simples, como contar histórias e cantar, são importantes para manter viva a cultura de um lugar?
- Na sua vida, quais são as atividades ou "tradições" que reúnem sua família ou amigos? O que elas ensinam sobre viver junto?

4. Sobre a Quebra da Rotina A festa é tão boa que a meninada *"brinca até mais tarde"*.

- Por que, de vez em quando, é importante "quebrar a rotina" e fazer as coisas fora do horário normal?
- O que acontece com a nossa sensação de liberdade quando um evento especial nos permite ficar acordados até mais tarde?

5. Sobre o Significado de "Festa" O narrador diz: *"Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade."*

- A "festa" mencionada no texto é apenas barulho ou é uma sensação de união e bem-estar de todos?
- Para você, o que é necessário para que um momento seja considerado uma "festa", além de comida e bebida?

ATIVIDADE: meu jeito de pensar na noite de lua cheia

1. Qual é o título do texto?

2. Segundo o texto, o que a meninada faz durante a lua cheia?

3. O que Dona Iracema conta para as crianças?

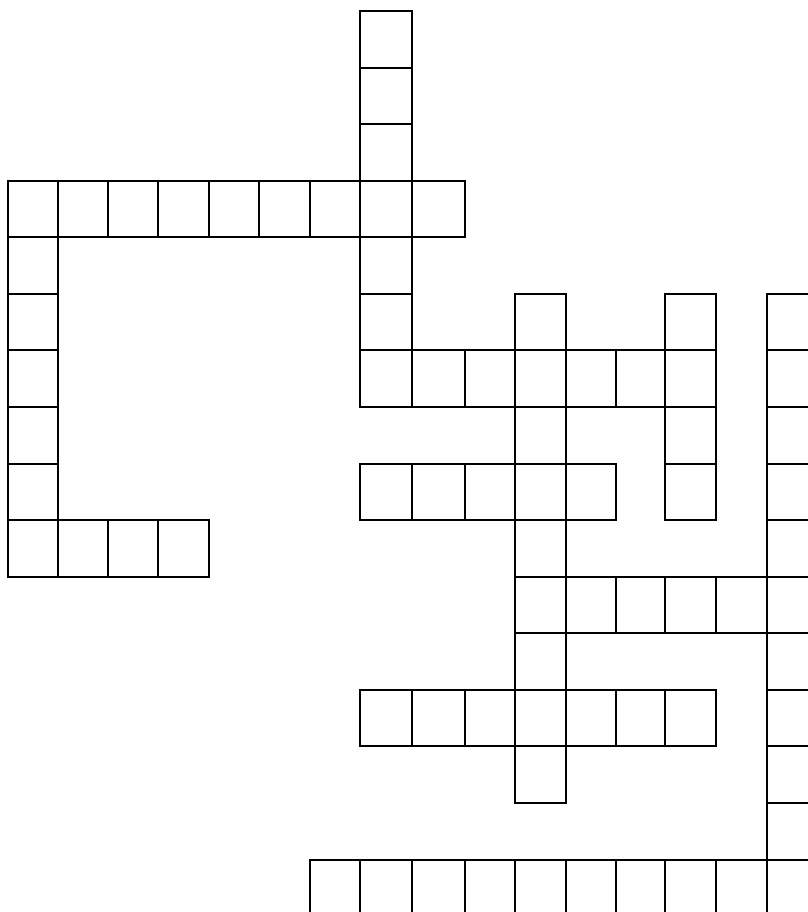
4. A Arte de Diferir (Desenho e Reflexão): Em uma folha (ou no espaço abaixo), desenha você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.

- **a)** Imagine como cada um estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? E os seus amigos?
- **b)** Complete a frase no seu desenho: "Eu penso diferente quando... (Exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)."
- **c)** Compartilhe com um colega ao lado: "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?"
- **d)** Após ouvir o colega, reflita: "O seu pensamento é igual ao meu?"

Cruzadinha filosófica

Encontre as palavras que ajudam a formar o nosso pensamento e a nossa vida:

- **APRIORI**
- **ROÇA**
- **DIVERSIDADE**
- **CAMINHO**
- **CRIAÇÃO**
- **COMUNIDADE**
- **OBJETOS**
- **SERES**
- **FILOSOFIA**
- **FAMÍLIA**
- **AMOR**
- **SABEDORIA**



Para refletir e conversar

Agora que exploramos a magia da lua cheia e a beleza das diferenças, pense sobre a sua própria caminhada:

- Alguma vez você já foi criticado ou se sentiu "estranho" por ter um jeito de pensar diferente dos outros?
- Como foi essa experiência para você? Como o seu **corpo** e o seu pensamento reagiram?
- O que você aprendeu com essa situação? Você conseguiu criar um caminho novo a partir disso?

4.6 CAPÍTULO III – ONDE ESTÁ A FILOSOFIA NO MEU DIA?

Frase para a parede:

“A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro.”

Renato Nogueira



A formiga filosofante

Era uma vez uma **formiga** filosofante. Ela **pensava** no mundo e nas coisas ao seu redor. Quem sou eu? De onde vim? Para onde eu vou quando morrer? Essas e outras perguntas fazia a formiga **filosofante**. Dizem que a formiga não fazia nada e quando chegava o **inverno** ficava pedindo abrigo nas casas das **amigas** que passaram o verão **trabalhando**. Diziam que a formiga era filosofante porque ela pensava demais nas coisas do mundo. A formiga filosofante se **preocupava** com o **amanhã**, com as **florestas** e com os homens. Pensava na sua **existência** e se havia vida **inteligente** fora da **terra**. Trajano, Rosângela lição 17, V I, 2018.

Encontre as palavras negrito no caça palavras:

P	O	L	F	I	M	N	S	F	P	S	A	Z	H
R	E	S	O	U	U	R	O	Ç	E	A	Q	P	A
E	V	R	R	O	N	T	L	P	N	E	W	H	I
O	I	O	M	C	D	U	V	A	S	C	S	O	C
C	V	F	I	L	O	S	O	F	A	N	T	E	N
U	E	G	G	O	R	P	O	S	V	S	F	E	E
P	M	A	A	M	I	G	A	S	A	J	E	U	T
A	N	T	R	A	B	A	L	H	A	D	O	R	S
V	O	T	E	R	R	A	M	A	N	H	Ã	R	I
A	I	F	L	O	R	E	S	T	A	S	T	K	X
Y	A	I	I	N	T	E	L	I	G	E	N	T	E

Após conhecermos a história da formiga e a frase de Renato Nogueira, vamos refletir sobre a nossa própria vida:

- **O que você aprende com a vida no campo?** Quais segredos da natureza e do trabalho na terra você já conhece e que não estão nos livros?
- **Quem te ensina filosofia fora da escola?** Pense nas pessoas da sua família ou da comunidade (os mais velhos, os vizinhos). O que eles já te ensinaram sobre a vida?
- **Onde mora a sua sabedoria?** Ela está apenas na cabeça, ou ela mora também nas suas mãos, no seu jeito de cuidar das plantas e no seu respeito pela terra?

A filosofia no ritmo do meu dia

Você acorda cedo? Vê o nascer do sol? Ajuda na horta ou cuida dos bichos? Tudo isso pode ser filosofia!

Rosângela Trajano acredita que a vida simples também é uma forma de pensar o mundo. Já Deleuze diria que a filosofia não está escondida em livros difíceis, mas sim **no meio da vida**, acontecendo a todo instante enquanto agimos e sentimos.

ATIVIDADE: a filosofia do meu dia

1. O Inventário dos Meus Afetos: Faça uma lista das suas tarefas de hoje. Marque o que você realizou e tente lembrar o que sentiu em cada momento:

- Varri o quintal?
- Lavei a louça?
- Escutei o canto dos passarinhos?
- Ajudei com os animais ou na roça?
- Outra tarefa: _____

2. O Pensar em Ação (Escreva ou Desenhe no caderno): Escolha uma das tarefas acima e descreva: o que passa pela sua cabeça enquanto você a realiza? No que você pensa quando está em silêncio fazendo seus deveres?

ATIVIDADE: caça-palavras do cotidiano

Encontre no quadro as palavras que fazem parte da nossa filosofia diária:

Palavras para encontrar:

- ROÇA

- CHUVA

- SOL

- VIDA

- FILOSOFIA

- HORTA

- CORPOS

- TAREFAS

- PÁSSARO

E	O	L	O	I	M	N	S	F	S	A
A	E	S	C	U	T	R	O	Ç	A	Q
C	V	R	P	O	J	T	L	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	S
V	D	F	I	L	O	S	O	F	I	A
O	A	G	C	O	R	P	O	S	S	F
B	T	K	J	A	T	Z	A	C	J	E
R	P	A	S	S	A	R	O	S	Y	R
T	E	T	I	O	Ç	G	U	R	T	A
J	I	K	W	M	G	O	U	P	P	T

Pensando no meio da vida

- Você já filosofou enquanto lavava a louça ou varria o quintal?
- O que o nascer do sol faz você sentir e pensar?
- Qual momento do seu dia você considera o mais "filosófico"?

4.6.1 A Filosofia Mora na Roça: o Pensar Rural

Você mora na roça, em um povoado ou em um lugar afastado da cidade? Muita gente acredita que só se faz filosofia em grandes escolas ou cidades barulhentas. Mas isso não é verdade!

Rosângela Trajano nos ensina que a filosofia mora também "nas quebradas", nas comunidades e nas vozes que muitas vezes são esquecidas. Na zona rural, a gente aprende com o chão, com a sabedoria da avó, com o conselho do vizinho e com o ritmo da vida.

Deleuze diria que a filosofia nasce onde existe o **desejo de pensar**. E esse pensar pode acontecer em qualquer lugar: embaixo de um pé de manga, cuidando da plantação ou no terreiro de casa.

ATIVIDADE: minha filosofia mora aqui

1. **Desenhe sua casa** ou o seu lugar preferido na comunidade (pode ser um rio, uma árvore ou um banco).
2. **Escreva um pensamento:** Lembre-se de uma frase ou de uma ideia que você já teve nesse lugar.
 - Exemplos: “Aqui eu pensei sobre o futuro...”, “Nesta sombra eu entendi o que é a paz” ou “Foi neste banco que aprendi o que é a saudade”.

4.7 CAPÍTULO IV – RIZOMA: A GEOMETRIA VARIÁVEL DO PENSAMENTO E A VIDA EM REDE

Frase para o quadro ou parede:

“Pensar como rizoma é deixar as ideias crescerem livres, como mato no quintal.”
Silvane Aparecida de Souza

VOCÊ SABE O QUE É UM RIZOMA?

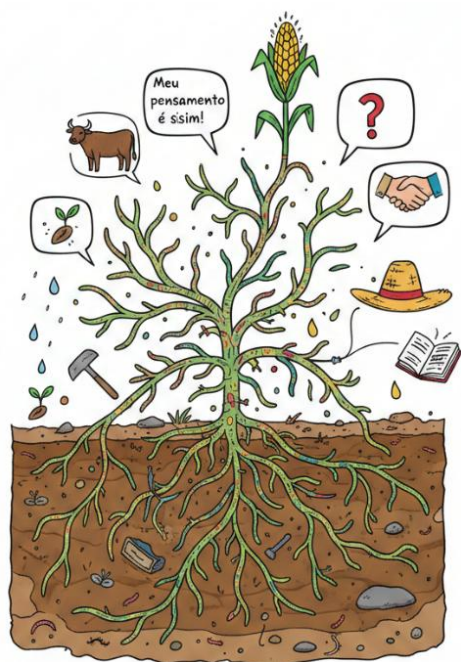
“Os bulbos e os tubérculos são rizomas” (Deleuze e Guattari, p. 14). “O rizoma não tem começo nem fim; ele está sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*.” —

Deleuze & Guattari

Imagine uma raiz que cresce de muitos jeitos, em muitos lugares ao mesmo tempo, sem ter um único começo ou uma direção obrigatória. É exatamente como a raiz da **mandioca** ou do **capim**!

Deleuze usa essa ideia da natureza para dizer que o nosso pensamento também é **rizomático**. Isso significa que não existe um único jeito de pensar ou uma única “verdade” presa em uma caixa.

Rosângela Trajano também compartilha dessa visão: ela acredita em uma filosofia que nasce e cresce como mato no quintal — livre, criativa, resistente e cheia de vida.



ATIVIDADE: rizoma das ideias

Vamos construir o nosso próprio mapa de conexões? Siga os passos:

1. Pegue uma folha em branco.
2. No centro da folha, escreva a palavra: **FILOSOFIA**.
3. A partir dela, puxe vários galhos (como se fossem raízes se espalhando) e escreva as ideias que surgirem na sua mente, conectando-as umas às outras. Use as palavras que estudamos:

- **Corpo**
- **Sentir**
- **Vida**
- **Roça**
- **Diferença**

- **Escuta**
- **Silêncio**
- **Amor**

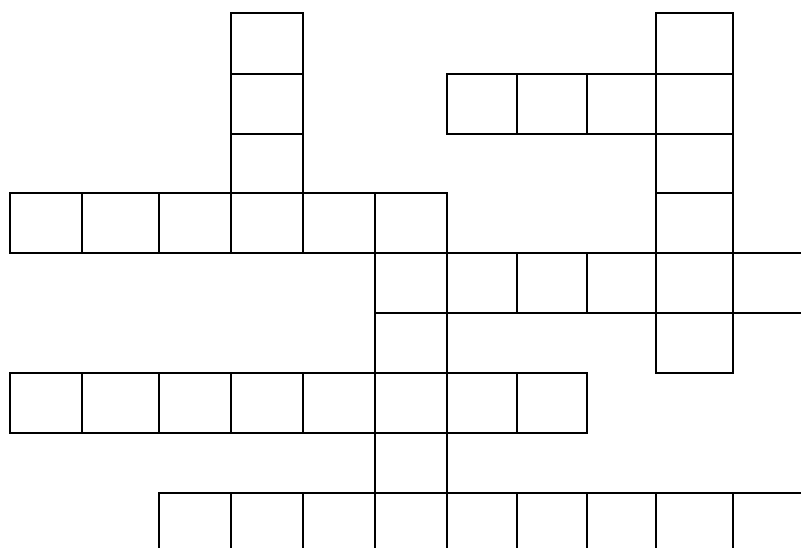
Finalizando nosso mapa

4. Compartilhando Saberes: Após terminar o seu desenho do rizoma, use as cores que mais gosta para enfeitá-lo. Lembre-se: na filosofia, as cores representam a intensidade dos nossos sentimentos. Depois, compartilhe seu mapa com os colegas e veja como as ideias de vocês se cruzam!

PALAVRAS CRUZADAS: a rede da vida

Encontre as palavras que formam a nossa "raiz" de pensamentos:

- **RAÍZES**
- **RIZOMA**
- **ÁRVORE**
- **MATO**
- **PENSAR**
- **VIDA**
- **MANDIOCA**
- **LIBERDADE**



PERGUNTAS PARA PENSAR

- Você já observou de perto uma raiz que cresce para todos os lados, como a do capim ou da mandioca?
- Você sente que o seu pensamento também cresce assim, fazendo várias conexões ao mesmo tempo?
- Qual ideia que você teve hoje? já começou a virar um "galho novo" na sua mente?

DESAFIO COLETIVO: NOSSO RIZOMA FILOSÓFICO

Em grupo, vamos unir nossas folhas ou usar um papel grande para criar o **Rizoma da Turma**.

- Conectem as ideias de um colega com as do outro.
- Usem barbantes, fitas ou traços coloridos para mostrar que, no assentamento e na vida, ninguém pensa sozinho. Estamos todos conectados!

4.8 DICAS PARA O PROFESSOR

Cada capítulo desta cartilha é aberto por uma frase motivadora. Essas frases não são apenas decorativas; elas são o "ponto de partida" para o pensamento. Elas condensam a união entre a filosofia de Deleuze e a sensibilidade de Rosângela Trajano.

Como utilizar em sala de aula:

O Quadro como Mural: Antes de iniciar a aula, escreva a frase em destaque no quadro. Convide os alunos a lerem em voz alta e perguntar: "O que essa frase tem a ver com o nosso dia aqui na roça?".

Territorialização: Peça aos alunos que escrevam a frase em cartazes e os cole nas paredes da sala ou até em árvores do pátio da escola. Transformar a frase em um objeto visual ajuda a criança a "sentir" o conceito.

Pesquisa e Aprofundamento: Professor, sinta-se encorajado a pesquisar a origem de cada frase. Entender o contexto em que Deleuze ou Trajano escreveram essas ideias permitirá que você tenha mais segurança para mediar as dúvidas dos alunos e expandir o sentido da aula para além do papel.

Lembre-se: Uma frase colada na parede é como uma semente plantada no olhar. Ela fica lá, mesmo quando não estamos falando dela, crescendo no pensamento dos estudantes.

Dicas para o Professor Capítulo II – O Corpo Também Pensa?

Você pode usar essa frase como um “Pensamento do Dia” ou uma “Pílula Filosófica”. Veja esta sugestão de layout de texto:

VOCE SABIA? A filósofa *Rosângela Trajano* nos conta um segredo: o pensamento não acontece só dentro da nossa cabeça enquanto estamos sentados e quietos. Ela diz que: “O corpo também pensa. O corpo sente ideias.” (TRAJANO, 2013.p.28)

Isso significa que quando você corre, quando sente o vento no rosto no (nome do lugar que a escola e situada) ou quando sente um calafrio de curiosidade, você está filosofando com o corpo todo!

Lembre-se que o texto “O encontro Deleuze-Trajano” pode ser trabalhado com a finalidade de desenvolver a leitura, discussão instigando cada aluno (a) e falar sobre o que se pensa das palavra em negrito, interpretação de texto a partir da pesquisa feita das palavra negritos....

Dicas para 2.1 – Pensar é Brincar com as Ideias

Como semear este texto em sala

Este texto é um convite para tirar a filosofia da "nuvem" e trazê-la para o "chão". O objetivo é fazer o aluno perceber que o trabalho no campo e o trabalho do pensamento exigem a mesma paciência e observação.

1. A Roda de Conversa: O que brota daqui?

Inicie a aula perguntando sobre o ciclo da planta que eles mais conhecem.

- Provocação: "Se a semente é a ideia, o que seria a chuva? O que seria o sol?".
- Conexão Deleuziana: Explique que a chuva e o sol são os encontros (as conversas, os livros, as dúvidas) que fazem a ideia crescer. Sem o encontro com o outro, a semente (ideia) não rompe a casca.

2. Atividade Prática: “O Meu Conceito-Semente”

Peça para os alunos escreverem em um papel pequeno uma "ideia-semente" (algo que eles gostariam de entender melhor ou mudar no mundo).

- Ação: Eles devem colocar esse papel dentro de um potinho com terra (ou desenhar um vaso).
- O Desafio: Durante a semana, eles devem "regar" essa ideia conversando com alguém sobre ela e anotar o que a ideia "cresceu". Isso materializa a frase de Trajano: “*A filosofia nasce no chão da vida*”.

3. Exploração do Conceito de Criação (Deleuze)

Ao citar que a filosofia é "fabricar conceitos", mostre aos alunos que eles são *inventores*.

- Dinâmica: Se pudéssemos inventar um nome novo para o sentimento de ver a chuva chegar na roça, que nome seria?
- Objetivo: Estimular a autonomia. Não se trata de achar a resposta certa no dicionário, mas de "fabricar" um sentido novo para a experiência deles no assentamento.

4. Observação do Tempo (Atenção ao Meio)

O texto menciona observar a chuva e a terra. Proponha um "minuto de silêncio filosófico".

- Prática: Leve os alunos para fora da sala. Peça que fechem os olhos e apenas sintam o vento e os sons.

- Conclusão: Ao voltar, discuta como o corpo "sentiu" o tempo. Use a citação de Trajano: "O corpo sente ideias". A paz ou a agitação que sentiram no corpo é uma forma de pensamento.

Dicas para 2.2 – Escutar é uma Filosofia: A Cartografia dos Afetos

Esta atividade propõe que o estudante se torne um investigador de sua própria realidade, valorizando a escuta sensível como ferramenta de criação conceitual. Antes de avançar nos conteúdos teóricos da cartilha, oriente os alunos a realizarem uma entrevista dialógica com seus familiares (pais, avós, tios) ou membros da comunidade.

O objetivo é que os estudantes tragam para a sala de aula a "voz do chão", compartilhando as narrativas coletadas para que, juntos, possamos tecer conexões entre a vivência no assentamento e o pensamento filosófico. As temáticas para a investigação são:

1. Sobre Tempo e Mudança: (Temporalidade e Devir): Como os mais velhos percebem a passagem do tempo e as mudanças na terra?
2. Sobre a Imaginação e o Significado; (Imaginário e Produção de Sentido): Quais histórias e significados habitam as memórias da família?
3. Sobre Relações Sociais; (Tecituras Sociais): Como se dão as relações de cooperação e convivência na comunidade?
4. Sobre a Natureza e o Espaço Urbano; (Territorialidade: A Natureza e o Espaço): Qual a relação afetiva com o meio ambiente e as diferenças percebidas entre o campo e o urbano?
5. Sobre a Tristeza e a Perda; (Afetos Tristes e Superação): Como a comunidade lida com a tristeza, a perda e a resiliência no território?

Quanto ao professor lembre: Somente após essa socialização das experiências vividas é que se deve prosseguir com as sistematizações teóricas. Isso garante que a filosofia não seja imposta, mas que brote das necessidades e saberes locais.

Dica para 2.3 – O Que é Pensar Diferente? O Pensar Diferente e a Magia da Lua Cheia

Dica Pedagógica: A noite como espaço de pensamento. Professor, para abordar o "pensar diferente", propomos uma quebra na hegemonia da sala de aula. Deleuze nos

convida a sair dos caminhos viciados do pensamento. Por que não levar essa aula para o luar? Se não for possível o encontro noturno, utilize a *imaginação radical* para transformar a sala em um terreiro de luz e sombra. Sugira uma atividade de “*Círculo de Saberes sob o Luar*” (real ou imaginário), onde o foco não é a resposta correta, mas a potência do novo. Utilize os temas abaixo para estimular a criatividade e a sensibilidade dos alunos:

1. Alegria e ambiência; (Potência de Agir e Territorialidade): Como o cenário (a luz da lua, o som da noite no campo) altera o que sentimos e o que pensamos? A alegria pode ser um ato de resistência?
2. Sobre o Encontro de Gerações; (Encontro Intergeracional): Como o pensamento "novo" dos jovens se conecta e se diferencia do "velho" saber dos antepassados? Há faíscas de criação nesse encontro?
3. Sobre Cultura e as Tradições; (Cultura e Tradicionalidade): De que forma as tradições do Assentamento 16 de Abril nos permitem pensar o mundo de um jeito que quem mora na cidade não consegue?
4. Sobre a Ruptura do Cotidiano (Quebra da Rotina): Se o pensamento é um hábito, como podemos "desabituar" a mente? O que acontece com o pensamento quando saímos da rotina escolar?
5. Sobre o Significado de "Festa; (A Ontologia da Festa): O que significa "fazer festa" no campo? A festa é apenas diversão ou é um momento onde o pensamento celebra a vida e cria novos laços?

Sugestão Criativa: Peça que os alunos tragam um objeto que "só faz sentido no escuro" ou "sob a luz da lua". Pode ser uma lanterna, uma semente que brilha, ou uma história de assombração que virou sabedoria. Use isso para mostrar que pensar diferente é mudar a luz sobre as mesmas coisas.

Observação

- Uso da Ontologia: Quando falamos em "Ontologia da Festa", estamos tratando a festa como um modo de ser e de existir, algo profundo na filosofia.
- Imaginário Radical: Em vez de uma simples aula, você propõe uma experiência estética (luz, sombra, luar).
- Diálogo com Deleuze: A ideia de "desabituar a mente" é o cerne do pensamento deleuziano contra o senso comum.

Dica para o capítulo 3 – Capítulo III – Onde Está a Filosofia no Meu Dia

Dica Pedagógica: Geofilosofia e a Escuta do Pequeno. Professor, este capítulo é um convite para descolonizar o pensamento. Ao citar Noguera, provocamos os alunos a perceberem que o conhecimento não está "lá fora", nos grandes centros, mas no plano de imanência do próprio (cita o nome da lugar onde a escola está inserida). A filosofia é uma "morada" que construímos onde quer que haja vida e reflexão.

Para trabalhar o texto “A Formiga Filosofante”, de Rosângela Trajano, sugerimos uma abordagem baseada na *etnofilosofia* e na observação das intensidades do campo:

ATENÇÃO

1. A Estética da Observação: Assim como a formiga no texto olha para o mundo de uma perspectiva diferente, convide os alunos a um exercício de "ficar pequenos". Como seria filosofar a partir do chão da roça? O que as pequenas coisas do cotidiano rural nos ensinam sobre a existência?
2. Territorialidade e Resistência: Discuta como a " territorialidade rural" é, na verdade, um centro de produção de saberes. A formiga, em sua jornada, atravessa territórios. Quais são os territórios (físicos e mentais) que nossos alunos atravessam diariamente?
3. Potência de Agir e Coletividade: A formiga nunca está só. Use a metáfora do formigueiro para falar sobre a *Tecitura Social* e o *Agenciamento Coletivo* no assentamento. Como a união das "pequenas vozes" cria uma grande força de pensamento e transformação?
4. Saberes de Terreiro e de Roça: Conecte a frase de Noguera com a realidade local. O que o "terreiro" e a "roça" têm a dizer para a filosofia acadêmica? É o momento de valorizar os benzimentos, as sementes crioulas e as histórias dos mais velhos como filosofia viva.

Sugestão Criativa: O Diário da Formiga Investigadora. Peça que os alunos escolham um elemento da natureza ao redor da escola (uma planta, um inseto, uma pedra) e escrevam/desenhem o que esse elemento "diria" se estivesse filosofando sobre a vida em sua própria comunidade, (citar o nome da sua localidade). Isso exercita o *Devir-Animal* (conceito deleuziano) e a empatia com o meio ambiente.

Observação:

- Geofilosofia: Termo que Deleuze usa para dizer que o pensamento é inseparável da terra.
- Descolonização: Alinhado com Renato Nogueira, mostra que você reconhece saberes fora do eixo Europa-EUA.
- Devir-Animal: É o nome técnico para o que a criança faz ao se imaginar no lugar da formiga para pensar o mundo.

Imagem sugerida: Um mapa onde, em vez de ruas, vemos caminhos de formigas, que levam a grandes interrogações filosóficas brotando da terra.

Dicas para o Capítulo IV – Rizoma: A Geometria Variável do Pensamento e a Vida em Rede

Dica Pedagógica: Cartografando Conexões e Multiplicidades

Professor, chegamos ao coração da proposta deleuziana. Explicar o **Rizoma** para alunos do 6º ano na zona rural é falar sobre algo que eles conhecem bem: o capim-grama, a batata-doce ou a hortelã. Diferente de uma árvore (que tem um tronco central e raízes que descem), o rizoma se expande para os lados, criando novas conexões a cada ponto.

O conceito de **Rizoma**, proposto por Deleuze e Guattari, é a ferramenta perfeita para compreendermos a complexidade, do Assentamento 16 de Abril, onde a pesquisa está sendo aplicada, (quanto a você pode se referir a localidade de sua escola). Diferente do pensamento "árvore" (que é rígido, tem uma única raiz e uma única verdade), o rizoma é como a grama ou as raízes de mandioca: ele se espalha, conecta pontos distantes e não possui um centro fixo.

Neste capítulo, o objetivo é que o aluno perceba que o seu pensamento e a sua vida na sua comunidade funcionam como um rizoma. Ao utilizar a belíssima metáfora de Silvana Aparecida de Souza, convidamos o aluno a perceber que o conhecimento não precisa ser "comportado" ou "podado". Utilize as seguintes diretrizes para a mediação:

1. *A Estética do “Mato”* Discuta com os alunos a diferença entre um jardim planejado — rígido e artificial — e o mato que cresce no quintal, que é livre e resistente. O pensamento rizomático assemelha-se a esse "mato" que brota nas frestas da rotina escolar, trazendo novos saberes que não constam no livro didático. Demonstre que na filosofia, assim como na lida da roça, elementos distintos se auxiliam e se complementam. Como o conhecimento escolar se conecta ao saber de quem planta? De que maneira a

música se relaciona com a matemática do roçado? Pensar de forma rizomática é, fundamentalmente, estabelecer conexões entre pontos diferentes.

2. *Ruptura Assignificante*: No rizoma, se uma parte é cortada, ela possui a capacidade de recomeçar em outro lugar. Utilize esse conceito para dialogar sobre a resiliência do assentado: mesmo diante das adversidades, a comunidade é capaz de traçar novos caminhos. O pensamento não estagna; ele se reinventa. No rizoma, qualquer ponto pode ser conectado a outro. Como os saberes da lida no campo se conectam com a filosofia? De que forma o corpo que dança no terreiro se vincula ao corpo que pensa na sala de aula? Estimule os alunos a construírem "pontes" entre saberes e experiências que, à primeira vista, parecem distantes.

3. *Rupturas e Recomeços*: Demonstre que, no pensamento rizomático, quando uma ideia é interrompida, ela "vaza" e se reconstitui em outro ponto. Esse conceito dialoga diretamente com a própria história da luta pela terra: a resistência é um rizoma que se refaz e se fortalece a cada desafio enfrentado. Nesse sentido, é fundamental evidenciar que não existe uma "única verdade" ou uma forma exclusiva de ser. A sala de aula deve ser compreendida como um emaranhado de histórias, onde cada aluno representa um ponto de intensidade que contribui para a expansão dessa rede coletiva de saberes.

4. *Cartografia do Pensamento*: Em vez de uma avaliação formal ou prova final, proponha a elaboração de um mapa de pensamentos. Diferente de uma ilustração convencional, o mapa rizomático não possui um centro fixo ou uma hierarquia rígida; ele deve expressar como a filosofia, o corpo, a terra e os sonhos dos alunos estão profundamente interconectados. Em vez de exigir que os estudantes definam o conceito teórico de rizoma, convide-os a cartografar o rizoma de suas próprias vidas. Onde as raízes de seus conhecimentos se cruzam? Na convivência familiar? No trabalho com a terra? No cotidiano escolar? Nas vivências religiosas ou na organização do sindicato?

ATENÇÃO

Sugestão Criativa: A Teia de Barbante. Leve um rolo de barbante para o pátio. Peça que os alunos segurem uma ponta e joguem para um colega ao dizerem algo que aprenderam ("Eu aprendi que meu corpo pensa"). Ao final, todos estarão ligados por uma grande rede física. Explique: Isso é um Rizoma. Se um de nós soltar, a rede muda, mas continua existindo. Somos todos parte de uma rede de pensamentos.

Sugestão Criativa: A Investigação do Quintal. Se possível, leve os alunos ao redor da escola para observar como as plantas rasteiras se espalham. Peça que toquem o chão e percebam que, por baixo da terra, tudo está conectado. Volte para a sala e diga: Nossa inteligência é exatamente assim. Ninguém pensa sozinho, pensamos em rede.

Segue dicas para fechar o estudo da cartilha: Mapa de Pensamentos, minha filosofia em cores, árvore do conhecimento filosófico.

5. SEMENTES DO PENSAR

O Pensar como Ato de Liberdade no Campo. Chegamos ao fim desta jornada, mas, como aprendemos com o rizoma, o fim é apenas um novo começo, uma nova conexão. Ao longo desta cartilha, provocamos o corpo para que ele pudesse despertar o pensamento e descobrimos que a filosofia não está trancada em livros difíceis, mas viva no chão do assentamento, na escuta do outro e na coragem de ser diferente. Como nos ensina Gilles Deleuze, 2007, p. 63. “Não se trata de reproduzir ou inventar formas, mas de captar forças”.

Captamos aqui as forças da nossa terra, da nossa ancestralidade e da nossa resistência. Entendemos que pensar não é representar o mundo, mas criar novos mundos possíveis.

A filosofia, nesta obra, foi sentida através da ludicidade. Como bem pontua Rosângela Trajano 2007, p. 3 “A filosofia é uma brincadeira de pensar o mundo com o coração nas mãos e os olhos cheios de porquês”.

Neste encontro entre o conceito e o afeto, entre a "geometria variável" e o "pensar com o corpo", espera-se que cada aluno e professor tenha percebido que o saber é uma rede em constante expansão. Deseja-se que as sementes plantadas ao longo destes quatro capítulos floresçam em pensamentos livres, críticos e, acima de tudo, inventivos.

A filosofia reside aqui; ela habita em cada um de nós, situando-se no meio, entre as coisas, como o mato que cresce livre no quintal da vida. Como resultado prático, a aplicação da cartilha gerou produções escritas por parte dos alunos, cujas atividades respondidas e analisadas encontram-se disponíveis e detalhadas no **Apêndice A** [Atividades respondidas] deste trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar as potências do ensino de filosofia em um território marcado pela luta e pela resiliência: o Assentamento 16 de Abril. Ao percorrer a trajetória histórica da Escola Santo André e analisar os desafios socioespaciais da zona rural, compreendeu-se que a filosofia não poderia ser entregue aos alunos do 6º ano como um pacote de abstrações distantes, mas sim como uma geometria variável capaz de dialogar com o corpo, com a terra e com a identidade.

A fundamentação teórica em Gilles Deleuze permitiu compreender o pensamento não como uma linha reta em direção a uma verdade única, mas como um sistema de rizoma. Como discutido ao longo deste estudo, a educação no campo exige que abandonemos a estrutura arborescente do saber — aquela que é rígida, hierárquica e centralizada — em favor de uma pedagogia das conexões e das multiplicidades. De acordo com Deleuze e Guattari (1995, p. 11): “Um rizoma não começa nem termina, ele está sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo.”

Nessa perspectiva, o ensino de filosofia na Escola Santo André assume um caráter geofilosófico, onde o pensar é inseparável do território. Ao romper com a lógica da “árvore”, que busca raízes fixas e verdades imutáveis, a prática docente no assentamento passa a valorizar as linhas de fuga e os movimentos de desterritorialização. Como afirma Deleuze (2006), o pensamento só ocorre quando somos forçados por um encontro sensível, por algo que violenta a inércia da consciência e nos obriga a criar. Assim, a realidade do campo não é um obstáculo ao ensino, mas a matéria-prima que provoca o surgimento de novos conceitos.

Ademais, a transição para uma “Comunidade de Investigação”, conforme proposto no capítulo inicial, dialoga com a necessidade de uma ética do encontro. O aprendizado deixa de ser uma transmissão de informações para tornar-se uma produção de afetos. Para Deleuze, o aprendizado é o encontro entre um corpo e um signo; no contexto da zona rural, esses signos estão no trabalho com a terra, na história da luta pela posse do chão e nas singularidades de cada aluno. Ao adotar a multiplicidade como princípio, a escola deixa de tentar “decalcar” um saber urbano e passa a “mapear” as potências locais, transformando a sala de aula em um laboratório de invenções coletivas.

Nesse contexto de ruptura com o modelo tradicional, o ensino de filosofia é ressignificado como um ato de resistência e criação. Para Sílvia Gallo (2012, p. 194), a filosofia na sala de aula não deve ser uma exposição de museu, mas uma experiência viva:

“O papel do professor de filosofia não é o de transmitir um saber, mas o de ser um provocador de pensamentos, um criador de problemas que exijam o esforço do pensar”. Na Escola Santo André, essa provocação ocorre quando transformamos a lida no campo em um problema filosófico, permitindo que o aluno da zona rural deixe de ser apenas um espectador da história para se tornar um produtor de conceitos.

A proposta de uma “Comunidade de Investigação”, que atravessa esta dissertação, encontra eco no pensamento de Walter Kohan (2002), especialmente no que tange à relação entre infância e tempo. Para Kohan, a infância não é uma etapa cronológica a ser superada, mas uma potência de interrogação: “A filosofia com crianças é uma oportunidade de habitar o tempo da intensidade, o tempo kairós, onde a pergunta vale mais que a resposta pronta” (KOHAN, 2002, p. 55). Ao valorizar o tempo da criança das comunidades rurais, a pesquisa reafirma que o “pensar diferente” nasce da liberdade de estranhar o óbvio e de cartografar o mundo a partir de novas sensibilidades.

Por fim, essa construção coletiva do saber exige um solo ético e humanizado, como defende Maria Luiza Silveira Teles (1992). A autora nos lembra que não há educação real sem o reconhecimento da singularidade do outro e sem o afeto que une educador e educando.

Segundo Teles (1992, p. 41), “Educar é, antes de tudo, um ato de amor e de coragem, que pressupõe o respeito à dignidade do aluno e a crença na sua capacidade de transformar a si mesmo e ao mundo”. No Assentamento 16 de Abril, essa ética da alteridade é o que permite que a cartografia do pensamento se transforme em uma ferramenta de emancipação social, onde cada “ponto de intensidade” do rizoma escolar contribui para a consolidação de uma comunidade de investigação autêntica e transformadora.

Neste “entre-lugar” que é a chão do assentamento, a filosofia floresce não pelo estudo dos grandes sistemas, mas pela experimentação. A cartilha “Pensar com o Corpo” materializa essa transição da teoria para a práxis, utilizando o pensamento de Rosângela Trajano para suavizar e ludicizar conceitos densos. A autora nos recorda que o ato de filosofar na infância e pré-adolescência é um despertar sensível: “A filosofia é uma brincadeira de pensar o mundo com o coração nas mãos e os olhos cheios de porquês.” (TRAJANO, 2012, p. 3).

Ao unir Deleuze e Trajano, esta dissertação propõe uma reterritorialização do saber. Mostra-se portanto que a escassez de recursos didáticos e as barreiras tecnológicas do assentamento não são impedimentos intransponíveis, mas sim pontos de ruptura que

forçam o pensamento a criar novos caminhos. O “Mapa de Pensamentos”, atividade central do produto pedagógico, provou que o cotidiano da criança rural é um território filosófico por excelência, rico em afetos e singularidades.

Conclui-se que o papel do educador na Escola Santo André é o de um cartógrafo. Não se trata de imprimir um saber pronto (decalcomania), mas de mapear as potências que já existem no território. Ao final desta jornada, reafirmamos que o ensino de filosofia na zona rural é um ato político de liberdade, pois permite que o aluno transforme sua realidade em conceito e sua luta em pensamento.

A cartilha apresentada não se pretende um ponto final ou um manual dogmático; pelo contrário, ela se institui como uma potente linha de fuga e um convite à experimentação docente. Sua relevância reside no ato de promover a iniciação filosófica não como um acúmulo de informações, mas como um despertar da sensibilidade crítica e criativa em discentes do campo.

Ao desmistificar o filosofar, o produto pedagógico oferece o suporte necessário para que outros educadores de diversas comunidades rurais possam atuar como semeadores de inquietações. Assim, tal como a vegetação resiliente que rompe a rigidez do solo, esta proposta permite que as ideias brotem livremente nos interstícios do cotidiano, transformando o cenário da vida comum em um laboratório vivo de descoberta e emancipação intelectual.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, seção 1, 23 dez. 1996.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____; _____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1.** Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: a imagem-movimento.** Tradução de Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DOZOL, Marlene de Souza. **Rousseau e a educação: a máscara e o rosto.** Petrópolis: Vozes, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 46. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Silvio. **Filosofia: experiência do pensamento.** Volume único. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2013.

_____. **Deleuze & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HARDY, Benoît. **Que é um conceito?** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2013.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman.** Petrópolis: Vozes, 1998.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola.** São Paulo: Summus, 1990.

OLIVEIRA, Paula Ramos de. **Filosofia para a formação da criança.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PLATÃO. **A República.** Livro VII. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Leis e Epinomis**. v. 12-13. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

RAMOS, Sandra Lima de Vasconcelos. **Jogos e brinquedos na escola**: orientações psicopedagógicas. Teresina: EDUFPI, 2011.

REIS, Lígia de Almeida Durante Correa dos. **Filosofia para crianças**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2019.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: encontros com as diferenças culturais em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TELES, Maria Luiza Silva. **Filosofia para crianças e adolescentes**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TRAJANO, Rosângela. **Inclusão**: a escola que acolhe os diferentes. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE A

[Atividades respondidas]

Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:

- Liberdade
- Medo
- Amor
- Tristeza
- Alegre

2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"

3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

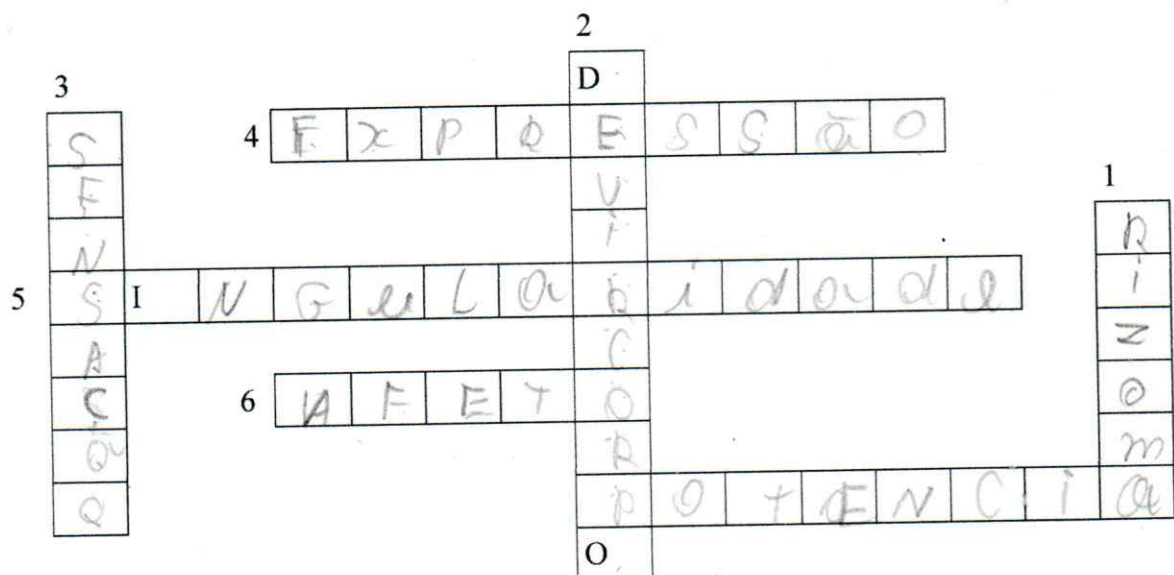
qu o amar pode ser demonstrado só com um gesto amar pode ser demonstrado

- O seu corpo também pensa? Como?

Sim, quando fico nervoso, fico tremulho

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

Sim.

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS

Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:
 - Liberdade
 - Medo
 - Amor
 - Tristeza
 - Alegre
2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"
3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

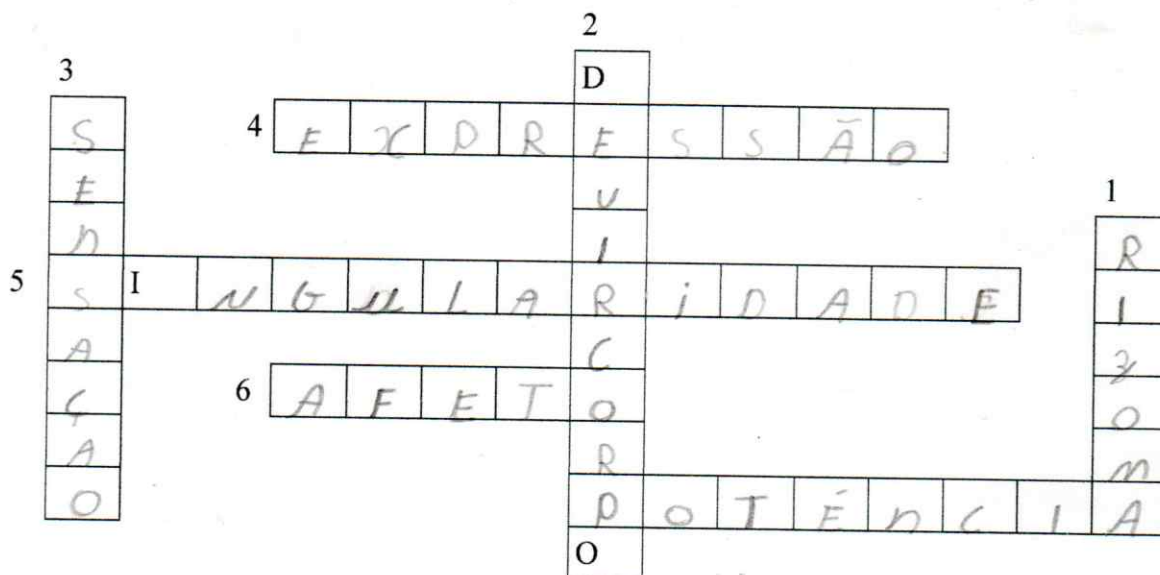
Eu aprendi que o corpo tem a capacidade de pensar e reagir de acordo com minhas emoções.

- O seu corpo também pensa? Como?

Sim. ele pensa de acordo com minha reação

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

Sim, diversas vezes

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS

Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:

- Liberdade
- Medo
- Amor
- Tristeza
- Alegre

2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"

3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

*que o sinal pode ser dinâmico
só com um gesto.*

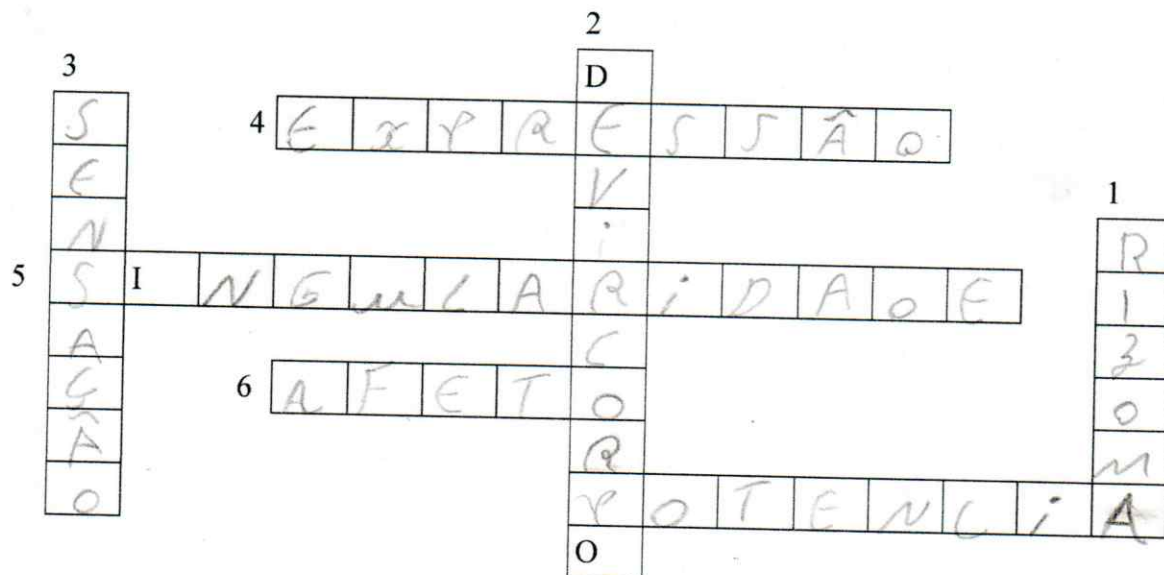
- O seu corpo também pensa? Como?

Sim, quando fico nervoso, fico tremendo

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

Sim

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS



Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:
 - Liberdade
 - Medo
 - Amor
 - Tristeza
 - Alegre
2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"
3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

que o amor pode redimir tudo

- O seu corpo também pensa? Como?

Só com um gesto

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

Sin quando fêbo me verso fêbo tremado

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS

5 in

[illegible]

JEFFERSON

Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:

- Liberdade
- Medo
- Amor
- Tristeza
- Alegre

2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"

3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

XORO é ficar triste e chorar

- O seu corpo também pensa? Como?

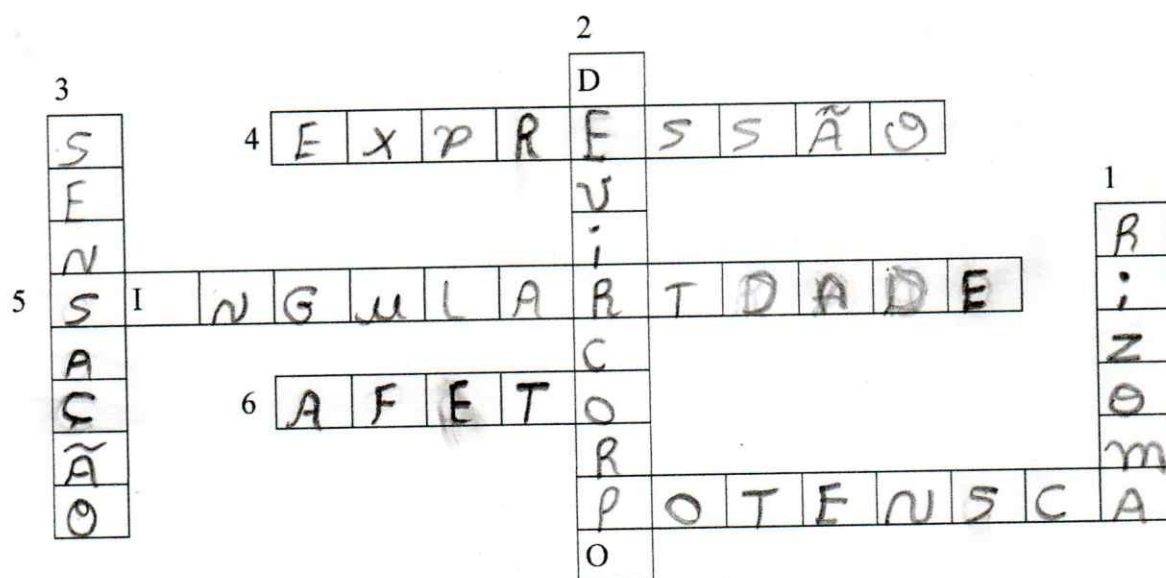
Sim quando do xico no corpo

fica tremula

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

Sim

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS



Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:

- Liberdade
- Medo
- Amor
- Tristeza
- Alegre

2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"

3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

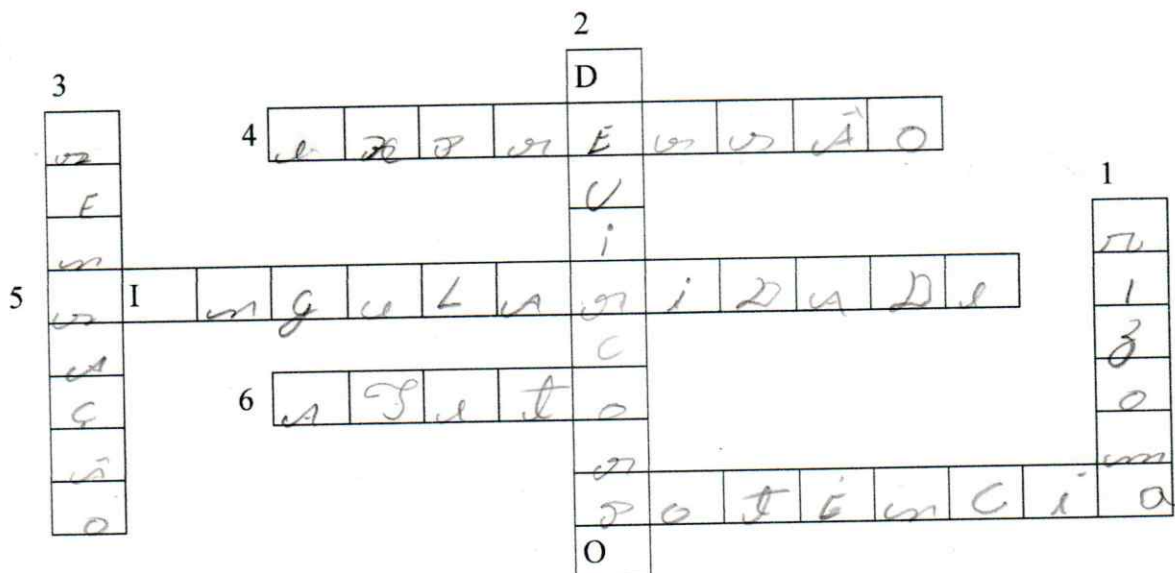
*que o amor pode ser demonstrado
sem um gesto*

- O seu corpo também pensa? Como?

sim, quando fico nervoso meu corpo treme

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

sim

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS

Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:

- Liberdade
- Medo
- Amor
- Tristeza
- Alegre

2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"

3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

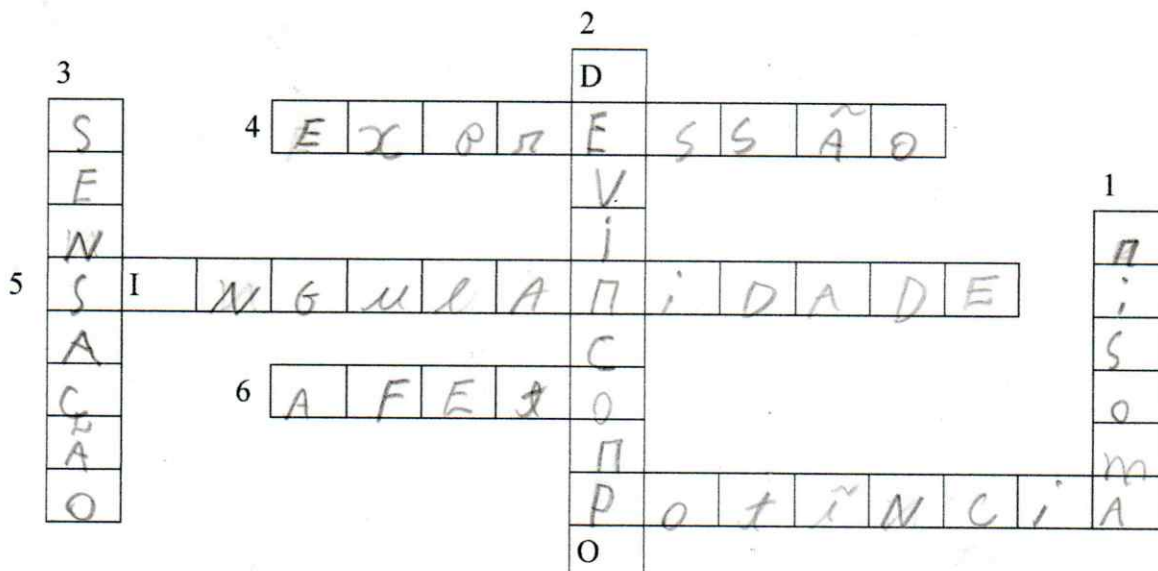
Quando eu do medo eu choro

- O seu corpo também pensa? Como?

Sim, quando fico nervoso, fico trêmulo.

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

Sim

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS

mais nos cor, dos mudo

Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:

- Liberdade
- Medo
- Amor
- Tristeza
- Alegre

2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"

3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

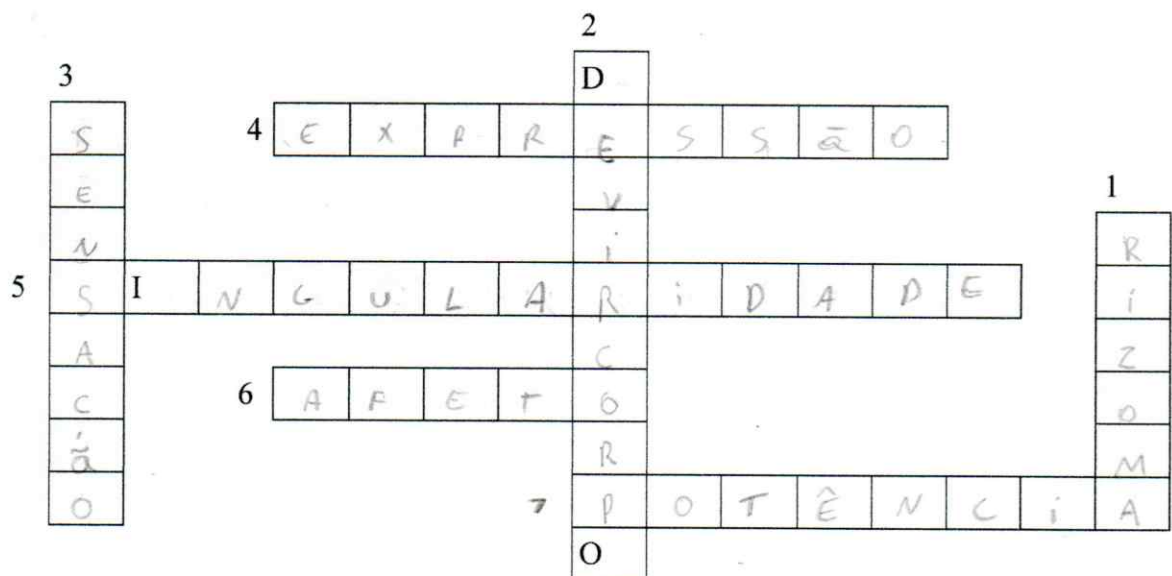
eu aprendi que o corpo tem a capacidade de pensar a partir de acordo com minhas emoções.

- O seu corpo também pensa? Como?

Sim. Ele pensa de acordo com minha reação.

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

Sim, diversas vezes.

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS

Atividade: I Capítulo O Corpo Também Pensa?

1. Levante e invente um gesto para a palavra:

- Liberdade
- Medo
- Amor
- Tristeza
- Alegre

2. Mostre o gesto para os colegas, sem falar nada. Peça para ele adivinhar: "O que você acha que meu corpo está dizendo?"

3. Depois, outro aluno e assim sucessivamente até finalizar a atividade!

Refletindo, em dupla ou individual

- O que você aprendeu com o gesto do seus colegas?

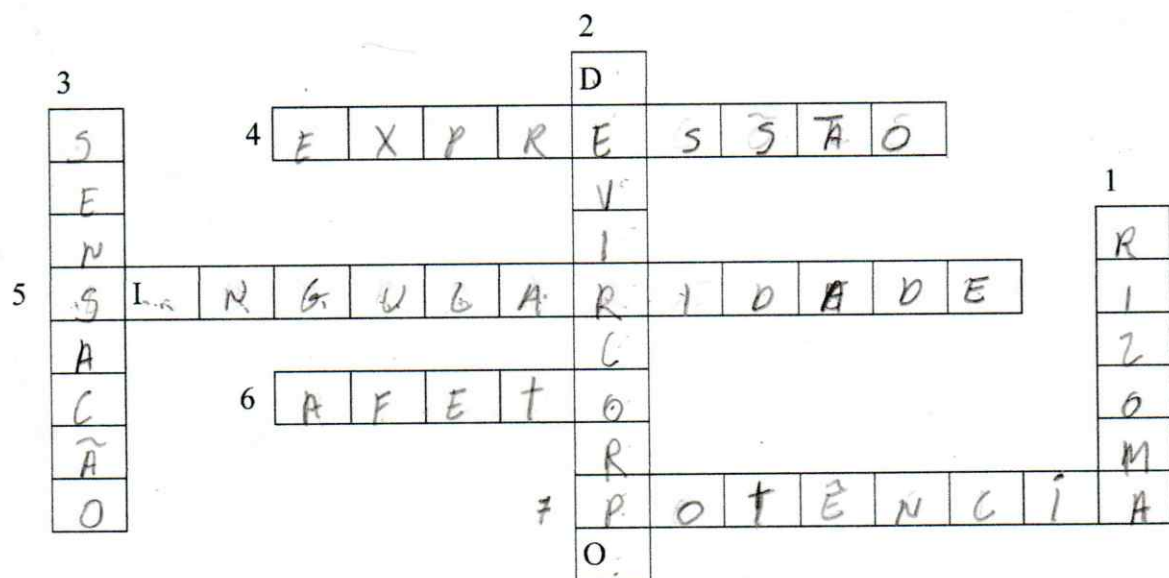
Eu aprendi que o corpo pode pensar de maneira diferente.

- O seu corpo também pensa? Como?

Sim, ele pensa de acordo com o que estou sentindo.

- Você já pensou com o corpo sem perceber?

Sim, muitas vezes.

PARA RESPONDER : PALAVRAS CRUZADAS

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.
2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- ☒ IDEIAS
- ☒ CORPO
- ☒ PENSAR
- ☒ TERRA
- ☒ BRINCAR
- ☒ CHUVA
- ☒ SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça? *com melancia + comer milho*

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

Prison de Bola

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

Plantei no ninho a Pescar

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.

2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- IDEIAS
- CORPO
- PENSAR
- TERRA
- BRINCAR
- CHUVA
- SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça?

no quintal

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

a gata cantinha

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

não só ajuda

Eu penso só no bem de todo mundo

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.

2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- IDEIAS
- CORPO
- PENSAR
- TERRA
- BRINCAR
- CHUVA
- SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça?

no quintal

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

a gata cantinha

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

não do jeito

Eu penso só no bem de todo mundo

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.
2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- IDEIAS
- CORPO
- PENSAR
- TERRA
- BRINCAR
- CHUVA
- SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça? *roça*

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

*Sair de casa a tarde pra ir
pro garage*

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

*Não sei DIZE mais qd penso na
minha vida e na FILOSOFIA
de viver melhor.*

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.

2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer? *estudar muito*

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)? *com pensamentos bons e nunca desistir.*

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

• IDEIAS

• CORPO

• PENSAR

• TERRA

• BRINCAR

• CHUVA

• SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça? *no quintal*

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

De cuidar do meu ambiente

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

sim! nunca deixei de dele.

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.
2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- IDEIAS ✓
- CORPO ✓
- PENSAR ✓
- TERRA ✓
- BRINCAR ✓
- CHUVA ✓
- SEMENTES ✓

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça? *na sala de aula*

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

*fui de quando eu viajei eu fui viajar para
eu ajudar os meus Pais*

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

*sim eu plantei o meu pensamento quando eu
estive de mais eu fui viajar para ajudar
os meus Pais*

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.
2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- IDEIAS
- CORPO
- PENSAR
- TERRA
- BRINCAR
- CHUVA
- SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça?

no quintal

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

de gaga kala

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

? Reso de gaga kala

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.
2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- X • IDEIAS
- X • CORPO
- X • PENSAR
- X • TERRA
- † • BRINCAR
- X • CHUVA
- X • SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça? *em casa*

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

fazer de senhor

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

nao

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.
2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- X IDEIAS
- CORPO
- X PENSAR
- X TERRA
- X BRINCAR
- X CHUVA
- X SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça? *em casa*

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

de ir au moto Grasso Lonham d'elhins

3º) Você já plantou um pensamento? Como? *Plasando?*

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.
2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- IDEIAS
- CORPO
- PENSAR
- TERRA
- BRINCAR
- CHUVA
- SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça? *na roça*

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

Faz fazer um Pão de Pau um Pão de Pau e um Brinde

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

Sim

Atividade: Brincando de Plantar Ideias

1. Imagine que sua ideia é uma semente.

2. Pegue uma folha e desenhe:

A semente (ideia)

O que precisa para ela crescer?

Como ela vira uma árvore (pensamento grande)?

Caça-palavras: Encontre essas palavras:

Palavras:

- IDEIAS
- CORPO
- PENSAR
- TERRA
- BRINCAR
- CHUVA
- SEMENTES

D	E	S	E	M	E	N	T	E	S
A	Q	U	I	V	O	D	G	J	I
C	O	V	C	O	R	P	O	D	D
A	V	E	T	E	R	R	A	E	E
V	E	B	R	I	N	C	A	R	I
C	H	U	V	A	F	O	R	T	A
M	N	V	P	E	N	S	A	R	S

Perguntas:

1º) Onde você pensa melhor: na sala de aula em casa, no quintal ou na roça?

No meu quintal e na sala de aula

2º) Qual foi a ideia mais bonita que você já teve?

A ideia de ajudar quem precisa.

3º) Você já plantou um pensamento? Como?

Eu começo pensando uma coisa, depois vai surgindo novas ideias. Assim, criando e "plantando" um pensamento.

Semente



Criatividade + Concentração + Vontade +
novas ideias + pensar

Caça-palavras:

Palavras:

• ESCUTAR

• SOM

• VIDA

• ROÇA

• CHUVA

• VENTO

• CORPO

• PÁSSARO

• NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?

- escutar do coração
- não porque eu gosto
- preferir

Caça-palavras:

Palavras:

• ESCUTAR

• SOM

• VIDA

• ROÇA

• CHUVA

• VENTO

• CORPO

• PÁSSARO

• NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?

os meninos eu não gostava de Brice com

menino.

Por m m m

com on professor

Caça-palavras:

Palavras:

- ESCUTAR
- SOM
- VIDA
- ROÇA
- CHUVA
- VENTO
- CORPO
- PÁSSARO
- NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	H	U	V	A	C	H	
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	A	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?

1. merinos não gostavam de
brincar com merinos

2. Não por que é bom ficar em
silêncio pode ajudar a pensar
melhor

Caça-palavras:

Palavras:

• ESCUTAR

• SOM

• VIDA

• ROÇA

• CHUVA

• VENTO

• CORPO

• PÁSSARO

• NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?

- Que é importante fazer silêncio e escutar os outros
- Sim, porque eu gosto falar...
- meus pais...

Caça-palavras:

Palavras:

- ESCUTAR —
- SOM —
- VIDA —
- ROÇA —
- CHUVA —
- VENTO —
- CORPO —
- PÁSSARO —
- NATUREZA —

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- 1 • O que você aprendeu escutando hoje?
- 2 • É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- 3 • Quem você escuta com atenção?

• Que é importante escutar e ouvir os outros...

• não, porque eu já sou acostumada a ficar em silêncio

• Meus pais, meus avós, meus tios, meus professores...

Caça-palavras:

Palavras:

✓ ESCUTAR

✓ SOM

✓ VIDA

✓ ROÇA

✓ CHUVA

✓ VENTO

✓ CORPO

✓ PÁSSARO

✓ NATUREZA

**Perguntas:**

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?

as coisas que me dizem de dentro com
 silêncio, não por ser ruim
 a vida é assim

Caça-palavras:

Palavras:

- ESCUTAR (X)
- SOM (x)
- VIDA (x)
- ROÇA (x)
- CHUVA (x)
- VENTO (x)
- CORPO (x)
- PÁSSARO (x)
- NATUREZA (x)

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	A	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?

aperta atenção na aula
 Sim, porque as meninas fazem zueira
 as meninas

Caça-palavras:

Palavras:

- ESCUTAR
- SOM
- VIDA
- ROÇA
- CHUVA
- VENTO
- CORPO
- PÁSSARO
- NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?

ouvir a natureza

não porque não é difícil

a professora

Caça-palavras:

Palavras:

X • ESCUTAR

X • SOM.

X • VIDA

X • ROÇA

X • CHUVA

X • VENTO

X • CORPO

X • PÁSSARO

X • NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?

- Eu aprendi que além de escutar
com os ouvidos, eu posso escutar
com o meu coração.
- Para mim é difícil porque eu
passo a maior parte do tempo
falando, mas consigo ficar calado.
- Eu escuto: minha mãe, professora,
minha vó, meu pai, minhas amigas,
mas as que eu mais escuto.

brincar. Na cidade se tem pouco de silêncio.

Caça-palavras:

Palavras:

• ESCUTAR

• SOM

• VIDA

• ROÇA

• CHUVA

• VENTO

• CORPO

• PÁSSARO

• NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	O	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?
- É difícil ficar em silêncio? Por quê?
- Quem você escuta com atenção?
- *Eu aprendi que ouço com coração*
- *Não por que não agudo*
- *O porquê*

Antônio VAE

Noite de lua cheia

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto? *Noite de lua cheia*
- 2- O que a meninada faz na lua cheia?
A meninada brinca até mais tarde
- 3- O que dona Iracema conta para a meninada?
Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo?

EU estaria comendo pipoca

- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)." *NA SERA*
- c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?" *brincando de bola*

Nico las

Noite de lua cheia

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto?
- 2- O que a meninada faz na lua cheia?
*noite de lua cheia
a meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola.*
- 3- O que dona Iracema conta para a meninada?
dona Iracema nos conta histórias de assombração
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



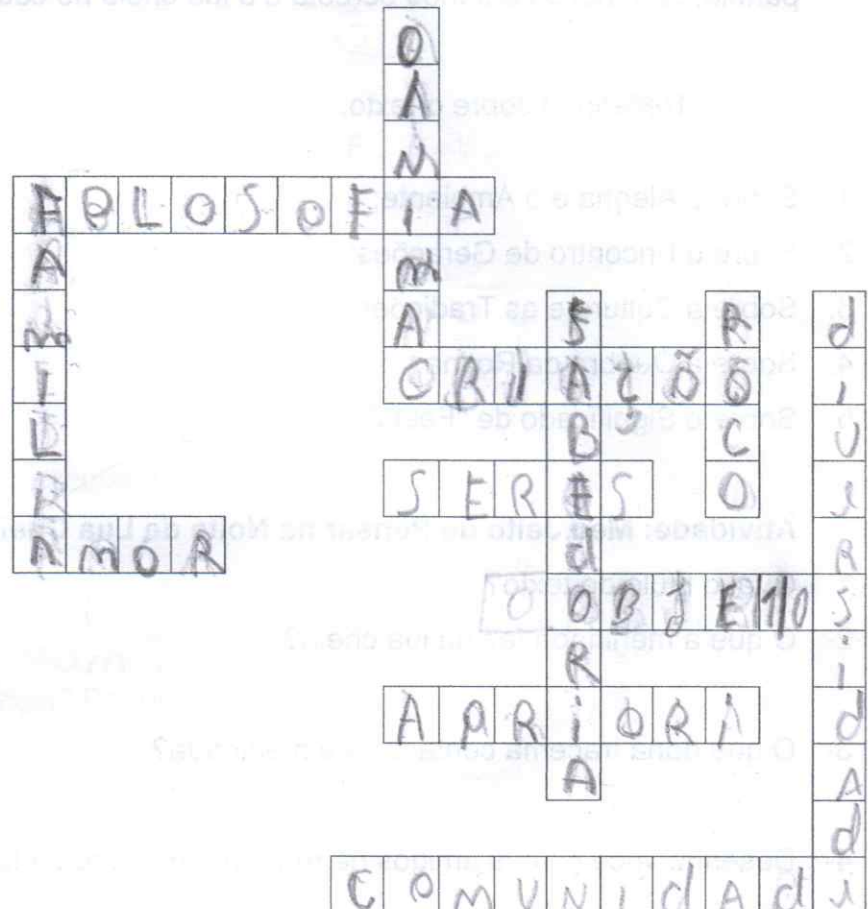
- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo?
eu tava jogando Bolo e meu amigo tava com um ugalino
- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)."
Sim jogando Bolo
- c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?"
eu tava jogando Bolo

d) O seu pensamento é igual ao meu?"

não

5-Cruzadinha

- APRIORI
- ROÇA .
- DIVERSIDADE .
- CAMINHO
- CRIAÇÃO
- COMUNIDADE .
- OBJETOS .
- SERES
- FOLOSOFIA
- FAMILIA
- AMOR
- SABEDORIA



Para refletir:

- Você já foi criticado por pensar diferente?

não

- Como foi?

tá diferente

- O que você aprendeu com isso?

nada

Noite de lua cheia

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto? *Noite de lua cheia*
- 2- O que a meninada faz na lua cheia?
Brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola
- 3- O que dona Iracema conta para a meninada?
história de assombração
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo?

Jogando Bola, Brincando de piqui-esconde

- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)."

- c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?"

Brincando de piqui-esconde, Jogando Bola

Noite de lua cheia

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

1- Qual o título do texto? A noite de lua cheia.

2- O que a meninada faz na lua cheia?

brincam até mais tarde de ciranda e jogo de bola.

3- O que dona Iracema conta para a meninada?

conta história de assombração.

4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo?

Estava-mos passeando pela rua calmamente

b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)." ^{sim!} nós estava-mos passeando.

c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?" sim

Francildo Sino BarBora!

Noite de lua cheia

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. Ameninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto? *lua cheia*
- 2- O que ameninada faz na lua cheia? *brinca até mais tarde*
- 3- O que dona Iracema conta para ameninada? *historia de ananbroca.*
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo?

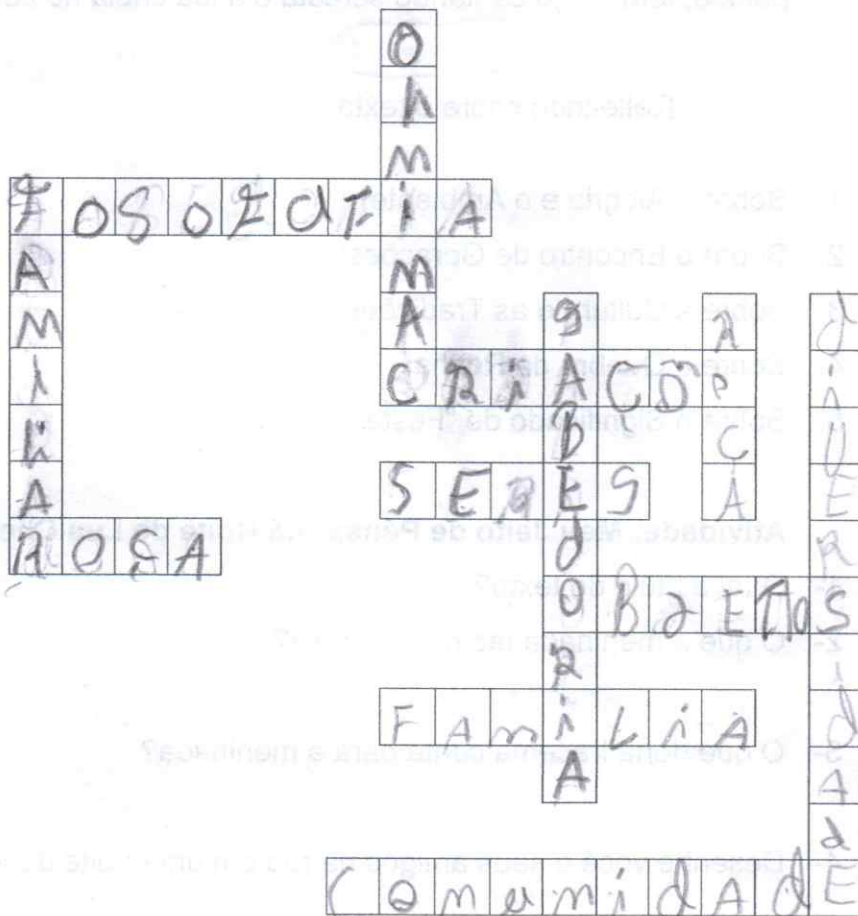
*nos estamos brincando de lola. meu amigo
brincando de Pipa*

- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)." *nos estamos brincando de Pipa*
- c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?" *ouvindo Bala*

d) O seu pensamento é igual ao meu?"

5-Cruzadinha

- APRIORI
- ROÇA .
- DIVERSIDADE .
- CAMINHO
- CRIAÇÃO
- COMUNIDADE .
- OBJETOS .
- SERES
- FOLOSOFIA
- FAMILIA
- AMOR
- SABEDORIA



Para refletir:

- Você já foi criticado por pensar diferente?

mas

- Como foi?

- O que você aprendeu com isso?

Noite de lua cheia

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto? *Noite de lua Cheia*
- 2- O que a meninada faz na lua cheia? *Brincando até mais tarde de ciranda e jogo de Bola*
- 3- O que dona Iracema conta para a meninada? *Conto histórias de assombrações*
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.

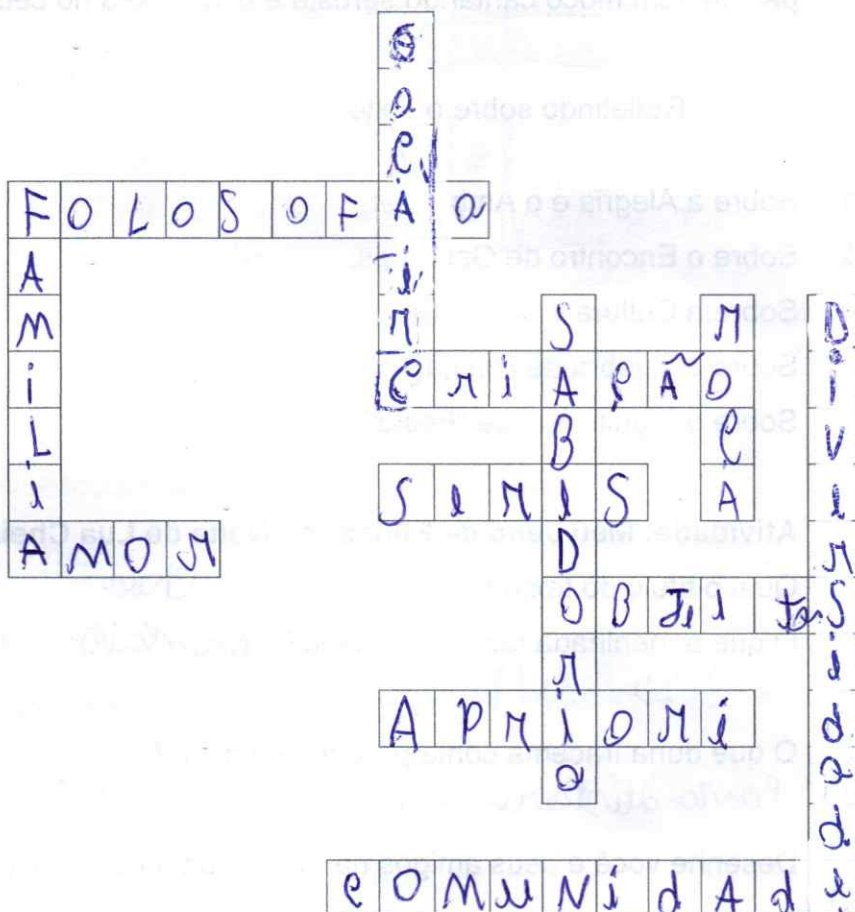


- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo? *Eu estava Brincando mais meu amigo*
- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)." *nao estava fazendo lutas*
- c) Compartilhe com um colega: "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?" *Brincando de Bola*

d) O seu pensamento é igual ao meu?" *Sim*

5-Cruzadinha

- APRIORI
- ROÇA .
- DIVERSIDADE .
- CAMINHO
- CRIAÇÃO
- COMUNIDADE .
- OBJETOS .
- SERES
- FOLOSOFIA
- FAMILIA
- AMOR
- SABEDORIA



Para refletir:

• Você já foi criticado por pensar diferente? *Não*

• Como foi?

• O que você aprendeu com isso?

Hulkison

Hulkison Silva

Noite de lua cheia

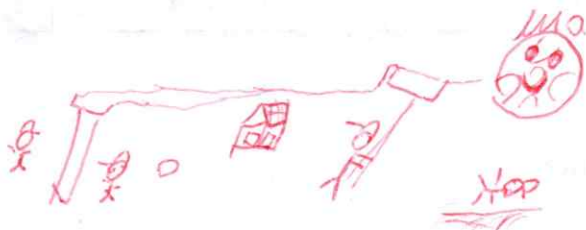
A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto? *noite de lua cheia*
- 2- O que a meninada faz na lua cheia?
a meninada brinca até mais tarde
- 3- O que dona Iracema conta para a meninada?
Dona Iracema nos conta história de assombração
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



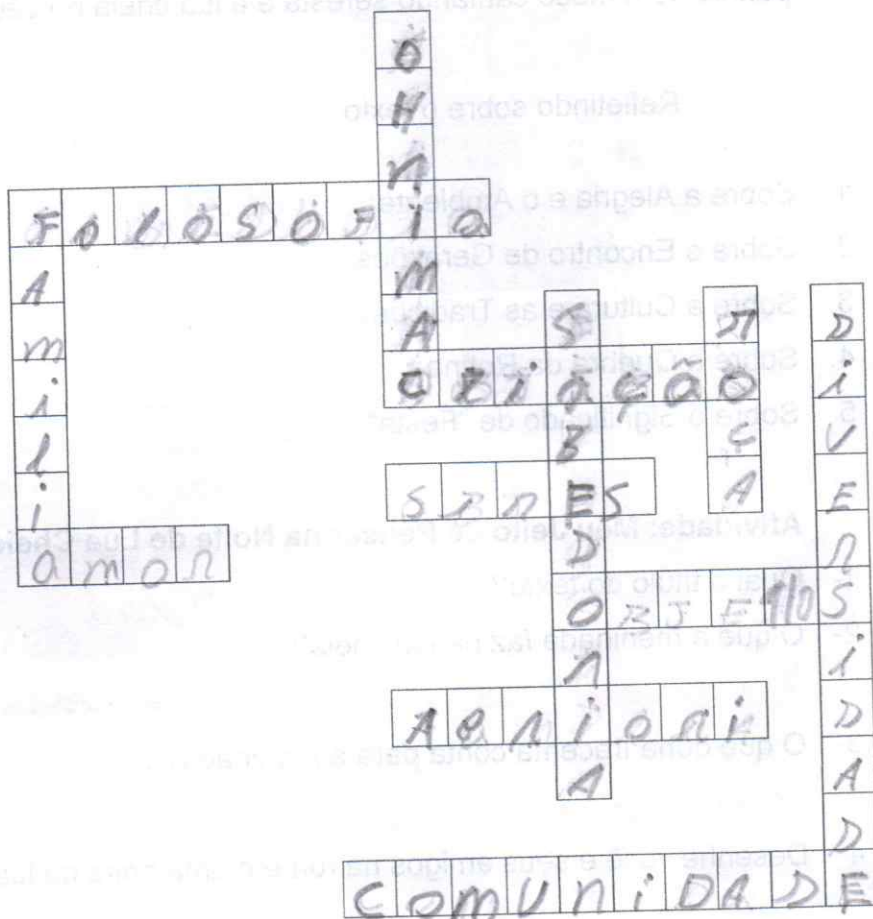
- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo? *eu tava jogando bola*
um meu amigo estava do o bolão
- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)." *sim jogando bola*
- c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?" *eu estava jogando bola*

d) O seu pensamento é igual ao meu?"

não

5-Cruzadinha

- APRIORI
- ROÇA
- DIVERSIDADE
- CAMINHO
- CRIAÇÃO
- COMUNIDADE
- OBJETOS
- SERES
- FOLOSOFIA
- FAMILIA
- AMOR
- SABEDORIA



Para refletir:

- Você já foi criticado por pensar diferente?

não

- Como foi?

Foi Bom

- O que você aprendeu com isso?

o mundo é um lugar

Noite de lua cheia

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas, Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipocaquentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto? *noite de lua cheia*
- 2- O que a meninada faz na lua cheia?
Brinca até mais tarde de ciranda e jogo de Bola
- 3- O que dona Iracema conta para a meninada?
conta história de assombração.
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



nos Brinca de escândi-escândi.

- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo?

nos estava jogando ou Brincando de escândi-escândi ou de Bola ou de taquí Bul, ou de seresta latinha

- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)." *Eu penso diferente dele e ele também*

- c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?" *Eu gostaria de Brinca de Piumino, e ele gostaria*

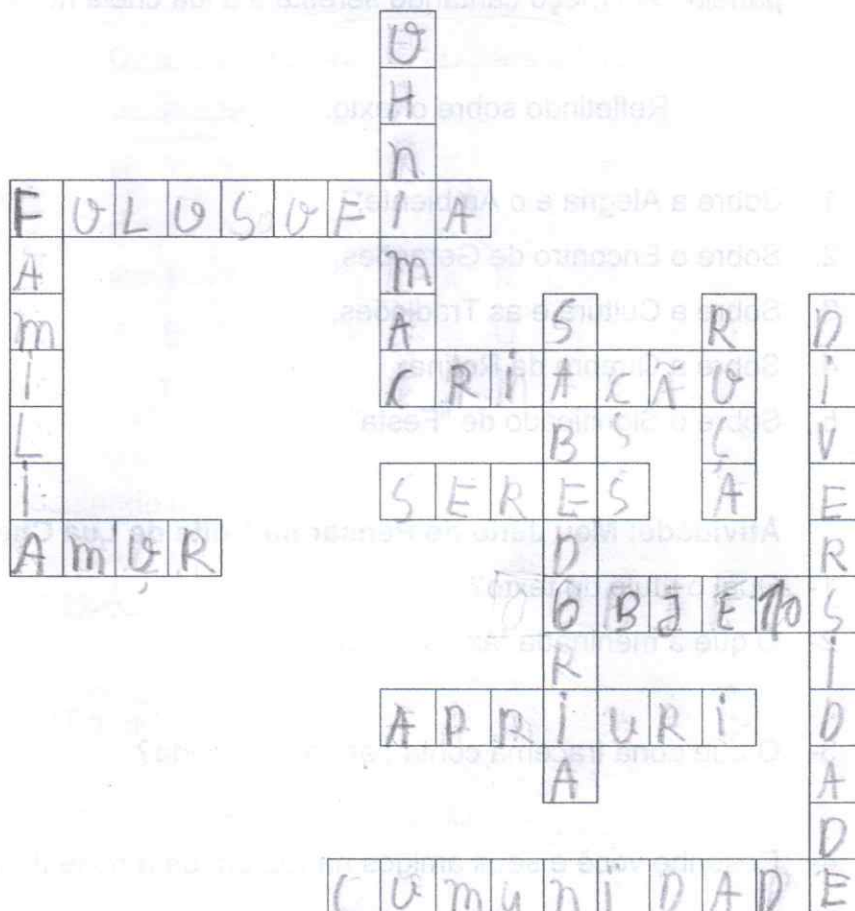
de jogar Buesta, e depois nos im Brinca de Piumino e depois nos ia jogar Buesta

d) O seu pensamento é igual ao meu?"

nao Por que quando eu chamava ele para Brincar de Exende - Exende, ele pensava em jogar Branta.

5-Cruzadinha

- APRIORI X
- ROÇA X -
- DIVERSIDADE X -
- CAMINHO X -
- CRIAÇÃO X
- COMUNIDADE X -
- OBJETOS X -
- SERES X -
- FOLOSOFIA X -
- FAMILIA X -
- AMOR X -
- SABEDORIA X -



Para refletir:

- Você já foi criticado por pensar diferente?

sim

- Como foi?

muito ruim a Pessoa Fica falando que e culpado por a gente

- O que você aprendeu com isso?

para a Pessoa Pensar para dizer a Pessoa para

Ana Beatriz

Noite de lua cheia

A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto? : *Noite de lua cheia*
- 2- O que a meninada faz na lua cheia?
brincam até mais tarde de ciranda e bola
- 3- O que dona Iracema conta para a meninada?
histórias de assombração
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo?

nós estaríamos nos divertindo brincando de ciranda!

- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)." *Sim*

- c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?"

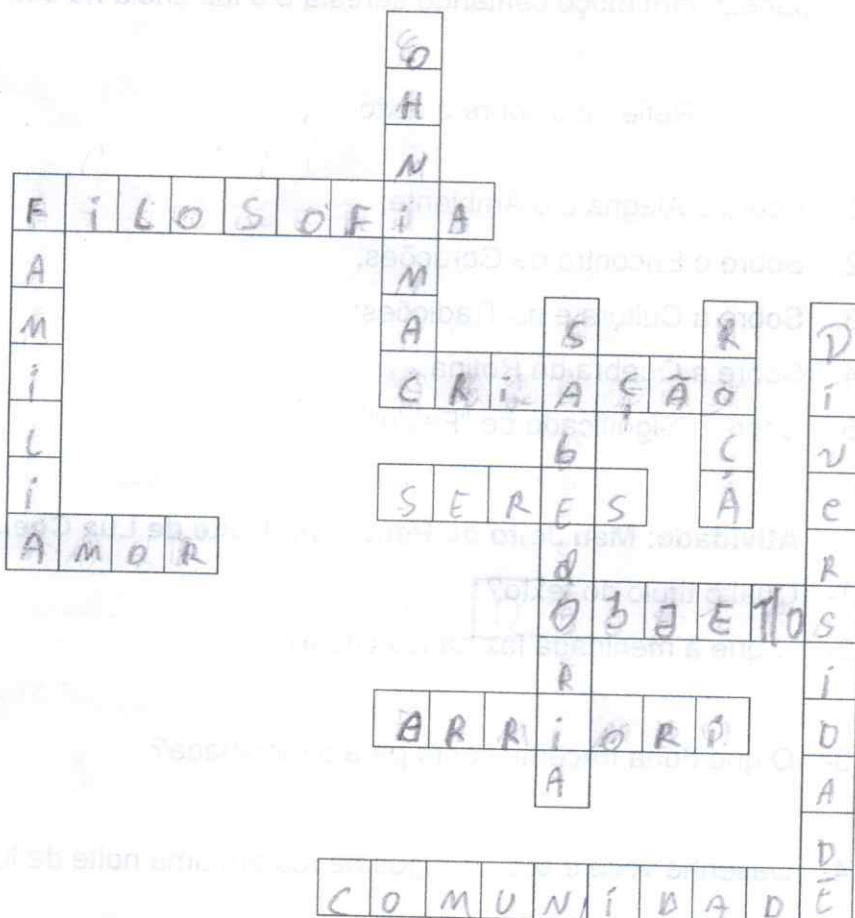
Kelly: brincando de ciranda comigo e minhas outras amigas

d) O seu pensamento é igual ao meu?"

Sim!

5-Cruzadinha

- APRIORI
- ROÇA .
- DIVERSIDADE .
- CAMINHO
- CRIAÇÃO
- COMUNIDADE .
- OBJETOS .
- SERES
- FOLOSOFIA
- FAMILIA
- AMOR
- SABEDORIA



Para refletir:

- Você já foi criticado por pensar diferente?

não

- × • Como foi?

- O que você aprendeu com isso?

WELLINGTON Juvêncio do malizamento

Noite de lua cheia

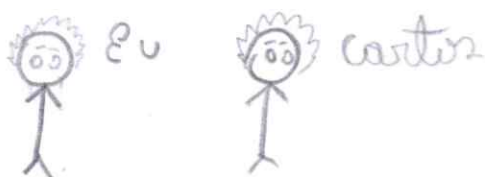
A lua cheia nos traz alegria. É noite clara na rua. A meninada brinca até mais tarde de ciranda e jogo de bola. Os idosos sentam-se nas calçadas. Dona Iracema nos conta histórias de assombração. Na lua cheia tudo é festa na minha pequena cidade. Tem moça que beija o namorado, tem pipoca quentinha na panela, tem moço cantando seresta e a lua cheia no céu a sorrir para nós.

Refletindo sobre o texto.

1. Sobre a Alegria e o Ambiente;
2. Sobre o Encontro de Gerações;
3. Sobre a Cultura e as Tradições;
4. Sobre a Quebra da Rotina;
5. Sobre o Significado de "Festa"

Atividade: Meu Jeito de Pensar na Noite de Lua Cheia

- 1- Qual o título do texto? *noite de lua cheia*
- 2- O que a meninada faz na lua cheia?
Brinca até mais tarde
- 3- O que dona Iracema conta para a meninada?
Histórias de assombração
- 4- Desenhe você e seus amigos na rua em uma noite de lua cheia.



- a) Pense em como cada um de vocês estaria se divertindo. O que você estaria fazendo? O que os outros estariam fazendo?

*Eu toco contando uma história a meu amigo
toco lendo um livro?*

- b) "Eu penso diferente quando... (Por exemplo: eu gosto de cantar, enquanto meu amigo prefere ouvir histórias)." *Eu toco jogando Bolo?*

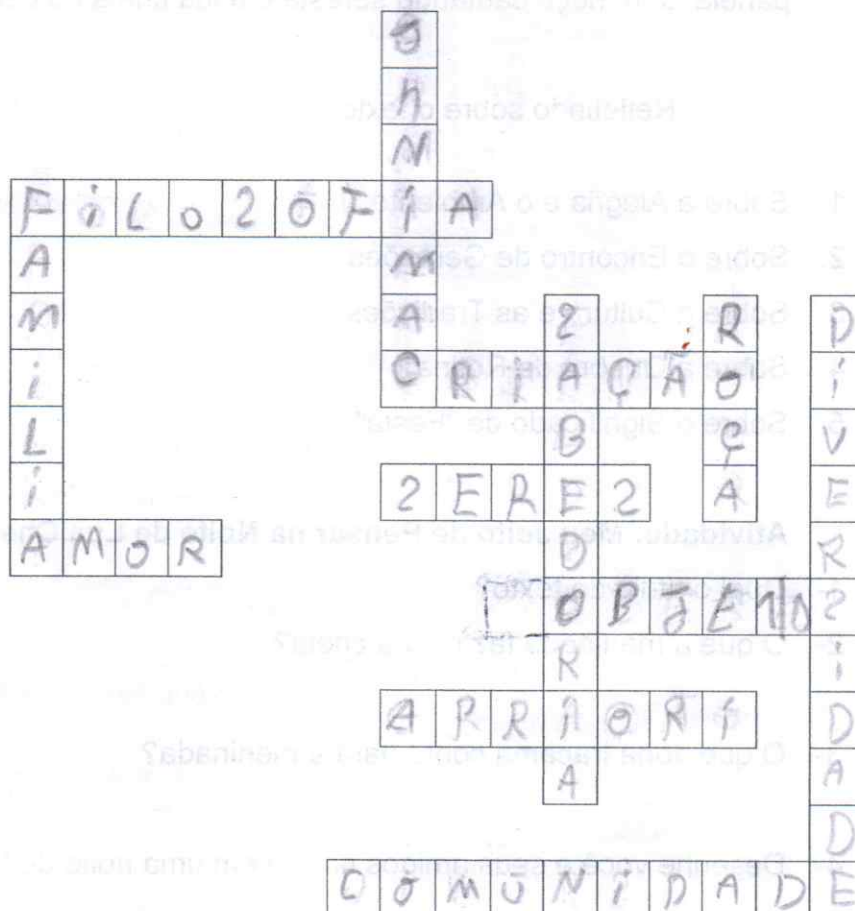
- c) **Compartilhe com um colega:** "O que você estaria fazendo na noite de lua cheia?" *Eu toco Brincando de Bolo mais o meu amigo*

d) O seu pensamento é igual ao meu?"

mão

5-Cruzadinha

- X • APRIORI
- X • ROÇA.
- + • DIVERSIDADE.
- X • CAMINHO
- X • CRIAÇÃO
- X • COMUNIDADE.
- OBJETOS.
- X • SERES
- X • FOLOSOFIA
- X • FAMILIA
- X • AMOR
- X • SABEDORIA



Para refletir:

- Você já foi criticado por pensar diferente?

Sim

- Como foi?

muito mais o Penso ficou ruim?

- O que você aprendeu com isso?

*Po aprendi História falando sobre Assembleia
Cao?*

Atividade reflexiva**Caça-palavras:**

Palavras:

• ESCUTAR

• SOM

• VIDA

• ROÇA

• CHUVA

• VENTO

• CORPO

• PÁSSARO

• NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	R	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?

Apreendi que cada pessoa tem um jeito de se divertir e aproveitar a festa (no texto da noite de lua cheia)

- É difícil ficar em silêncio? Por quê?

Sim! Porque eu gosto de falar tudo que vem na minha cabeça

- Quem você escuta com atenção?

meu professor e minha mãe

Atividade reflexiva

Caça-palavras:

Palavras:

- ESCUTAR
- SOM
- VIDA
- ROÇA
- CHUVA
- VENTO
- CORPO
- PÁSSARO
- NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	R	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?

*nosse em orulim em a lua cheia nos
nos Filisiladu*

- É difícil ficar em silêncio? Por quê?

Sim

- Quem você escuta com atenção?

a natureza

João Paulo

Atividade reflexiva

Caça-palavras:

Palavras:

✓ ESCUTAR

✓ SOM

✓ VIDA

✓ ROÇA

✓ CHUVA

✓ VENTO

✓ CORPO

✓ PÁSSARO

✓ NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	R	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?

Eu aprendi a respirar
o Prato

- É difícil ficar em silêncio? Por quê?

Sim é difícil não?

- Quem você escuta com atenção?

Eu

Atividade reflexiva**Caça-palavras:**

Palavras:

- X • ESCUTAR
- X • SOM
- X • VIDA
- X • ROÇA
- X • CHUVA
- X • VENTO
- X • CORPO
- X • PÁSSARO
- X • NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	R	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?

história de Anomalia

- É difícil ficar em silêncio? Por quê?

É porque os meninos fazem muito barulho

- Quem você escuta com atenção?

O Professor

Atividade reflexiva

Caça-palavras:

Palavras:

- ESCUTAR
- SOM
- VIDA
- ROÇA
- CHUVA
- VENTO
- CORPO
- PÁSSARO
- NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	R	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?

música

- É difícil ficar em silêncio? Por quê?

Porque não é difícil

- Quem você escuta com atenção?

Eu escuto o Professor!

Atividade reflexiva**Caça-palavras:**

Palavras:

- ESCUTAR X
- SOM X
- VIDA X
- ROÇA X
- CHUVA X
- VENTO X
- CORPO X
- PÁSSARO X
- NATUREZA X

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	R	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?

varias coisas que eu não tinha o Prindido

- É difícil ficar em silêncio? Por quê?

*sim Por que quando fica a pica muito estranho
e a Pessoa falando fica mais bacana*

- Quem você escuta com atenção?

*Escuto varias coisa, como o zito de pensar
com a outra pessoa, também Brinca na lua cheia
de varias Brincadeiras.*

Atividade reflexiva**Caça-palavras:**

Palavras:

~~• ESCUTAR~~~~• SOM~~~~• VIDA~~~~• ROÇA~~~~• CHUVA~~~~• VENTO~~~~• CORPO~~~~• PÁSSARO~~~~• NATUREZA~~

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	R	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?

Que é importante ouvir os outros.

- É difícil ficar em silêncio? Por quê?

não, porque eu gosto do silêncio.

- Quem você escuta com atenção?

minha família e meus professores.

Atividade reflexiva**Caça-palavras:**

Palavras:

~~X~~ ESCUTAR~~X~~ SOM~~X~~ VIDA

• ROÇA

~~X~~ CHUVA

+ VENTO

~~X~~ CORPO

+ PÁSSARO

~~X~~ NATUREZA

E	O	L	O	I	M	N	B	F	S	A
A	E	S	C	U	T	A	R	G	F	Q
C	O	R	P	O	J	T	O	P	E	W
C	I	O	C	C	H	U	V	A	C	H
V	E	N	T	O	Y	R	I	L	V	S
O	Y	Y	H	F	Z	E	D	Ç	B	C
B	T	K	J	A	X	Z	A	R	J	E
R	T	P	Á	S	S	A	R	O	Y	U
T	E	T	I	O	Ç	G	U	Ç	T	O
J	I	K	W	M	G	O	U	A	P	T

Perguntas:

- O que você aprendeu escutando hoje?

es cantei a Professora falando

- É difícil ficar em silêncio? Por quê?

Porque nos não quis seguir em silêncio

- Quem você escuta com atenção?

Professor!

Frase para a parede:

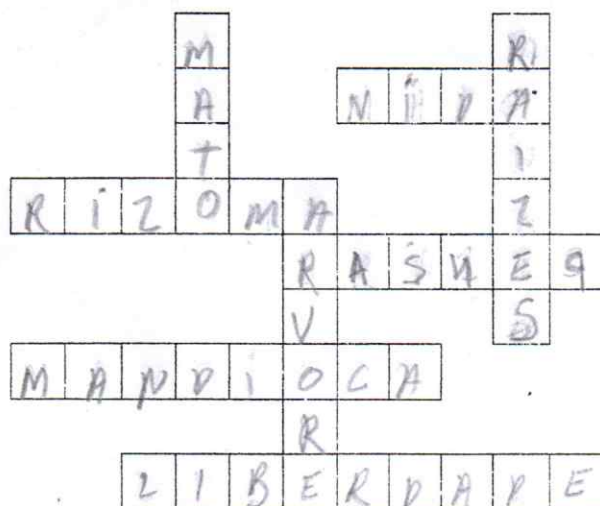
"Pensar como rizoma é deixar as ideias crescerem livres, como mato no quintal."

Atividade: Rizoma das Ideias

1. Pegue uma folha em branco.
2. No meio, escreva: **"Filosofia"**
3. Ao redor, puxe galhos (como raízes) e escreva ideias que surgem:
 - o Corpo
 - o Sentir
 - o Vida
 - o Roça
 - o Diferença
 - o Escuta
 - o Silêncio
 - o Amor
4. Enfeite com cores e compartilhe com colegas.

Palavras cruzadas

- ~~RAÍZES~~
- ~~RIZOMA~~
- ~~ARVORE~~
- ~~MATO~~
- ~~PENSAR~~
- ~~VIDA~~
- ~~MANDIOCA~~
- ~~LIBERDADE~~



Perguntas para

Pensar:

- Você já viu uma raiz que cresce para todos os lados?

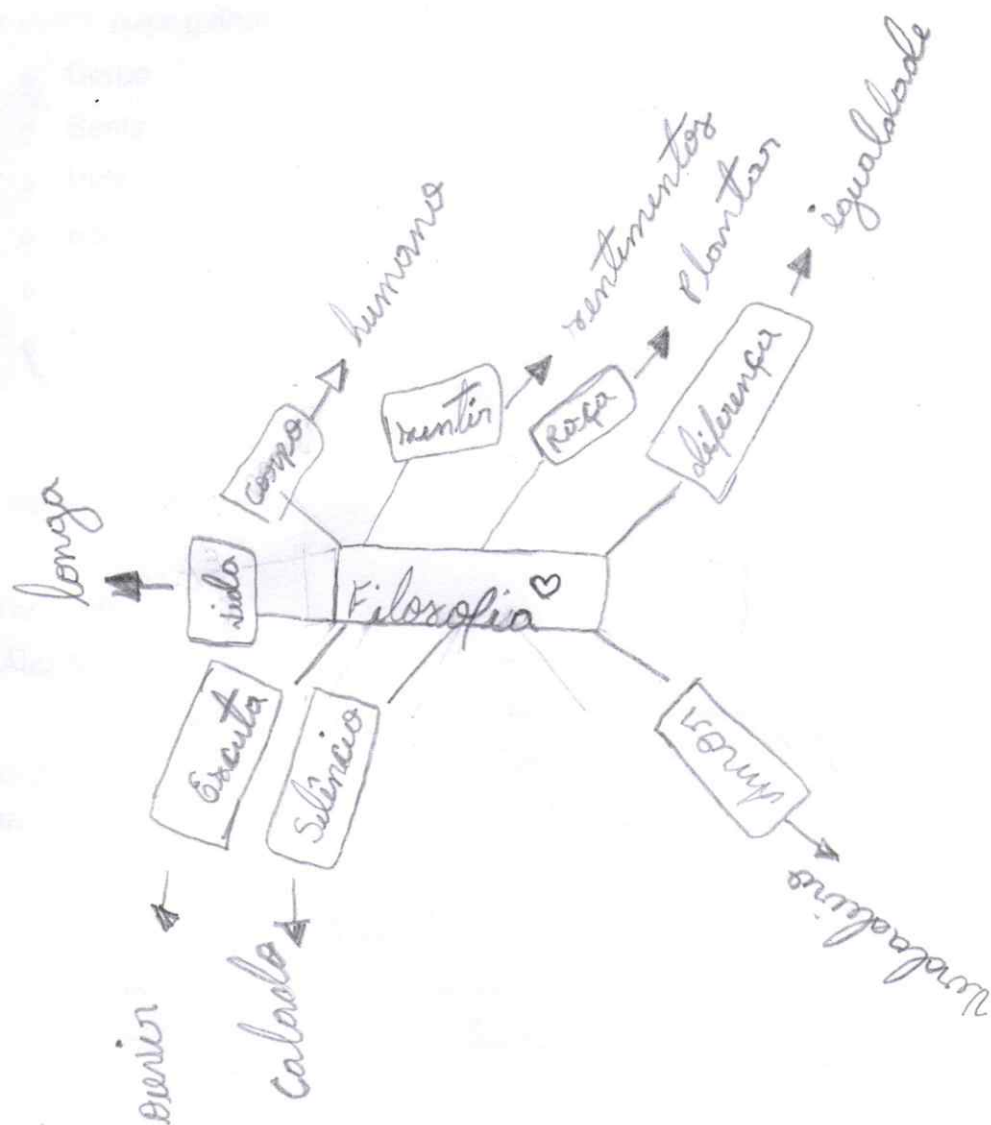
Sim!

- O seu pensamento também cresce assim?

Sim!

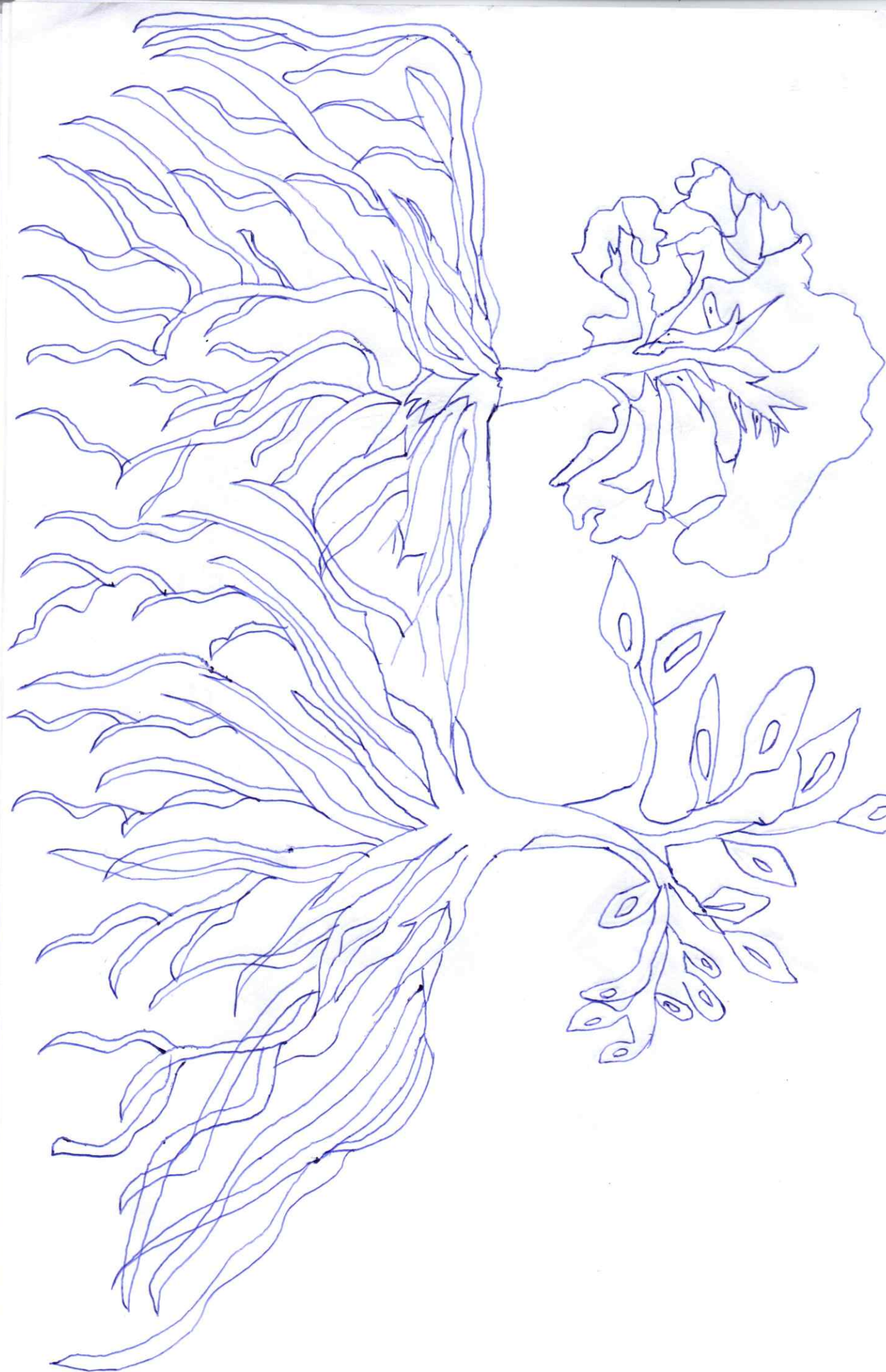
- Que ideia sua já virou galho novo?

de ajudar quem precisa.



Kelly Vitória Rodrigues Dutra

O que é musamoi?



Antonio NAEV

Frase para a parede:

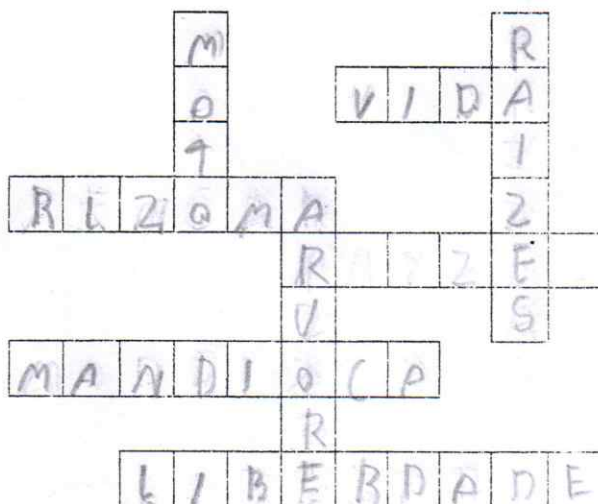
"Pensar como rizoma é deixar as ideias crescerem livres, como mato no quintal."

Atividade: Rizoma das Ideias

1. Pegue uma folha em branco.
2. No meio, escreva: "**Filosofia**"
3. Ao redor, puxe galhos (como raízes) e escreva ideias que surgem:
 - Corpo
 - Sentir
 - Vida
 - Roça
 - Diferença
 - Escuta
 - Silêncio
 - Amor
4. Enfeite com cores e compartilhe com colegas.

Palavras cruzadas

- RAÍZES
- RIZOMA
- ARVORE
- MATO
- PENSAR
- VIDA
- MANDIOCA
- LIBERDADE



Perguntas para

Pensar:

- Você já viu uma raiz que cresce para todos os lados?

NÃO

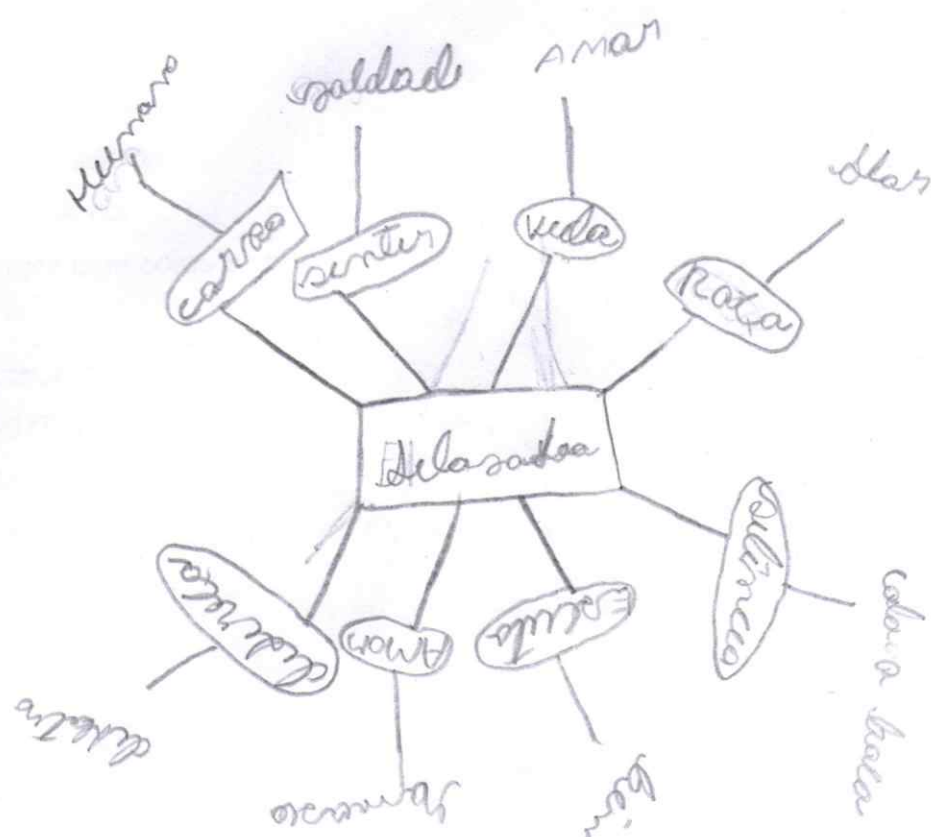
- O seu pensamento também cresce assim?

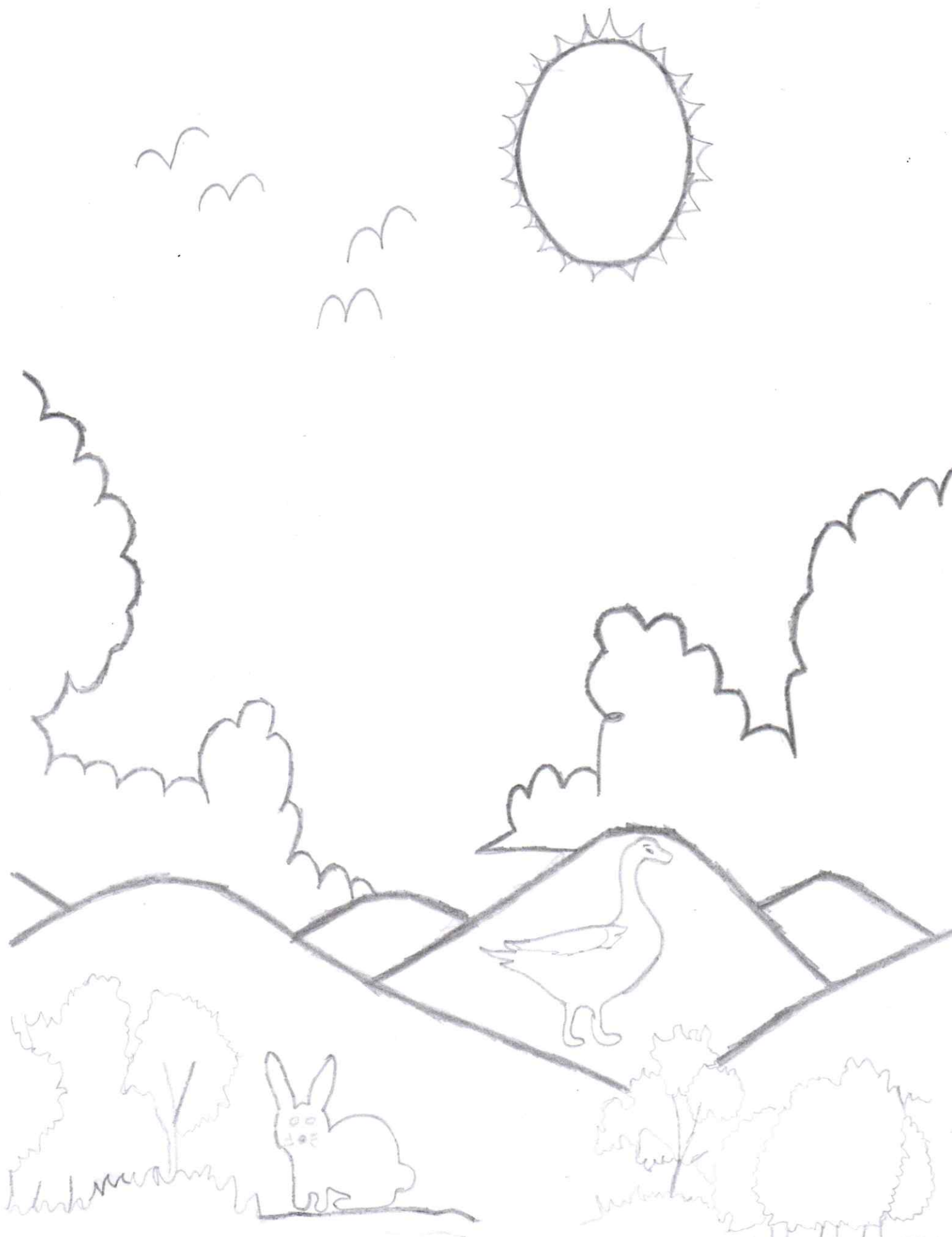
Sim

- Que ideia sua já virou galho novo?

Uma ideia nova

Antecedentes





O rato e o Não-Dualismo

O rato está na água e na terra ao mesmo tempo, ele não escolhe um lado
 e vive em ambos. O conhecimento rizomático não está ao lado, ele está diferente
 e múltiplo de todos os outros.

o que a natureza?



Ana
Beatriz
Costa Borges

Atividade: Rizoma das Ideias

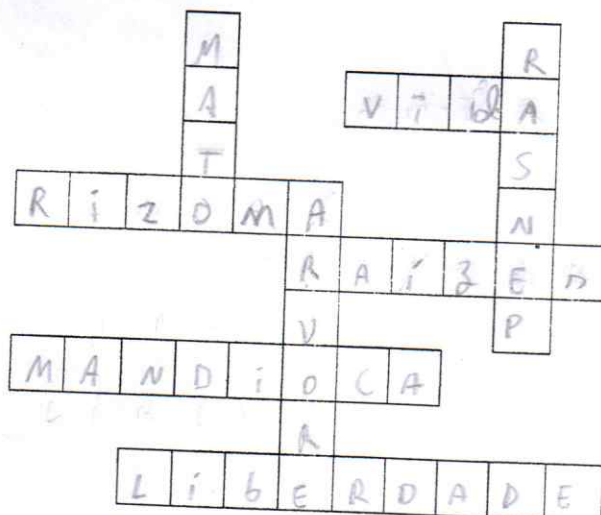
1. Pegue uma folha em branco.
2. No meio, escreva: "**Filosofia**"
3. Ao redor, puxe galhos (como raízes) e escreva ideias que surgem:
 - Corpo
 - Sentir
 - Vida
 - Roça
 - Diferença
 - Escuta
 - Silêncio
 - Amor
4. Enfeite com cores e compartilhe com colegas.

Frase para a parede:

"Pensar como rizoma é deixar as ideias crescerem livres, como mato no quintal."

Palavras cruzadas

- RAÍZES
- RIZOMA
- ARVORE
- MATO
- PENSAR
- VIDA
- MANDIOCA
- LIBERDADE



Perguntas para

Pensar:

- Você já viu uma raiz que cresce para todos os lados?

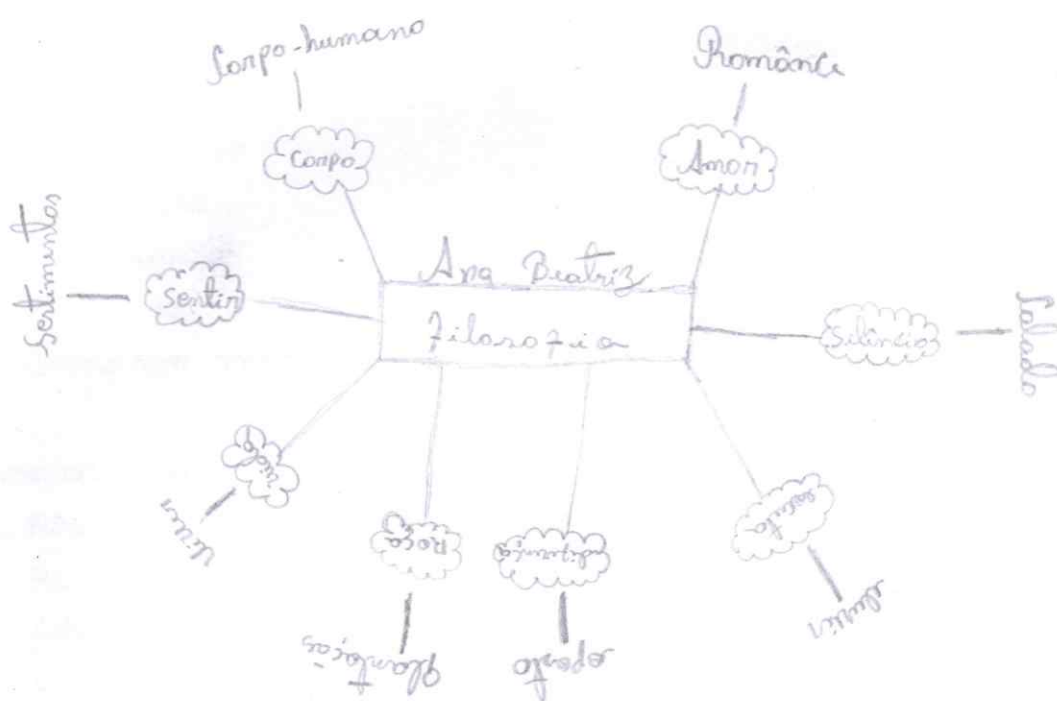
Sim

- O seu pensamento também cresce assim?

Sim!

- Que ideia sua já virou galho novo?

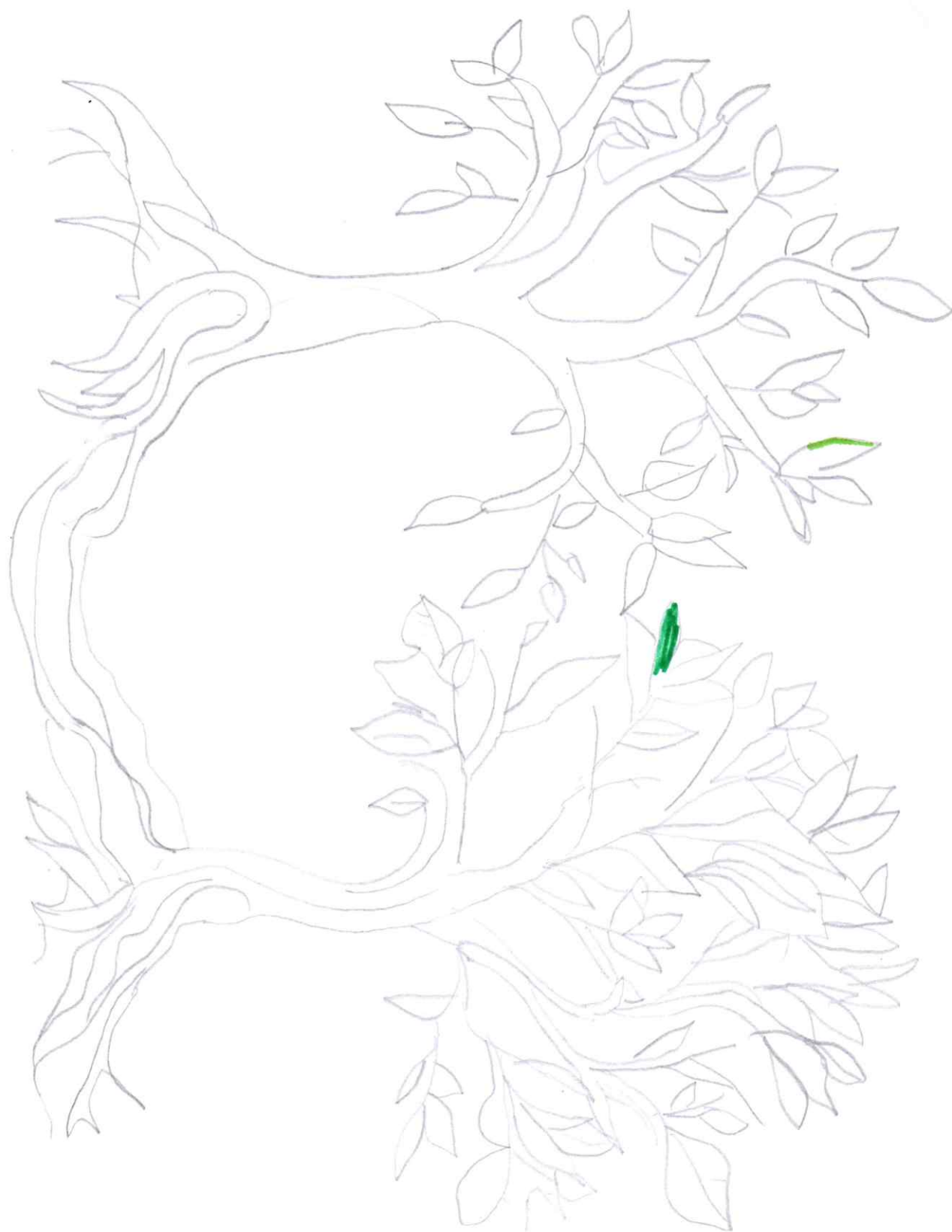
Várias! uma delas é sobre a "construção" do meu futuro.





A Diversidade das cores quantas cores existem nas flores e nos bichos!
 O pássaro azul, a borboleta amarela e preta. Se tudo fosse da mesma
 cor, que chato seria! A diversidade de cores deixa o mundo vibrante,
 Assim como as cores diferentes em nossa sala de aula!

Ana
 Beatriz



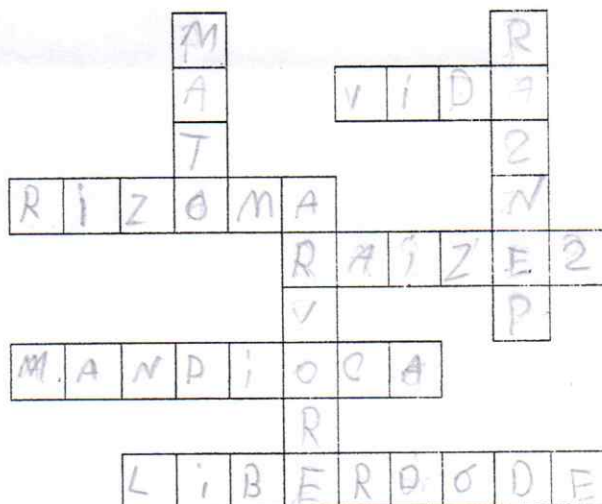
Frase para a parede:**Atividade: Rizoma das Ideias**

1. Pegue uma folha em branco.
2. No meio, escreva: **"Filosofia"**
3. Ao redor, puxe galhos (como raízes) e escreva ideias que surgem:
 - Corpo
 - Sentir
 - Vida
 - Roça
 - Diferença
 - Escuta
 - Silêncio
 - Amor
4. Enfeite com cores e compartilhe com colegas.

"Pensar como rizoma é deixar as ideias crescerem livres, como mato no quintal."

Palavras cruzadas

- X RAÍZES
- RIZOMA
- ARVORE
- MATO
- PENSAR
- VIDA
- MANDIOCA
- LIBERDADE

**Perguntas para****Pensar:**

- Você já viu uma raiz que cresce para todos os lados?

Arvore

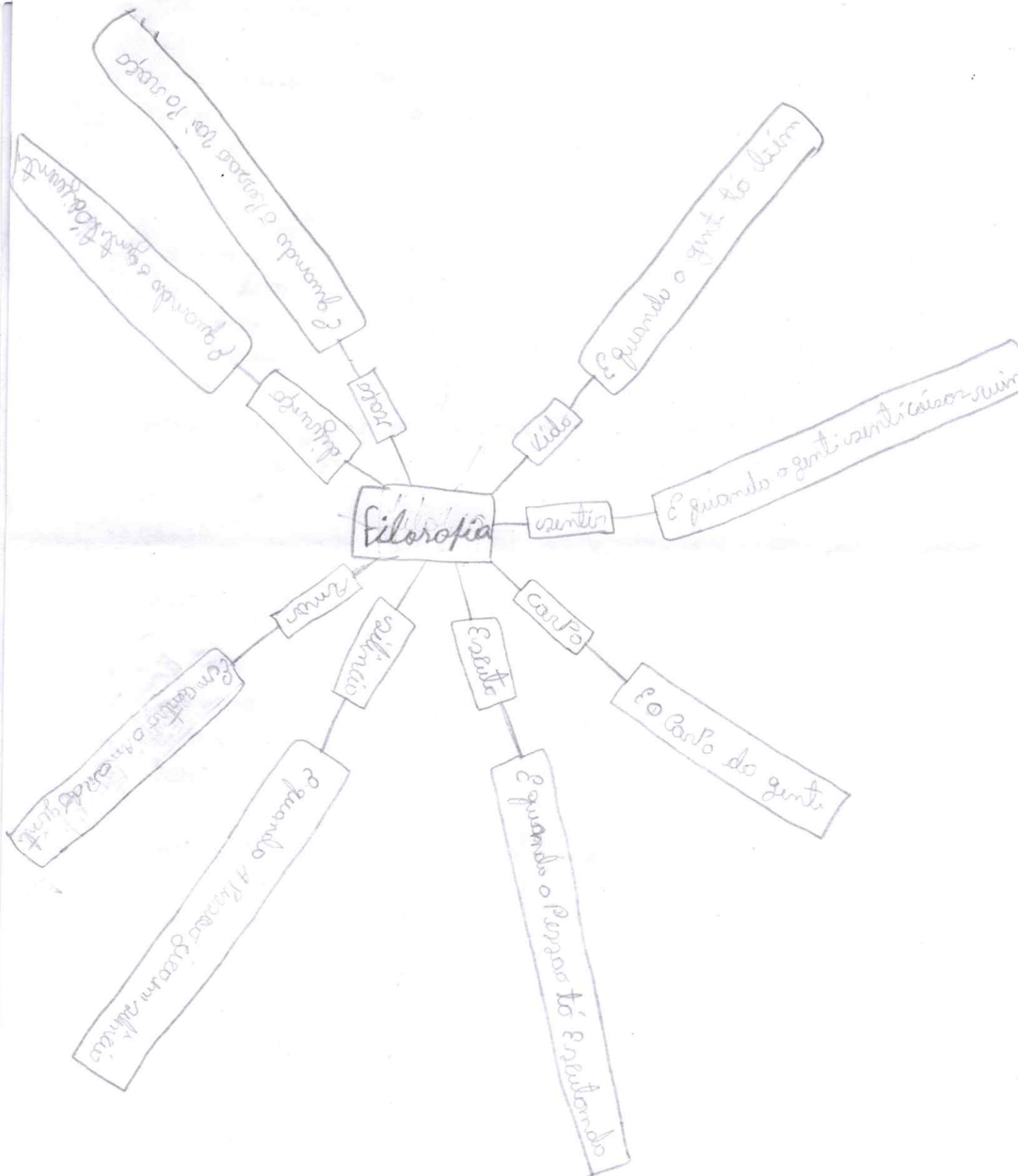
- O seu pensamento também cresce assim?

nao

- Que ideia sua já virou galho novo?

Sim

Nullington ensino do nascimento

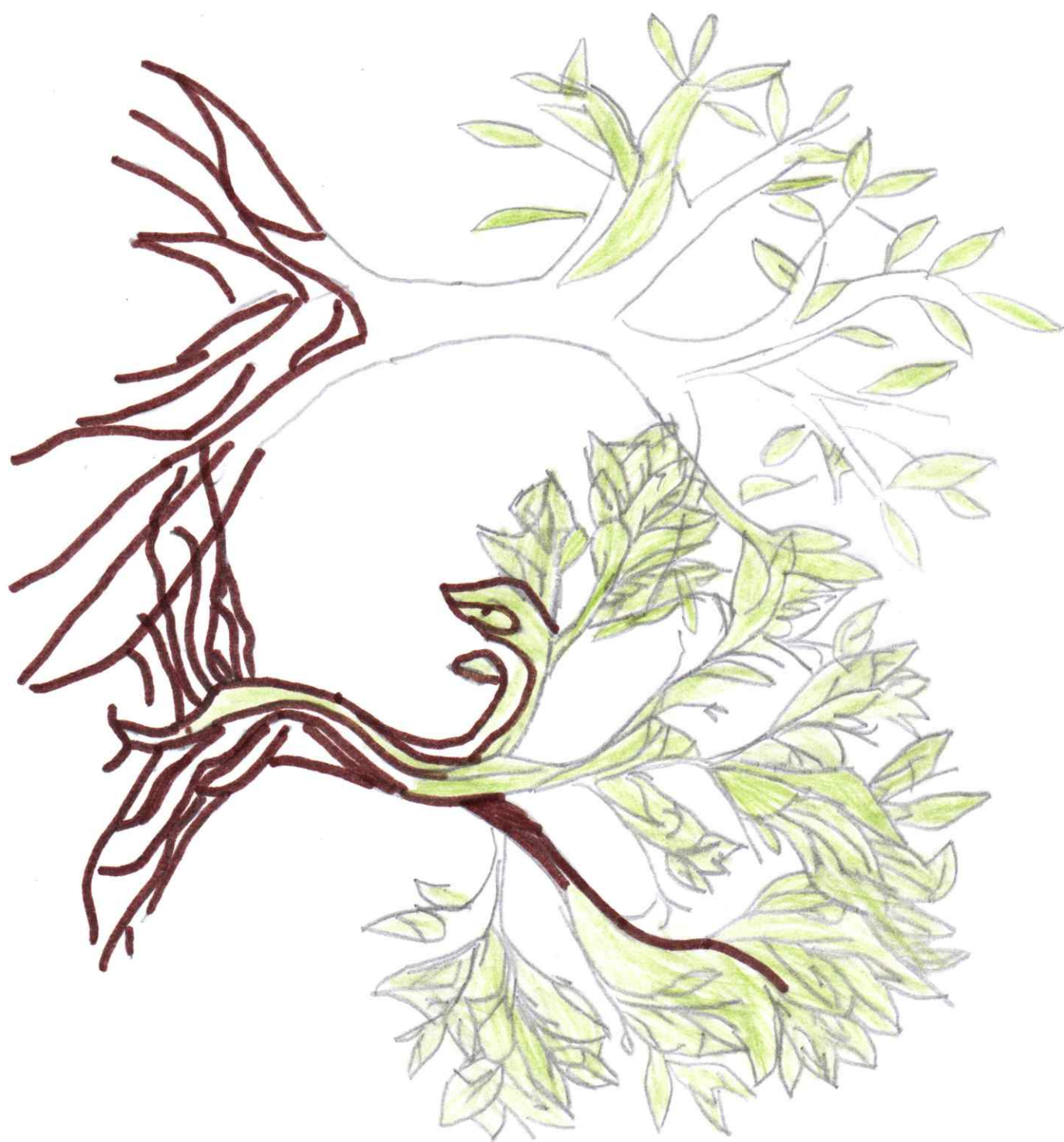


WELLINGTON JARDINS do NOCINAMENTO



• A árvore e a Figura da totalidade Programada, do desenvolvimento humano, presente na natureza e na cultura
no ambiente. A expressão da natureza e da cultura.

o que a natureza?



Paulo Emanuel

Frase para a parede:

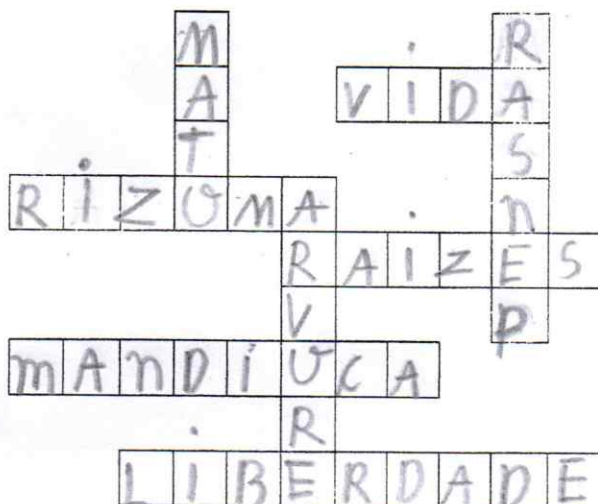
"Pensar como rizoma é deixar as ideias crescerem livres, como mato no quintal."

Atividade: Rizoma das Ideias

1. Pegue uma folha em branco.
2. No meio, escreva: "Filosofia"
3. Ao redor, puxe galhos (como raízes) e escreva ideias que surgem:
 - o Corpo
 - o Sentir
 - o Vida
 - o Roça
 - o Diferença
 - o Escuta
 - o Silêncio
 - o Amor
4. Enfeite com cores e compartilhe com colegas.

Palavras cruzadas

- RAÍZES ✓
- RIZOMA ✓
- ARVORE ✓
- MATO ✓
- PENSAR ✓
- VIDA ✓
- MANDIOCA ✓
- LIBERDADE ✓



Perguntas para

Pensar:

- Você já viu uma raiz que cresce para todos os lados?

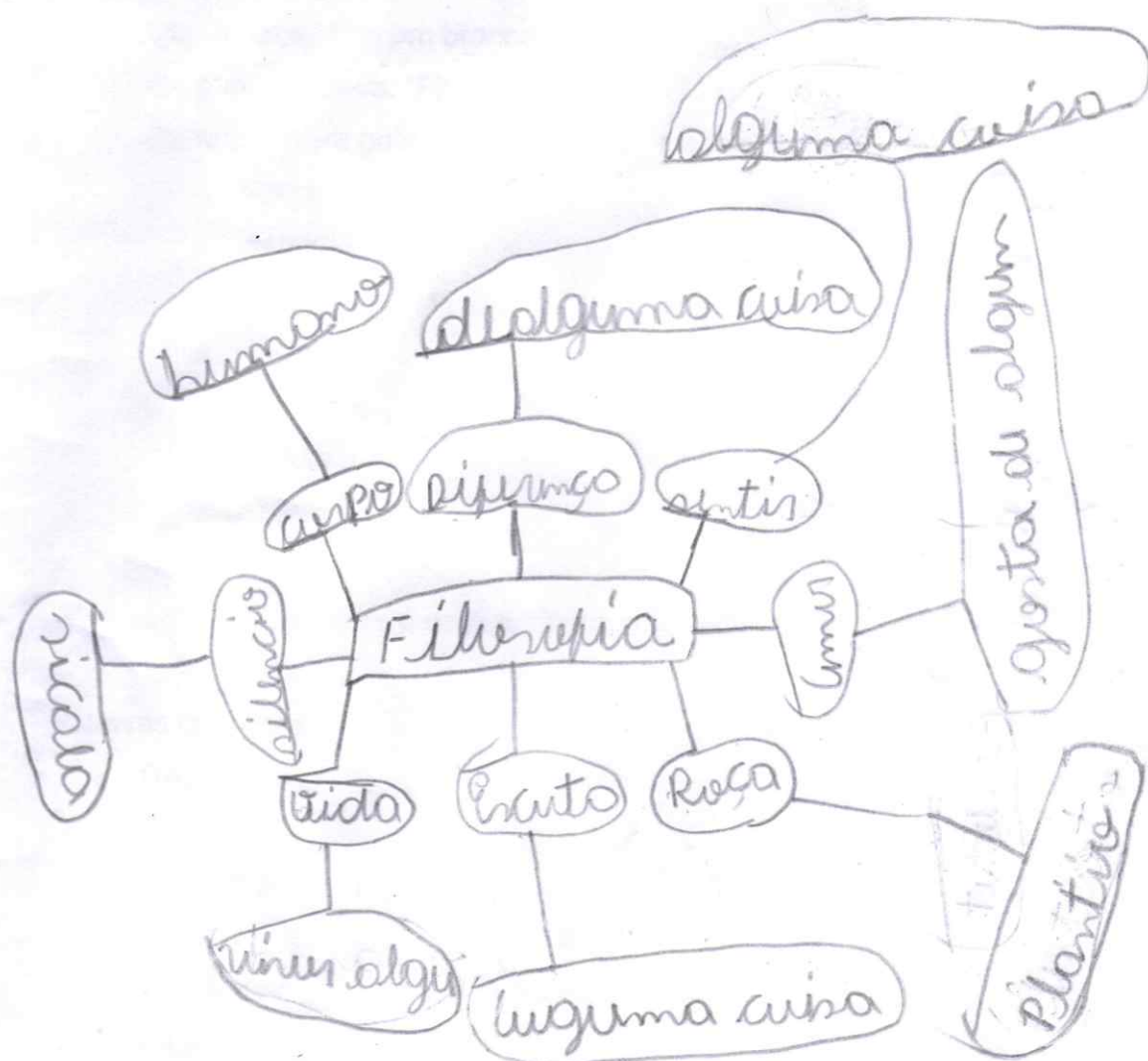
sim como a raiz da

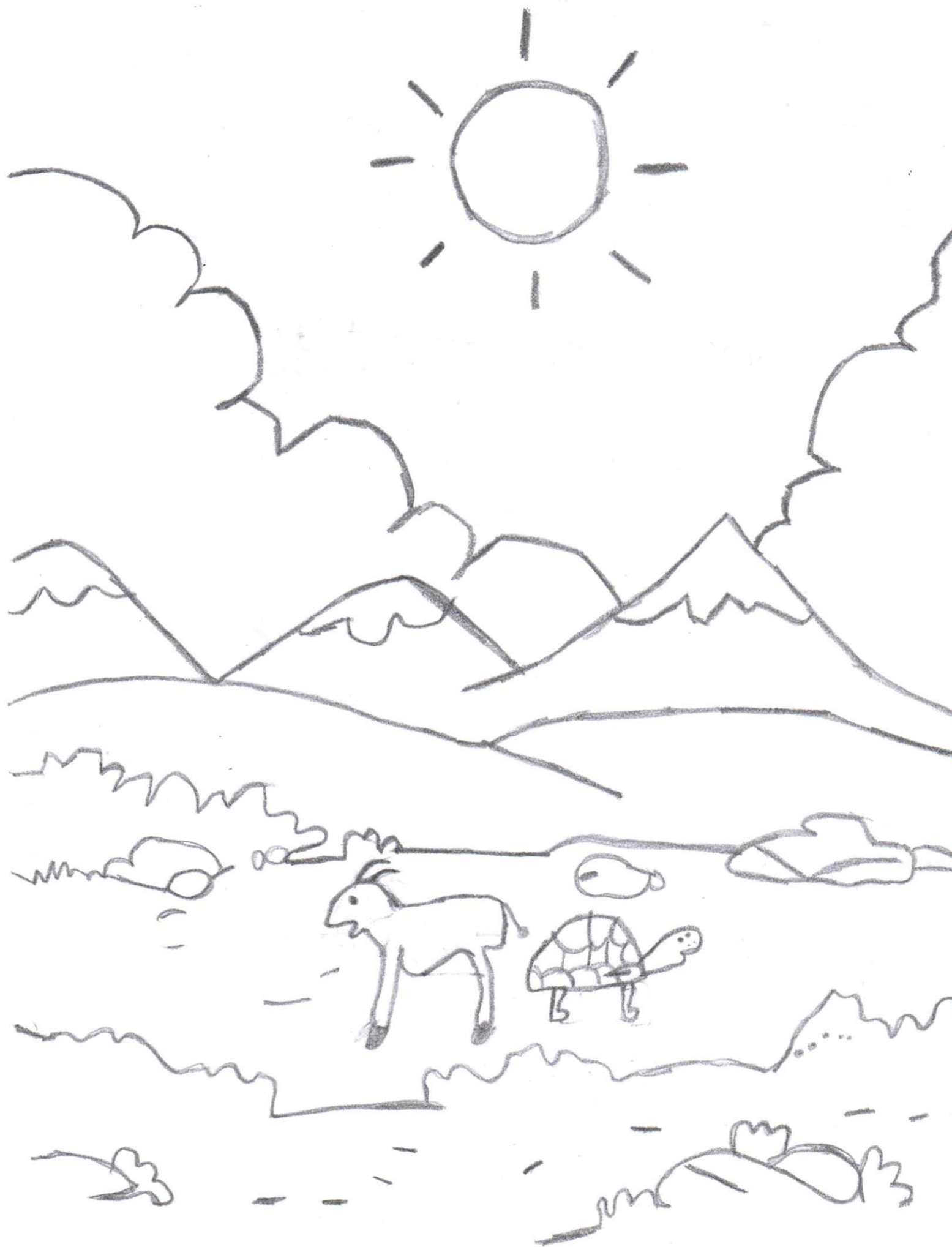
- O seu pensamento também cresce assim?

sim muito

- Que ideia sua já virou galho novo?

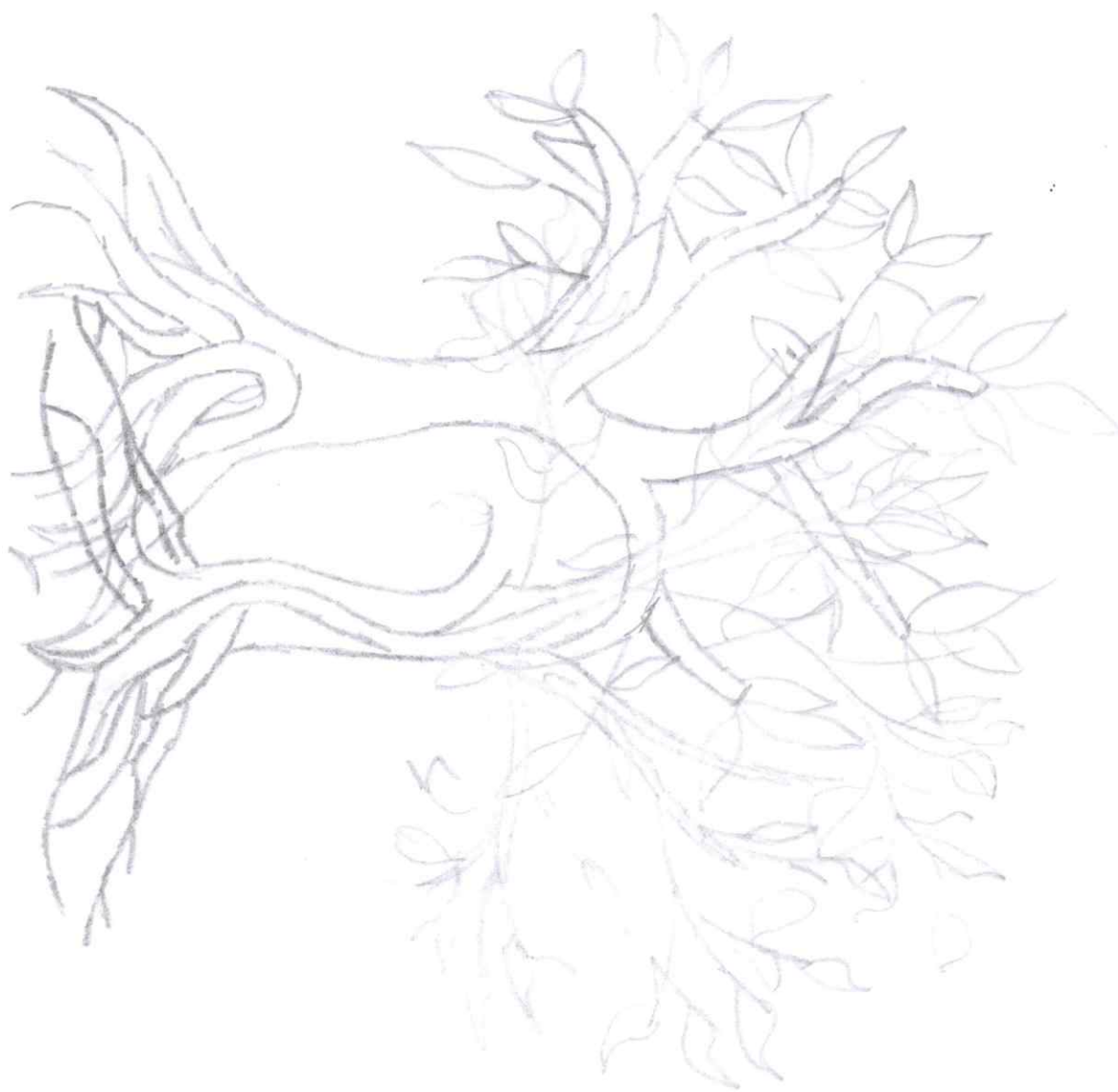
*Eu vi uma planta um copim pora eu usou
ele nasce diferente.*





A tartaruga e o guepardo a tartaruga é lenta
 com sua casco de Proteção, o guepardo é
 super-rápido, corre como um raio! cada
 um tem um ritmo e uma habilidade especial
 e o mundo precisa dos rápidos e dos lentos
 porque a variedade nos torna completos.





Hulkson

Frase para a parede:

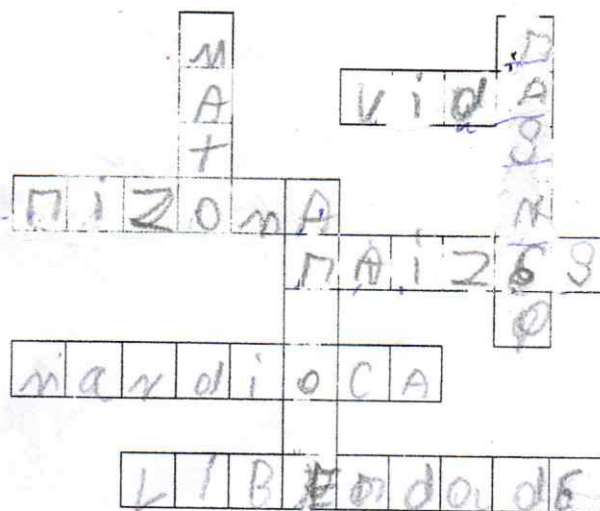
"Pensar como rizoma é deixar as ideias crescerem livres, como mato no quintal."

Atividade: Rizoma das Ideias

1. Pegue uma folha em branco.
2. No meio, escreva: **"Filosofia"**
3. Ao redor, puxe galhos (como raízes) e escreva ideias que surgem:
 - Corpo
 - Sentir
 - Vida
 - Roça
 - Diferença
 - Escuta
 - Silêncio
 - Amor
4. Enfeite com cores e compartilhe com colegas.

Palavras cruzadas

- RAÍZES
- RIZOMA
- ARVORE
- MATO
- PENSAR
- VIDA
- MANDIOCA
- LIBERDADE

**Perguntas para Pensar:**

- Você já viu uma raiz que cresce para todos os lados?

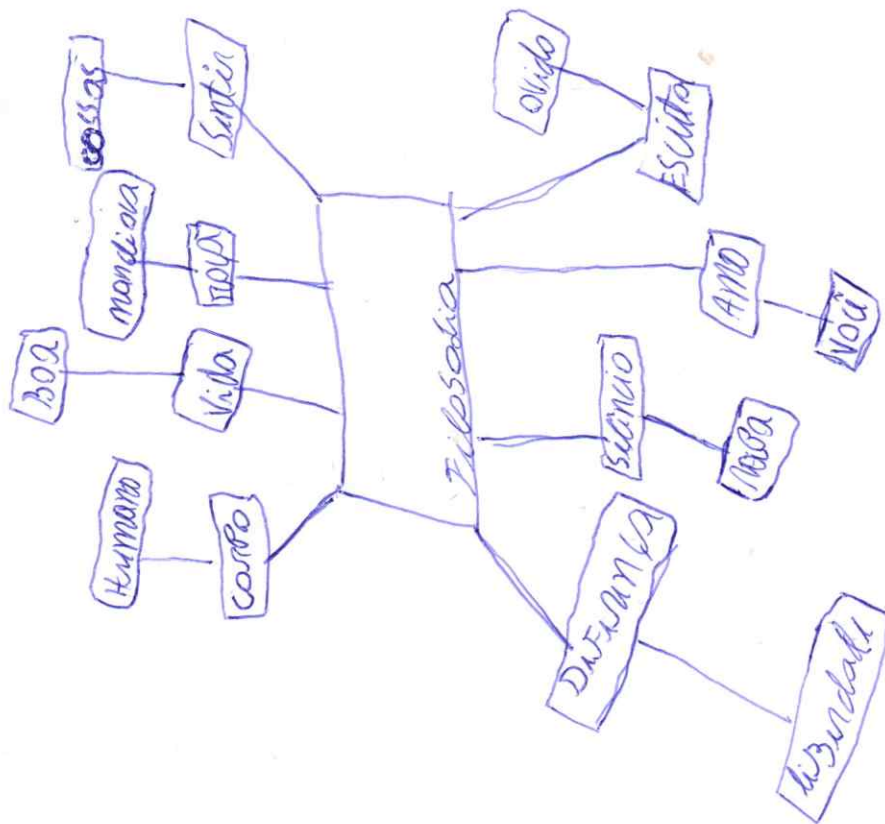
Arvore

- O seu pensamento também cresce assim?

sim

- Que ideia sua já virou galho novo?

não



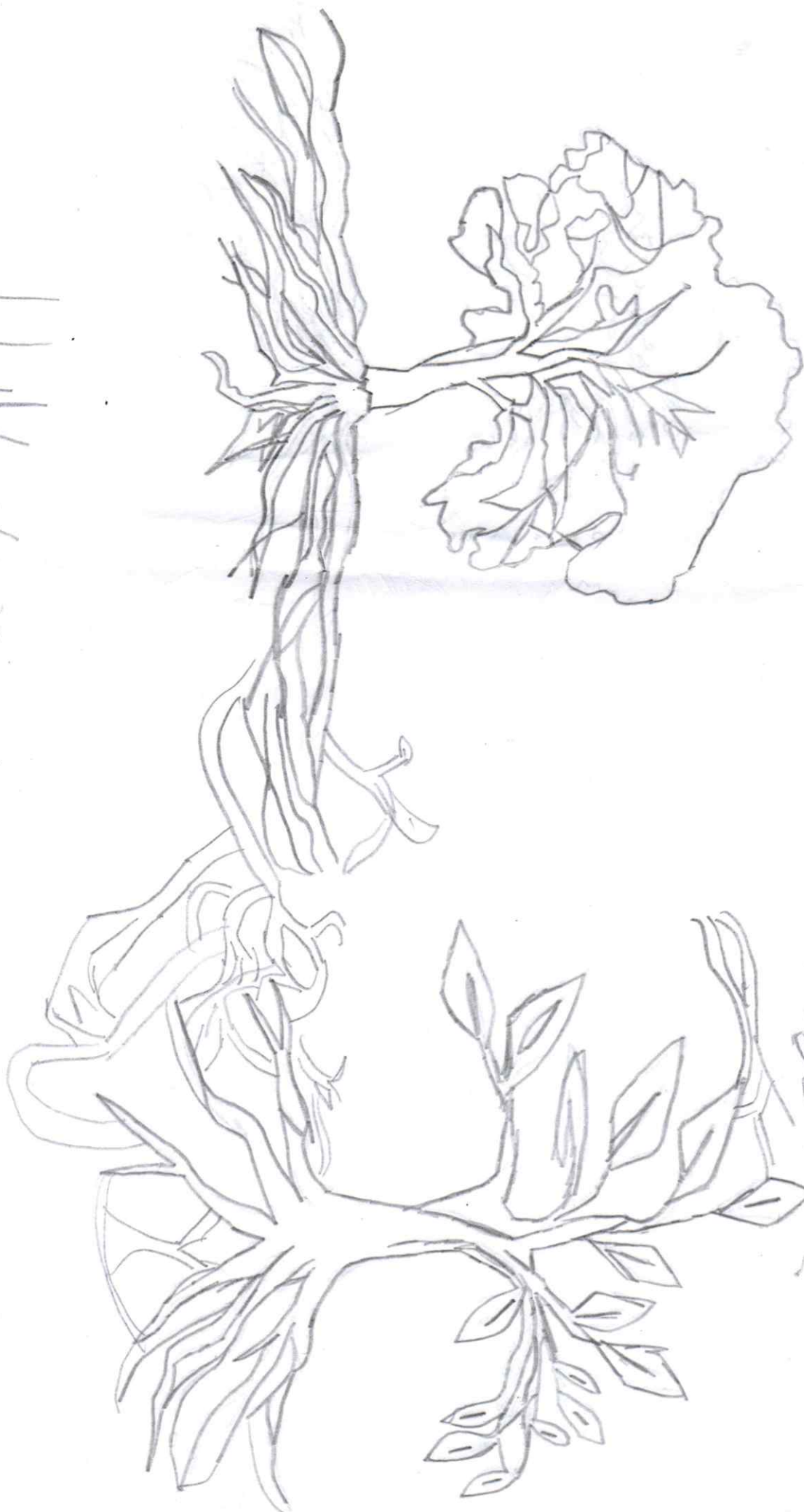
Halkison

O Pato das multitudes enleada o Pato onde todos e vai de tem
 va suas formas de entrear no mundo essa e todos de ruzomen e o
 principio do todo um assunto para ser compreendido por diversas coisas
 não existe uma única Pato para o todo e multiplicidade das
 da liberdade de molhar.

Halkeson sino e silva



o du i n3oma2



Htku3on

14

Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto

P	O	L	F	I	M	N	S	F	P	S	A	Z	H
R	E	S	O	U	U	R	O	Ç	E	A	Q	P	A
E	V	R	R	O	N	T	L	P	N	E	W	H	I
O	I	O	M	C	D	U	V	A	S	C	S	O	C
C	V	F	I	L	O	S	O	F	A	N	T	E	N
U	E	G	G	O	R	P	O	S	V	S	F	E	E
A	M	A	A	M	I	G	A	S	A	J	E	U	T
V	N	T	R	A	B	A	L	H	A	D	O	R	S
A	O	T	E	R	R	A	M	A	N	H	Ã	R	I
J	I	F	L	O	R	E	S	T	A	S	T	K	X
Y	A	I	I	N	T	E	L	I	G	E	N	T	E

Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

Eu aprendo que não tem muito o que aprender no campo

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

ninguém

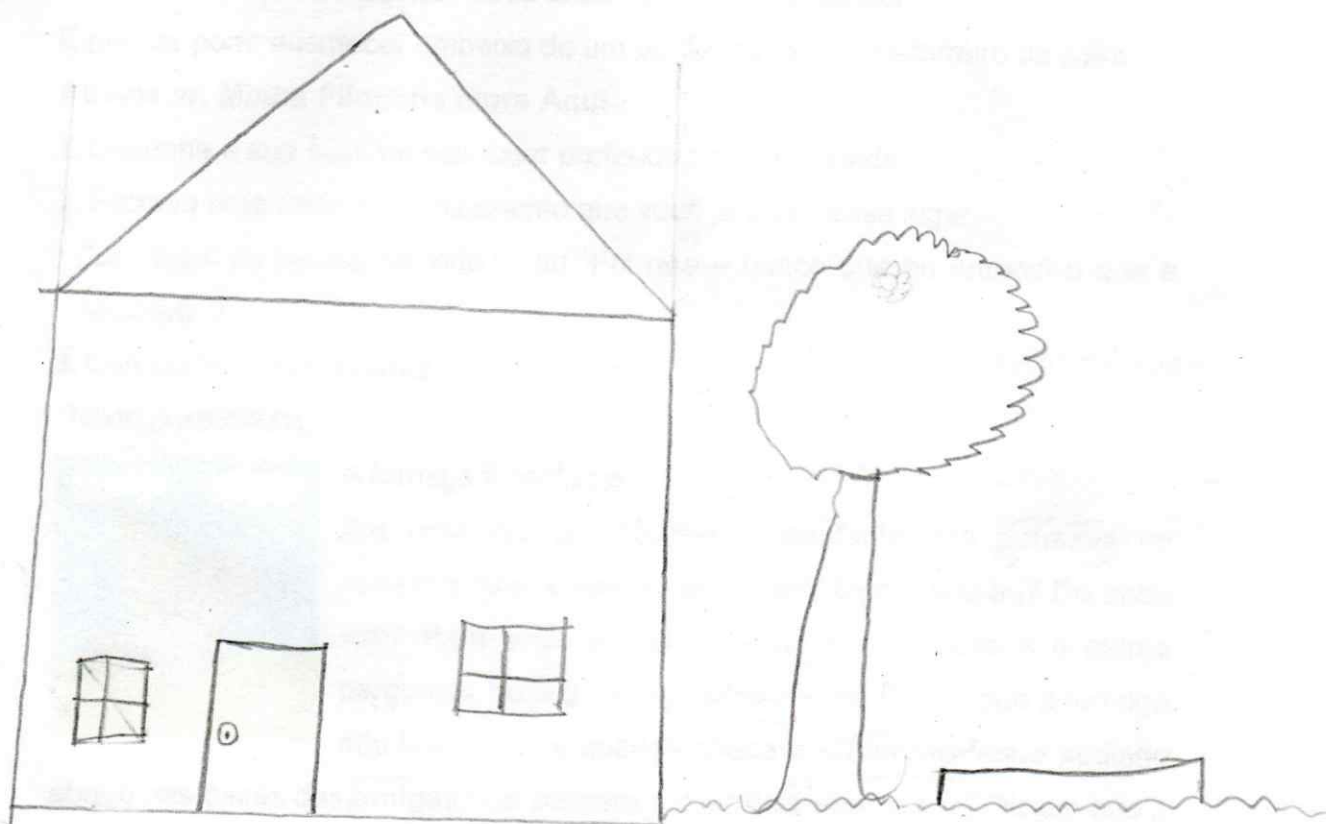
- Onde mora sua sabedoria?

na escola e na minha cabeça e no campo

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Nogueira)



O meu Pensamento foi: Quando Eu Estiver de maior
 Eu vou ir Para outra cidade Para Eu ir trabalhar
 Para ajudar os meus Pais. É só a minha casa na
 rua

Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto



Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

A cuidar do meio ambiente

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

meus pensamentos...

- Onde mora sua sabedoria?

*no meu conhecimento
sobre as coisas*

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Noguera)



Aqui eu penso que tenho que deixar
o meu orgulho de lado e ajudar mais as
pessoas. E também penso que não é legal
brincar com a aparência dos outros.

E não é mesmo!

Kelly Vitória Rodrigues
Dutra ♥

Ana
Beatriz

Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto



Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

Aprendi a plantar, colher, regar e aprendi que não são as plantas, mas as pessoas também que se cuidam.

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

minha vó materna.

- Onde mora sua sabedoria?

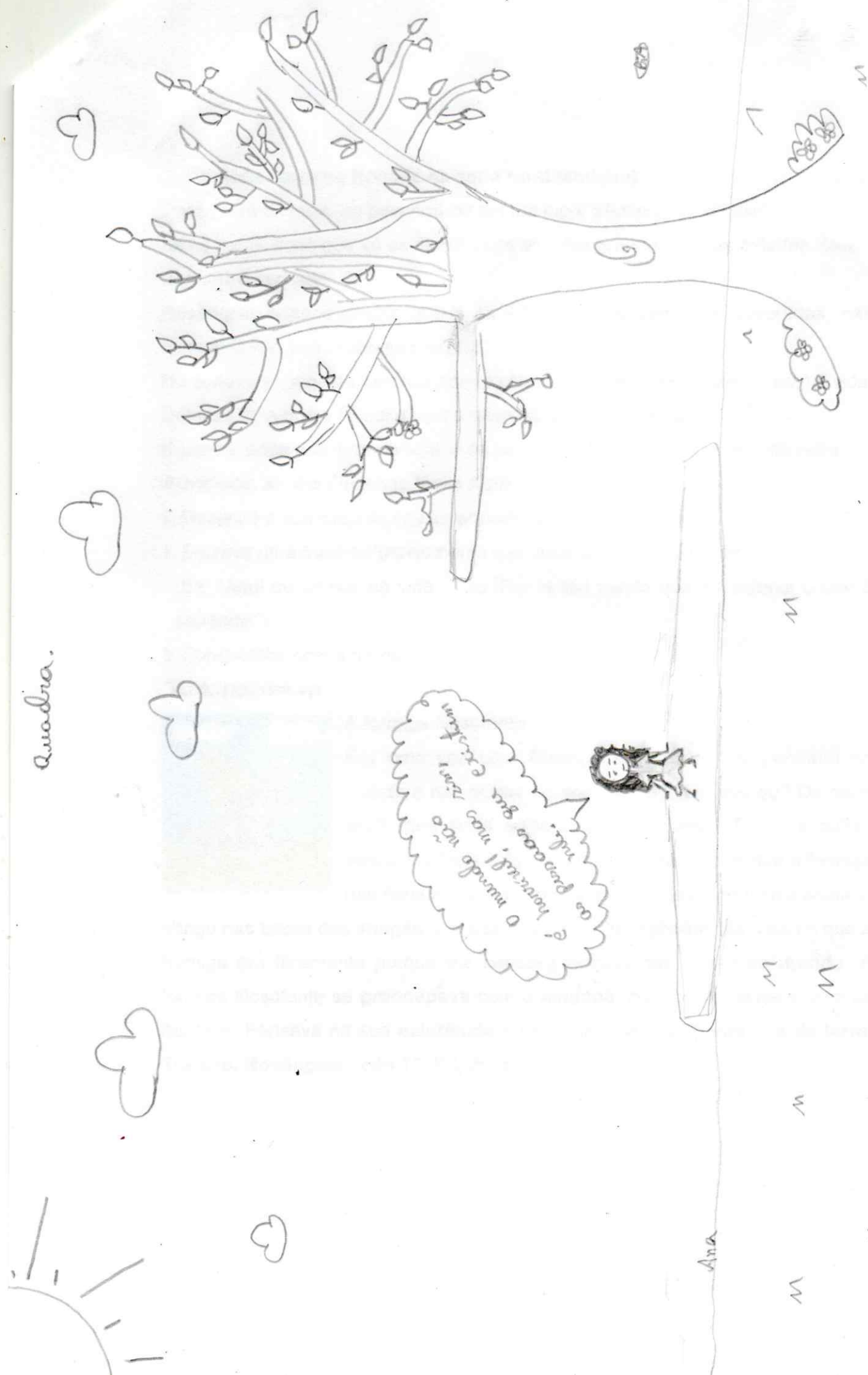
no som da chuva e no brilho das estrelas. E também... no meu coração.

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Nogueira)

Quadra.



Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto



Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

o gagar Bala

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

ero um uz uma formiga filofante leo Pena
Pensou

- Onde mora sua sabedoria?

nao no cabuco

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Noguera)

Francisco Lima Barrosa!



Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto



Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

- Onde mora sua sabedoria?

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Nogueira)



na casa vai um milho



Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto

P	O	L	F	I	M	N	S	F	P	S	A	Z	H
R	E	S	O	U	U	R	O	Ç	E	A	Q	P	A
E	V	R	R	O	N	T	L	P	N	E	W	H	I
O	I	O	M	C	D	U	V	A	S	C	S	O	C
C	V	F	I	L	O	S	O	F	A	N	T	E	N
U	E	G	G	O	R	P	O	S	V	S	F	E	E
A	M	A	A	M	I	G	A	S	A	J	E	U	T
V	N	T	R	A	B	A	L	H	A	D	O	R	S
A	O	T	E	R	R	A	M	A	N	H	Á	R	I
J	I	F	L	O	R	E	S	T	A	S	T	K	X
Y	A	I	I	N	T	E	L	I	G	E	N	T	E

Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

zago Balo?

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

minho?

- Onde mora sua sabedoria?

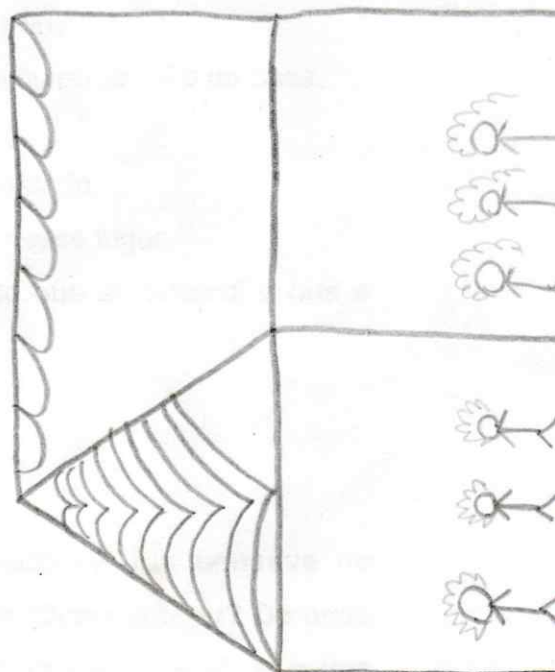
em caso?

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Nogueira)

NO MEU quintão



Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto

P	O	L	F	I	M	N	S	F	P	S	A	Z	H
R	E	S	O	U	U	R	O	Ç	E	A	Q	P	A
E	V	R	R	O	N	T	L	P	N	E	W	H	I
O	I	O	M	C	D	U	V	A	S	C	S	O	C
C	V	F	I	L	O	S	O	F	A	N	T	E	N
U	E	G	G	O	R	P	O	S	V	S	F	E	E
A	M	A	A	M	I	G	A	S	A	J	E	U	T
V	N	T	R	A	B	A	L	H	A	D	O	R	S
A	O	T	E	R	R	A	M	A	N	H	A	R	I
J	I	F	L	O	R	E	S	T	A	S	T	K	X
Y	A	I	I	N	T	E	L	I	G	E	N	T	E

Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

Dagum Bala

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

É a vida, a natureza, a família, a sociedade, a cultura, a história, a arte, a ciência, a tecnologia, a política, a economia, a religião, a moral, a ética, a estética, a filosofia, a vida em geral.

- Onde mora sua sabedoria?

na mente e no coração

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Nogueira)

NAEL



Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto



Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

Eu aprendo com a vida no campo e muito. Bala

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

Muito mal

- Onde mora sua sabedoria?

na minha cabeça

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Nogueira)



Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto



Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?
- Quem te ensina filosofia fora da escola?

jogo bola

- Onde mora sua sabedoria?

na cidade

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Nogueira)

1. The first of these is the "Garden of Eden"

which was the first garden of man.

It was the garden of man's first home.

It was the garden of man's first life.

It was the garden of man's first love.

It was the garden of man's first death.

It was the garden of man's first sin.

It was the garden of man's first redemption.

It was the garden of man's first resurrection.

It was the garden of man's first kingdom.

It was the garden of man's first glory.

It was the garden of man's first life.

It was the garden of man's first death.

It was the garden of man's first sin.

It was the garden of man's first redemption.

It was the garden of man's first resurrection.

It was the garden of man's first kingdom.

It was the garden of man's first glory.

It was the garden of man's first life.

It was the garden of man's first death.

It was the garden of man's first sin.

It was the garden of man's first redemption.

It was the garden of man's first resurrection.

It was the garden of man's first kingdom.

It was the garden of man's first glory.

It was the garden of man's first life.

It was the garden of man's first death.

It was the garden of man's first sin.

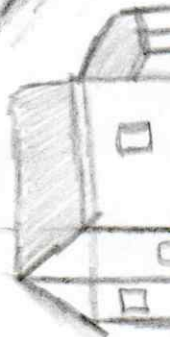
It was the garden of man's first redemption.

It was the garden of man's first resurrection.

It was the garden of man's first kingdom.

It was the garden of man's first glory.

It was the garden of man's first life.



Jefferson

Encontre no quadro abaixo as palavras que estão em negritos no texto



Perguntas para Pensar:

- O que você aprende com a vida no campo?

gagar Bolo

- Quem te ensina filosofia fora da escola?

É o meu avô, um filósofo

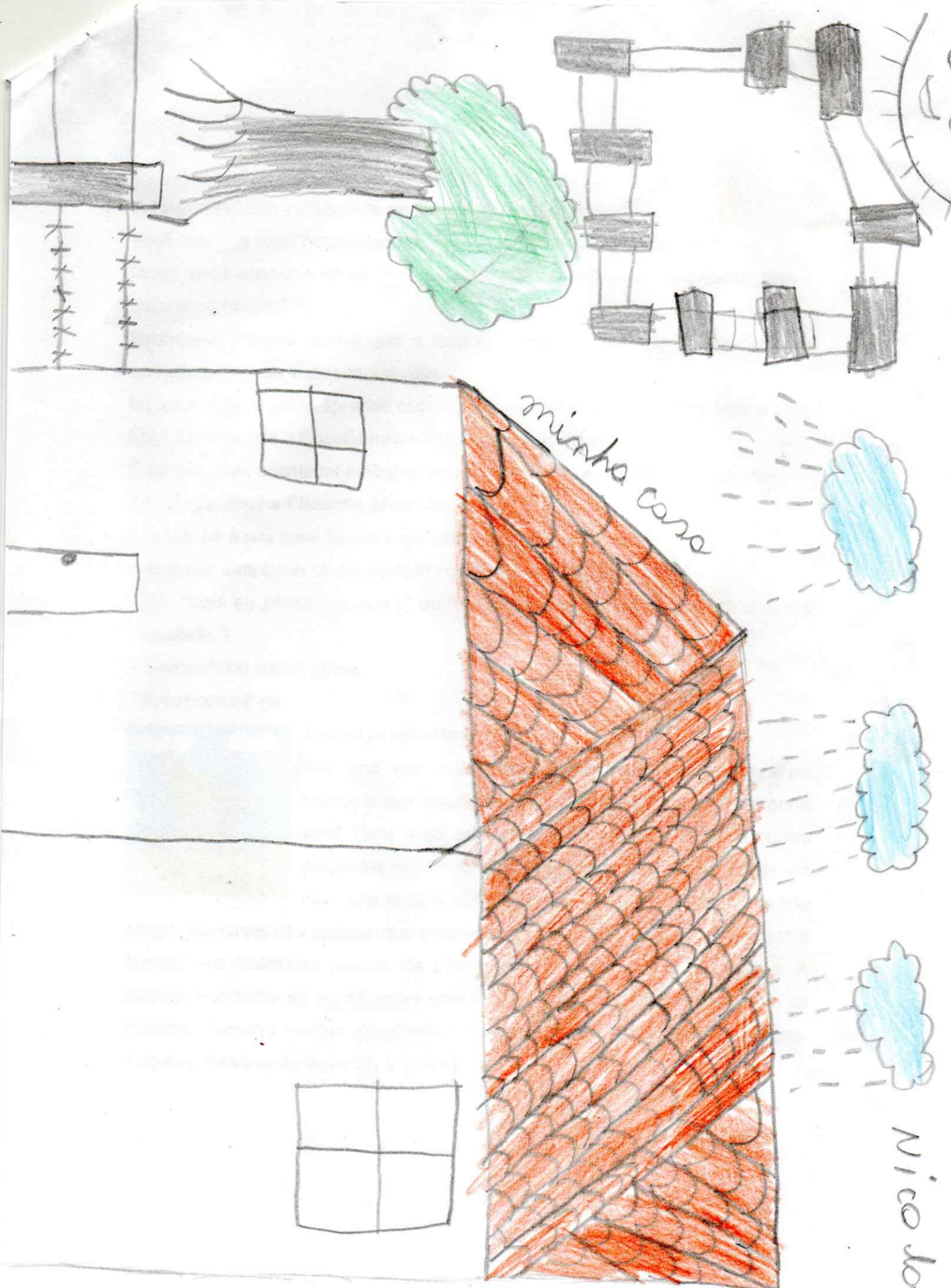
- Onde mora sua sabedoria?

no meu cabelo

Frase para a parede:

"A filosofia mora onde a vida pensa. Pode ser na cidade, na roça ou no terreiro."

(Renato Nogueira)



minha casa

Nico los